

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,  
TECNOLOGIAS E SOCIEDADE

Paula Maria Areias de Freitas

**COMO SE ALIMENTAR DE CONTROVÉRSIAS: RASTREANDO CONEXÕES  
PELA PERSPECTIVA DO DESIGN E ARTESANATO DE SÃO BENTO DO  
SAPUCAÍ - SP**

Itajubá

2018

PAULA MARIA AREIAS DE FREITAS

**COMO SE ALIMENTAR DE CONTROVÉRSIAS: RASTREANDO CONEXÕES  
PELA PERSPECTIVA DO DESIGN E ARTESANATO DE SÃO BENTO DO  
SAPUCAÍ-SP**

Dissertação submetida como procedimento para a obtenção do título de mestre do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) – Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Tecnologias.

Orientadora: Prof. Dra. Lauren Ferreira Colvara

Itajubá

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E SOCIEDADE

PAULA MARIA AREIAS DE FREITAS

**COMO SE ALIMENTAR DE CONTROVÉRSIAS: RASTREANDO CONEXÕES  
PELA PERSPECTIVA DO DESIGN E ARTESANATO DE SÃO BENTO DO  
SAPUCAÍ-SP**

Dissertação aprovada por banca examinadora em 31 de julho de 2018, conferindo a autora o título de mestre em Desenvolvimento Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).

**Banca Examinadora:**

Prof. Dra. Lauren Ferreira Colvara (Orientadora)

Prof. Dr. Luiz Eugênio Veneziani Pasin

Prof. Dra Maria Luiza Cardinale Baptista

Itajubá

2018

*Em memória de minha mãe, Maria José,  
meu exemplo de força e determinação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, à FAPEMIG e à UNIFEI pelo recurso concedido que me permitiu realizar essa pesquisa.

Ao Grupo de Estudos em Tecnologia (GEPETEC) e ao Prof. Dr. Adilson da Silva Mello por me receberem de braços abertos e manterem acesa a chama da curiosidade para que o sonho de fazer mestrado pudesse se concretizar.

À minha orientadora Lauren pelo carinho e disposição ao longo dessa caminhada.

Aos meus familiares, principalmente, minha mãe, Maria José, que mesmo na luta contra o câncer, nunca deixou de me amparar me dando força para chegar até aqui. Ao meu pai, Paulo, que mesmo preocupado com as incertezas que a vida acadêmica poderia me trazer, nunca deixou de acreditar em mim. Ao meu irmão, Paulo Henrique, pela confiança depositada e as palavras de conforto nos momentos de dificuldade e quando o choro parecia ser a única solução. E por fim, aos amigos de dentro e fora do programa, que me acompanharam ao longo dessa trajetória me ajudando e me confortando nos momentos de desespero para que eu não desistisse.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Município na Região Turística do Vale do Paraíba e Serras. ....	25
Figura 2: Rede Social São Bento do Sapucaí .....	26
Figura 3: Rede Caixa-Preta Artesanato e História .....	28
Figura 4: Tucano de Sapucaia (fruta) - Artesão Ditinho Alexandre .....	29
Figura 5: Flores de Palha de Milho Tingidas .....	30
Figura 6: Mapa da Inserção em Campo de Toda Pesquisa.....	31
Figura 7: Captura de Tela do Funcionamento e Recursos da Ferramenta My Maps .....	35
Figura 8: Mapeamento dos Dados do “Posto SEBRAE Aqui” .....	36
Figura 9: Recurso da Ferramenta My Maps para Inserção de Dados.....	37
Figura 10: Tabela de dados gerada pela ferramenta My Maps. ....	37
Figura 11: Percurso Pré-Campo .....	40
Figura 12: Entrada do Galpão do Arte no Quilombo      Figura 13: Faixa com Entrevista de Ditinho Joana.....	41
Figura 14: Ditinho Joana explicando sua obra: "A Venda do Seu Chico" .....	42
Figura 15: Detalhe da Obra .....	42
Figura 16: Rede Pré-Campo.....	43
Figura 17: Mapa ilustrado utilizado como guia de campo (2016).....	44
Figura 18: Percurso Campo 1.....	46
Figura 19: Cinema Paradiso - Museu do Cinema.....	48
Figura 20: Atelier Fiat Lux.....	48
Figura 21: Fachada Capela de Mosaicos.....	50
Figura 22: Rede Campo 1.....	50
Figura 23: Ângelo Milani.....	51
Figura 24: Captura de Tela – Roteiros Turísticos .....	52
Figura 25: Captura de Tela – Roteiros Turísticos .....	52
Figura 26: “Tem uma pedra no meio do caminho” – .....	53
Figura 27: Identificação de casa feita em mosaico.....	53

Figura 28: Percurso Campo 2.....	54
Figura 29: Sinalização Loja de Artesanato Restaurante Sabor com Arte .....	55
Figura 30: Fachada da Loja Paiol das Artes.....	56
Figura 31: Loja Pequenas Artes .....	57
Figura 32: Artefatos em Fibra de Bananeira .....	58
Figura 33: Réplica Capela de Mosaico .....	58
Figura 34: Rede Campo 2.....	59
Figura 35: Percurso Campo 3.....	60
Figura 36: Paço Municipal Professor Miguel Reale .....	62
Figura 37: Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico .....	62
Figura 38: Captura de Tela: O que visitar? – Arte e Artesanato .....	63
Figura 39: Captura de Tela – Atrativos Turísticos.....	63
Figura 40: Captura de Tela - Roteiros Turísticos.....	64
Figura 41: Rede Campo 3.....	66
Figura 42: Rede Artesanato e História .....	68
Figura 43: Rede Campo 1.....	69
Figura 44: Rede da Interferência do Design no Artesanato .....	70
Figura 45: Esquema das Etapas do Processo de Design Thinking.....	81
Figura 46: Intervenção SEBRAE .....	85
Figura 47: Intervenção Designer Renato Imbroisi .....	87
Figura 48: Intervenção Decoradora/Designer .....	89
Figura 49: Intervenções do Design no Artesanato de São Bento do Sapucaí .....	90
Figura 50: Associação Agroarte e SEBRAE.....	92
Figura 51: Rede Design X Artesanato X Turismo .....	96
Figura 52: Captura de Tela - 1º Fase do Plano Diretor de Turismo .....	98
Figura 53 Captura de Tela – Informações Geográficas.....	102
Figura 54: Pontos de Artesanato Site .....	103

Figura 55: Rede Arte e Artesanato .....	104
Figura 56: Rede Atrativos Turísticos .....	105
Figura 57: Rede Roteiros Turísticos.....	106
Figura 58 Design e Artesanato .....	108
Figura 59: História dos Materiais no Artesanato.....	109
Figura 60: Rede Artesanato e Bananicultura.....	112
Figura 61: Abajures feitos a partir da fibra de bananeira .....	113
Figura 62: Bandeja Linha Bananada Tok & Stok .....	114
Figura 63: Rede Artesanato e Sobrevivência .....	114
Figura 64: Rede Artesanato de Experiência .....	116
Figura 65: Etiqueta dos artefatos da Villa Cantagalo.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 66: Técnica de bordado aplicada a pano de prato e produtos alimentícios do bairro .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 67: Exposição dos artefatos do Arte no Quilombo na Casa de Cultura.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 68: Abajur de fibra de bananeira e ferro da Agroarte .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 69: Mapa ilustrado 2011 .....	133
Figura 70: Mapa ilustrado 2013 .....	134
Figura 71: Mapa ilustrado 2015 .....	135

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Detalhamento do Campo.....	33
Quadro 2: Pré-Campo .....	39
Quadro 3: Campo 1 – “Mapeamento”.....	47
Quadro 4: Campo 2 – Bairro Paiol Grande .....	55
Quadro 5: Campo 3 – “Coleta de dados oficiais e fontes primárias”.....	61
Quadro 6: Critérios, Compromisso e Recomendações para o Município. ....	98
Quadro 7: Artesanato João do Boi .....	126
Quadro 8: Ateliê Ditinho Joana.....	126
Quadro 9: Olivetti Artesanato .....	126
Quadro 10: Nakawe Tecidos .....	126
Quadro 11: Selaria Artefato em Couro .....	127
Quadro 12: Selaria Australiana .....	127
Quadro 13: Selaria São Bento .....	127
Quadro 14: Arte no Quilombo .....	127
Quadro 15: Agroarte .....	128
Quadro 16: Arte no Quilombo .....	128
Quadro 17: Ateliê Ditinho Joana.....	128
Quadro 18: Ateliê de Arte Juliana Chagas .....	128
Quadro 19: Casa do Artesão - Arteben .....	128
Quadro 20: Chapati – Ateliê Culinário .....	129
Quadro 21: Oliq.....	129
Quadro 22: Agroarte .....	129
Quadro 23: Arte e Artesanato.....	130
Quadro 24: Nanche Mosaicos .....	130
Quadro 25: Arte no Quilombo .....	130
Quadro 26: Ateliê Ditinho Joana.....	131

Quadro 27: Atelier Fiat Lux .....	131
Quadro 28: Arte com Arte.....	131
Quadro 29: Ar da Graça .....	132
Quadro 30: Nakawe Tecidos .....	132
Quadro 31: Feh Prado Ateliê.....	132

## RESUMO

Esta pesquisa se conforma a partir da reflexão crítica acerca da intervenção do Design no artesanato em conjunto com a compreensão do social na perspectiva da Teoria Ator-Rede na cidade de São Bento do Sapucaí. Seu objetivo é compreender como se estabelece a rede do artesanato local, cartografar e relatar as principais controvérsias observadas e, por fim, identificar e analisar como se dá a relação Design e artesanato em São Bento do Sapucaí. Por se tratar de uma pesquisa de caráter interdisciplinar, a construção teórica teve por base a Teoria Ator-Rede, principalmente, pela abordagem de Bruno Latour em paralelo com a construção do panorama histórico do Design e artesanato até a constituição de ambos em uma relação. A construção metodológica dessa pesquisa utiliza do aporte teórico/metodológico da teoria de Latour e da potencialidade em traduzir dados graficamente por meio do Design Gráfico. A partir dessa estratégia, foi possível cartografar e dispor em redes os dados obtidos nas entrevistas decorrente da observação e vivência em campo, de modo a trazer um novo “olhar” a partir do Design para a interpretação desses dados. Ao analisar os casos onde se estabelece a relação da interferência do Design no artesanato, tem-se como principais resultados tensionamentos que acometem essa relação, principalmente, no que se refere ao Design como área de conhecimento qualificada e, portanto, caracterizada como “salvacionista” capaz de oferecer ao artesão novas possibilidades de pensar seu ciclo de produção e de se posicionar mercadologicamente, desconsiderando o seu “saber” e “fazer”. No entanto, também a partir dos casos levantados, foram identificadas oportunidades de se trabalhar o Design dentro dessa relação para além de sua afetação direta no ciclo de produção de artefatos e, que se apresenta como uma troca mais benéfica para ambos.

Palavras-chave: design, artesanato, teoria ator-rede, interdisciplinaridade

## ABSTRACT

This research is built upon a critical reflection about the intervention of Design in craftwork along with the understanding of the social in the perspective of the Actor-Network Theory in the town of São Bento do Sapucaí. Its objective is to understand how the local handicraft network is established, to map and report on the main controversies observed and, finally, to identify and analyze the relationship between Design and crafting in São Bento do Sapucaí. Since this research has an interdisciplinary nature, its theoretical construction was based on the Actor-Network Theory, mainly by the approach of Bruno Latour paralleled with the beginning of the construction of the historical panorama of Design and craftwork until the constitution of them both in a relation. The methodological construction of this research makes use of the theoretical/methodological contribution of Latour's Theory in addition to the potentiality to graphically translate data through Graphic Design. The application of this strategy made it possible to map and to network the data obtained in the interviews resulting from observation and experience in the field, in order to bring a new Design "look" over the interpretation of these data. When analyzing the cases where the interference of Design in craftwork is established, the main results obtained are tensions that affect this relation, mainly regarding Design as an area of qualified knowledge and, therefore, characterized as "salvationist", capable of offering the artisan new possibilities of thinking about his production cycle and how to place himself in the market, disregarding his "know" and "how". However, also from the cases observed, there were identified opportunities to work Design within this relationship in a way beyond its direct affectation in the artifact production cycle, a way that presents itself as a more beneficial exchange for both.

Keywords: design, craftwork, Actor-Network Theory, interdisciplinarity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1.DESDOBRANDO OS CONCEITOS DA TEORIA ATOR-REDE</b> .....	<b>22</b>
1.1 O MUNDO SOCIAL DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ-MG .....	24
1.2. APENAS SIGA OS ATORES: O ARTESANATO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ .....	27
1.3. COMO ABRIR A CAIXA-PRETA ARTESANATO A PARTIR DA FERRAMENTA MY MAPS .....	34
1.4. DESDOBRANDO AS CONTROVÉRSIAS DO ARTESANATO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ-SP .....	39
1.4.1 – Pré-campo .....	39
1.4.2 Campo 1 – “Mapeamento” .....	44
1.4.3 Campo 2 – “Bairro Paiol Grande” .....	54
1.4.4 – Campo 3 - “Coleta de dados oficiais e fontes primárias” .....	60
<b>2. BREVE LEVANTAMENTO DE CONTROVÉRSIAS SOBRE O ARTESANATO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ</b> .....	<b>68</b>
2.1 ALIMENTANDO A CONTROVÉRSIA DESIGN E ARTESANATO.....	71
2.2 A PRIMEIRA FONTE DE INCERTEZA: A FORMAÇÃO DE GRUPOS PELA INTERVENÇÃO DO DESIGN NO ARTESANATO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ.....	78
2.3 QUANDO E COMO ASSUMIR UMA AÇÃO .....	93
2.4 OS OBJETOS TAMBÉM AGEM: RASTREANDO O SITE DA PREFEITURA .....	100
2.5 PRINCÍPIO DE IRREDUÇÃO E TRADUÇÃO: AS NOVAS CONEXÕES DA RELAÇÃO DESIGN E ARTESANATO.....	107
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMO LIMITAR A TEORIA ATOR- REDE NA RELAÇÃO DESIGN E ARTESANATO</b> .....	<b>118</b>
<b>4. QUESTÃO DE FATO GERADA POR ESTA PESQUISA</b> .....	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>122</b>
ANEXO 1 - O ARTESANATO PELA PERSPECTIVA DO TURISMO NO SITE DA PREFEITURA DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ.....	126



## INTRODUÇÃO

O percurso investigativo deste trabalho começou a ser traçado a partir da graduação em Design Gráfico na Universidade do Estado de Minas Gerais, onde a pesquisadora por meio do Projeto de Extensão Comunidades Criativas das Geraes desenvolvido no Centro de Estudos em Design e Tecnologia (CEDTec) na Universidade do Estado de Minas Gerais. Posteriormente, de modo profissional pelo Instituto Mani<sup>1</sup>, que tinha por objetivo utilizar do Design como ferramenta de inovação social desenvolvendo projetos focados em pequenos empreendedores, produtores e artesãos. Tais experiências trouxeram algumas inquietações que motivaram o nascimento dessa pesquisa para refletir os tensionamentos entre o Design e o artesanato.

A partir daí, compreende-se o potencial interdisciplinar dado a esta pesquisa devido a dois pilares principais: a reflexão em torno do Design e artesanato e a uma nova compreensão do social a partir da Teoria Ator-Rede. Isso se dá, pois, essas disciplinas pertencem a diferentes áreas e classes de conhecimento. Sendo o artesanato, aqui, trabalhado como um campo profissional fruto do “saber” tradicional popular.

De acordo com a Tabela de Áreas de Conhecimento formulada pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o modelo interdisciplinar aqui proposto é denominado como subárea de Sociais e Humanidades. Sendo o Design uma subárea (programação visual e desenho de produto) pertencente à Área de Conhecimento da Comunicação e da Grande Área de Ciências Sociais Aplicadas.

Já a Teoria Ator-Rede se enquadra na subárea de Outras Sociologias Específicas na Área de Conhecimento da Sociologia e da Grande Área de Ciências Humanas. Segundo o documento de área disponível pela CAPES<sup>1</sup>, compreende-se por interdisciplinaridade:

A convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia, transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora. (Documento de Área Interdisciplinar, 2016, p. 9).

Na perspectiva de Japiassu (1994), a importância das práticas interdisciplinares se mostra como negociações entre pontos de vista, projetos e interesses diferentes com o objetivo de decidir uma representação considerada como adequada em vista de uma ação. Ou seja, a interdisciplinaridade age de maneira política para atingir um determinado fim relativo à

---

<sup>1</sup> <https://www.facebook.com/InstitutoMani/>

pesquisa. Paralelo a esse pensamento, o Documento de Área Interdisciplinar da CAPES considera a produção de conhecimento interdisciplinar como “trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias e graus crescentes de intersubjetividade, visando a atender a natureza múltipla de fenômenos complexos” (Documento de Área Interdisciplinar, 2016, p.9).

Também é importante salientar, como afirma Couto (2015), que o objetivo da interdisciplinaridade não é a anulação de uma ciência em relação à outra, mas sim, evitar que uma determinada ciência estabeleça supremacia em detrimento de outros pensamentos e aportes igualmente relevantes para a pesquisa. No entanto, se faz necessário estar atento para que a interdisciplinaridade não se resuma a “práticas vazias ou meras proposições ideológicas” (COUTO, 2015, p. 92).

Logo, entende-se que para esta pesquisa, que o interesse principal da interdisciplinaridade se dá a partir da escolha da ANT, que oferece tanto uma bagagem teórica quanto empírica flexível que permite se aliar à outras disciplinas, neste caso, o Design e artesanato. O papel destinado a ANT, aqui, é desdobrar as controvérsias e incertezas referentes ao artesanato, e ao Design uma nova possibilidade de visualização e análise dos dados levantados, de modo a estabilizar a atuação do Design no artesanato local.

Para tanto, foi escolhido o município de São Bento do Sapucaí, no interior de São Paulo, situado na Serra da Mantiqueira, que também é considerado uma Estância Climática devido ao destaque dado às práticas envolvendo o Ecoturismo, principalmente, no entorno do Monumento Natural Pedra do Baú. No entanto, é sobre o crescimento do turismo de artesanato que esta pesquisa de apoia.

Já é percebido que o *locus* da pesquisa se mostra múltiplo e que o modo de encarar pode variar conforme uma “lente específica”, tal qual: perspectiva geográfica, circuito turístico e aspecto econômico. Sendo assim, o que se objetivou ao longo da pesquisa não foi de se reduzir apenas à uma realidade, mas demonstrar que há varias composições do Social partindo da relação Design e Artesanato.

E, que, portanto, a aproximação com a Teoria Ator-Rede (*Actor-Network Theory* – ANT)<sup>2</sup>, tornou-se vital para este propósito. Latour (2012) inicialmente utiliza da expressão “construção de fatos” para “descrever o notável fenômeno de artificialidade e realidade

---

<sup>2</sup> A sigla ANT em inglês Actor-Network Theory foi escolhida porque para Latour os pesquisadores da Teoria Ator-Rede, ANT em inglês, fazem trabalhos de “formigas” – *ant*. (LEMOS, 2013, p.56)

caminhando ao mesmo passo” (LATOURE, 2012, p. 133). Quando se atenta à construção de fatos relacionados ao artesanato de São Bento do Sapucaí, apresenta-se a algumas caixas-pretas. Tendo em vista, que Latour (1997), empresta o termo caixa-preta da cibernética que é utilizado quando uma máquina ou um conjunto de comandos se apresenta complexo demais. Em seu lugar é desenhada uma “caixinha preta”, pois tal representação indica que não é preciso saber nada a respeito, a não ser o que dela entra e o que sai.

Das caixas-pretas que foram inicialmente identificadas tem-se a bananicultura como sendo a principal fonte de matéria-prima para confecção dos artefatos, especialmente por se tratar de um elemento abundante, mas que só se estabelece dessa maneira, no artesanato, devido ao interesse assumido via SEBRAE<sup>3</sup>. Isso fundamenta o desenvolvimento desta pesquisa de modo que possibilitou o entendimento da composição deste Social partindo da relação estabelecida entre o Design e artesanato.

Ressalta-se ainda, que a escolha desse *locus* de pesquisa também se motivou devido ao contato prévio com projetos que já haviam sido desenvolvidos anteriormente no campo do Design e artesanato. Tanto por iniciativas do Poder Público quanto via SEBRAE, porém, com diferentes propósitos. Esses projetos tiveram influência direta e indireta do Design<sup>4</sup>, o que torna essa relação mais plausível. No entanto, foi possível observar o ponto em comum entre eles: a intervenção do Design no processo de produção e na confecção de artefatos, compreendendo por artefato todo objeto que sofre interferência humana (CARDOSO, 1998; LATOUR, 2002).

Estas iniciativas também apresentaram conexão com as três possíveis intervenções do Design no artesanato de acordo com a definição estabelecida pela UNESCO (2007): 1) intervenções nos mercados e consumidores; 2) intervenções na criatividade artesanal, contextos tradicionais e culturais e 3) intervenções em técnicas, tecnologias e materiais. Esse paralelo apenas reforça o movimento contrário ao que se pretende, de desmistificar o caráter prático, técnico e detentor do conhecimento destinado ao Design.

Isso posto, foi traçada uma estratégia alternativa a essas intervenções já desenvolvidas no município. Aqui o Design será trabalhado em conjunto com a ANT, de modo, a se estabelecer como uma ferramenta, que possibilita uma nova percepção e visualização dos dados a respeito do artesanato local e das intervenções anteriormente realizadas. Portanto, é importante frisar que o Design aqui não resultará em algo tangível, ou seja, não se chegará a

---

<sup>3</sup> Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

um produto final material. Aqui será utilizado como auxílio ao processo reflexivo e investigativo acerca dos estudos de caso do artesanato de São Bento do Sapucaí.

E, desta maneira, se justifica a escolha do aporte teórico da ANT para dar suporte ao Design, principalmente, por considerar que:

[...] a ANT está interessada não apenas em libertar os atores humanos da prisão do social, mas também em oferecer aos objetos naturais uma ocasião para escaparem da cela estreita dada às questões de fato pelo primeiro empirismo. (LATOURE, 2012, p. 167).

Ou seja, quando se limita a observar o artesanato do ponto de vista das interferências do Design no artesanato local, restringe-se as possíveis composições do Social aqui manifestadas ao longo deste relato de pesquisa. Fixar-se-ia o olhar da pesquisadora às possibilidades de atuação do Design apenas pelo levantamento prévio dos projetos realizados no município, que também se aproximam das três intervenções do Design no artesanato definidas pelo documento da UNESCO de 2007. E, que, descartam novas probabilidades de envolvimento de ambos nessa relação.

E, assim, quando se atenta às questões de interesse, amplia-se a investigação para os múltiplos agentes humanos e não humanos. Passa-se de “um repertório empobrecido de intermediários a um conjunto de mediadores altamente complexos e controversos” (LATOURE, 2012, p. 173). Por isso, a necessidade de se fazer um levantamento minucioso de controvérsias, de modo, a mapear os atores heterogêneos e de interesse, compreendendo como se estabilizaram ou poderão se estabilizar como fatos no artesanato de São Bento do Sapucaí.

Para que o leitor possa se orientar no percurso investigativo traçado dentro desta pesquisa, adotou-se, aqui, a estratégia de relatar brevemente, em ordem cronológica, os eventos identificados dentro da relação do Design<sup>4</sup> e artesanato no município.

Conforme as informações adquiridas em entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2017, com a subsecretária da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento do município foi confirmada a atuação do Design no artesanato via SEBRAE, no ano de 2002, que ocorreu no bairro do Quilombo. A intervenção de tal instituição objetivou a atuação direta no processo de produção, capacitação dos artesãos e desenvolvimento de novos produtos. Como resultado dessa intervenção, foram introduzidas a palha e a fibra de bananeira como principais matérias-

---

<sup>4</sup> Design com “D” maiúsculo irá se referir à área de conhecimento.

primas na confecção dos produtos, devido à construção do fato em torno da banicultura como sendo uma das principais fontes de renda local.

Dando sequência, no ano de 2013, a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento de São Bento do Sapucaí desenvolveu no Bairro Cantagalo um projeto piloto em Turismo Rural Comunitário, que se tratava de um plano de desenvolvimento econômico e social local. Esse projeto mobilizou diversos parceiros e voluntários para a realização de cursos e oficinas, sendo um deles o designer de artesanato Renato Imbroisi, que fez um breve diagnóstico do artesanato do bairro. A subsecretária de turismo confirmou que a iniciativa para contratação do designer se deu pela coordenadora do projeto e moradora do bairro, motivada pelo reconhecimento e valorização da atuação do trabalho do designer.

No ano de 2015, por meio da Incubadora de Economia Criativa instalada na Secretaria de Turismo e Desenvolvimento foi elaborado o “Projeto Cores e Sabores”, que em primeiro momento tratava-se de reuniões com artesãos locais e a realização de uma feira no centro da cidade. Posteriormente, passou a ocupar o prédio do Mercado Municipal com funcionamento aos sábados e domingos. A princípio a coordenação do projeto ficou sob responsabilidade da incubadora de Economia Criativa e com o decorrer do tempo, passou a ser coordenada pelos próprios artesãos do município. O intuito do projeto era desenvolver e capacitar os artesãos locais para a confecção de produtos com uma identidade que representasse o município, com foco na iconografia da Pedra do Baú. No final de 2016, o projeto teve seu encerramento.

Em dezembro de 2016, foi inaugurado o “Posto SEBRAE Aqui” no município. Tal acontecimento é de grande relevância para o artesanato local, pois é responsável pelo registro dos artesãos da cidade. Atualmente, o posto de São Bento do Sapucaí é referência para outros municípios da região que possuem forte relação com o desenvolvimento do turismo, como Campos do Jordão<sup>5</sup> e Santo Antônio do Pinhal<sup>6</sup>.

Tal posto trata-se de um desdobramento municipal do SEBRAE do Estado de São Paulo com o propósito de auxiliar e estimular os empreendedores locais a idealizar e gerir seu próprio negócio, ofertando cursos, palestras, oficinas e consultorias presenciais.

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre a cidade de Campos do Jordão: <http://camposdojordao.sp.gov.br/>

<sup>6</sup> Para mais informações sobre a cidade de Santo Antônio do Pinhal <http://santoantoniopinhal.sp.gov.br/site/>

Também em 2016, foi desenvolvido pela Governança Turística Local, o Selo de Conformidade para os empreendimentos turísticos da cidade, que tem por intuito mostrar ao turista a preocupação do município com as normas públicas e de respeito ao Meio Ambiente na produção de seus produtos, não só ao que se destina ao artesanato. Além disso, certificar a qualidade do que está sendo comercializado no município e na região.

Agora, que o leitor se encontra parcialmente familiarizado com o *locus* escolhido e dos projetos desenvolvidos envolvendo o Design e artesanato, também se faz possível instruí-lo não somente das oportunidades permeiam esta pesquisa, mas também das problemáticas encontradas. Como observado em alguns textos acadêmicos (LEON, 2005; PAULA, 2008; SANTANA, 2012) e nos primeiros contatos com os atores de São Bento do Sapucaí ao ponderar o papel do designer ao atuar na sua relação com o artesão, questiona-se o designer como única figura detentora do conhecimento e competências, capaz de “solucionar problemas”, conseqüentemente, enfraquecendo os potenciais do artesão. Isto reverbera, aqui, como um dos principais tensionamentos relacionados ao Design e o artesanato.

Para que isso não ocorra, é importante que o artesão também tenha participação nessa relação, ganhando espaço à sua maneira, ao mesmo tempo que se apresenta disposto às novas oportunidades para a constante evolução de seu trabalho, “transpondo a barreira do acesso à informação e entrando em contato com as discussões que acontecem sobre sua atividade, com o usuário de seu produto, com os novos canais de comunicação.” (SANTANA, 2013, p. 111).

Isso de dará, compreendendo os principais materiais, técnicas, artefatos e demais atores presentes nessa rede, de modo a possibilitar ao Design operar como uma “lente específica” capaz de agir em conjunto com a ANT como um suporte à reflexão e crítica ao papel desempenhado pelo Design destinado apenas à confecção de novos produtos.

Além disso, é importante salientar que não foi adotado um procedimento metodológico padrão, ou seja, esta pesquisa não segue um procedimento já estabelecido, sendo que os métodos aqui abordados foram desenvolvidos a partir de adaptações baseadas no referencial teórico, com foco no livro “Reagregando o Social: uma introdução a Teoria Ator-Rede” de Bruno Latour, visto que tal teoria trabalha de modo flexível e permite a adoção desta estratégia.

Sendo que, como observado ao longo do texto, os recursos escolhidos irão se assemelhar a alguns tipos fundamentais da pesquisa qualitativa, podendo perpassar tanto pelo estudo de caso, quando se destina a estudar minuciosamente a relação Design e artesanato de São Bento do Sapucaí, quanto pela etnografia, sendo a ANT aqui considerada como uma versão

“melhorada” de tal, pois se dedica não somente aos atores humanos envolvidos na composição desse Social.

Os capítulos a seguir foram elaborados de modo que, o primeiro capítulo visa a introdução da ANT e dos principais conceitos que irão ser trabalhados ao longo do texto afim de familiarizar o leitor, a identificação do Social São Bento do Sapucaí e do artesanato do município por meio do levantamento de dados coletados durante a inserção em campo.

O segundo capítulo busca desdobrar a relação Design e artesanato a partir do levantamento de controvérsias do artesanato resultante da análise do primeiro capítulo. Partindo para um breve panorama histórico para uma compreensão global, nacional, e por fim, regional de como se desenvolve essa relação. E, por fim, seguindo para análise das redes do campo e do site da prefeitura pela perspectiva de quatro das cinco incertezas definida por Latour em “Reagregando o Social: uma introdução à Teoria Ator-Rede.”

Concluindo, com o terceiro capítulo e considerações finais, que retoma os estudos de caso focados apenas na relação Design e artesanato para finalizar a reflexão crítica em torno dessa relação.

# 1. DESDOBRANDO OS CONCEITOS DA TEORIA ATOR-REDE

Este capítulo aborda os conceitos iniciais utilizados na pesquisa, assim como, a contextualização e as primeiras formações da rede estudada. Para isso foi utilizada como base de inspiração as cinco fontes de incertezas listadas por Bruno Latour em “Reagregando o Social: uma introdução a Teoria Ator-Rede”. Tal estratégia fica mais explícita conforme as orientações dadas no prefácio brasileiro da referida obra:

Mas o que é mesmo que Latour pretende com esse livro, ao fornecer uma espécie de roteiro de perguntas que devem ser respondidas por aqueles que querem retrazar as trilhas produzidas pelas associações entre atores. Aparentemente ele não pretende nada mais, nada a menos que retirar da sociologia a segurança da imutabilidade de seu objeto de estudo bem como as formulas que se deve empregar para melhor explicá-lo (LATOURE, 2012, p. 13)

Isto se motivou para que não apenas se retirasse as certezas da sociologia, mas bem como da atuação do Design em relação ao artesanato, também para a compreensão do modelo do Social e rede do município de São Bento do Sapucaí. Tendo como fundamento a capacidade de “rastrear conexões” (LATOURE, 2012, p. 18), desvencilhando da noção do social apenas aquilo que está diretamente relacionado à ação humana.

Portanto, para Latour (2012) o social deixa de ter uma definição limitada e passa a ser entendido como um movimento de associações com ações de humanos e não humanos - princípio de simetria - ideia central da ANT. Para interpretação desse novo modelo de social a ANT traz como lema: “seguir os próprios atores”, isto é, a partir da observação desses diferentes atores é possível compreender a rede a ser formada. No entanto, “buscando “apenas” segui-las sem tentar resolvê-las” (GONZALES; BAUM, 2013, p. 10), pois de acordo com Latour (2012), ao tentar resolvê-las interfere-se na ação realizada pelos próprios atores.

Para reforçar essa ideia, Latour (2012) e Pereira e Boechat (2014), afirmam que as controvérsias são ideais para a análise da formação de estruturas sociais: elas evidenciam atores, relações e agências que de outra forma poderiam passar despercebidas.

Além disso, Latour (2012) oferece um caminho para o estudo dessas controvérsias utilizando-se como base cinco fontes de incerteza, são elas: 1) a natureza dos grupos; 2) a natureza das ações; 3) a natureza dos objetos; 4) natureza dos fatos e 5) estudos realizados sob rótulo de ciência do social. No entanto, essa pesquisa irá se ater apenas às quatro primeiras incertezas descritas, devido ao limite trazido pelo mestrado, de modo a oferecer novas possibilidades a serem trabalhadas futuramente no programa de doutorado.

Assim, a partir dos passos apontados pelo autor e da vivência em campo, rastrear esse social, tendo como ponto de partida as controvérsias observadas dentro de diferentes agrupamentos dos atores. Visto que, como aponta Gonzales e Baum (2013), as controvérsias aqui colocadas não são tidas como barreiras que dificultam a realização do trabalho, mas sim, o meio como se constrói a ciência desse social.

Levando em conta a formação de grupos colocada por Videla (2016), ao retomar Latour (2012), que aponta que os grupos existem na medida em que são feitos e refeitos, a partir disso, os pesquisadores podem se utilizar de tal recurso para compreender como o social é gerado, por meio do rastreamento dessas novas conexões.

No entanto, antes de dar início ao percurso pelas fontes de incerteza, se faz necessário um breve desdobramento dos principais conceitos da ANT, que serão mais frequentes nessa pesquisa. A começar pela própria expressão que nomeia a teoria - “ator-rede” - neste caso, “o ator não é o indivíduo e a rede não é a sociedade. O ator é rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação” (LEMOS, 2013, p. 23), ou melhor, “o “ator” não é a fonte de um ato e sim, o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção” (LATOURE, 2012, p. 75).

Quando o autor se refere ao termo “mediadores” a cima é importante salientar o que ele representa para a compreensão das redes. Outro termo de igual relevância também apontado por Latour (2012) é “intermediário”. Para o autor, um intermediário é “aquilo que transporta significado ou força sem transformá-lo. [...] Um intermediário pode ser considerado como uma caixa-preta que funciona como uma unidade, embora internamente seja feita de várias partes” (LATOURE, 2012, p. 65). Como exemplo de intermediário, tem-se o artesanato de São Bento do Sapucaí antes da inserção da pesquisadora e sua conformação a partir do site da prefeitura.

Já, os mediadores “podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. [...] Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOURE, 2012, p.65). No caso, a partir da inserção da pesquisadora e da vivência em campo novos elementos vão surgindo ressignificando essa rede.

Para além disso, Latour (2012) compreende por social um movimento peculiar de reassociação e reagregação e, portanto, a:

(...) rede não é vista como uma conexão, mas sim, como uma composição, ou seja, a rede é o próprio movimento associativo que forma o social, é circulação, a inscrição de influências de actantes sobre actantes, tradução, mediação até sua estabilização como caixa-preta. (LEMOS, 2013, p. 53).

A ANT, de modo a “nivelar topologicamente sujeitos e objetos, atores humanos e não humanos, que descreve e destaca as controvérsias buscando abrir ‘caixas-pretas’ (clichês, estereótipos, lugares-comuns, enunciados e objetos estabilizados)” (LEMOS, 2013, p. 23) pode encontrar no Design um aliado, principalmente, por se tratar de “uma atividade criativa que tem como objetivo estabelecer as múltiplas qualidades de objetos, processos, serviços em todo seu ciclo de vida” (ICSID apud KRUCKEN, 2005, p. 43).

Além disso, o designer pode controlar o destino do artefato quando condicionado a dois fatores: “o alistamento de pessoas e o controle sobre o alistamento destas pessoas, de forma a tornar previsível suas ações na rede do artefato” (LATOUR, 2000 apud MEYER, 2011), o que Latour denomina como sendo o processo de tradução ou translação. Assim também observa Andrade (2005) ao tratar de inovação, nesse caso, o princípio de translação se aplica como uma “ação estratégica dos inovadores na qual o inovador precisa ao mesmo tempo controlar o contexto social em que se desenrola a prática inovadora e se adaptar a ele” (ANDRADE, 2005, p. 149).

Portanto, ao analisar as comunidades de São Bento do Sapucaí pelo viés da ANT, percebe-se que o Design assim como o artesanato, pode atuar como uma prática de inovação, atuando de maneira interdisciplinar com a ANT. Possibilitando não somente a criação de novos campos de estudo, mas também permitindo uma nova compreensão de atuação dessas disciplinas.

As seções a seguir foram elaboradas a partir da experiência da pesquisadora em campo de modo a explicitar os conceitos aqui introduzidos. Em um primeiro momento optou-se pela breve descrição do *locus* onde se desenvolve a pesquisa e a motivação dos campos de conhecimento escolhidos para serem trabalhados utilizando como ferramenta de auxílio o *My Maps* do *Google*.

## 1.1 O MUNDO SOCIAL DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ-MG

Haja vista que para a ANT o social se caracteriza por ser uma composição dinâmica, ou seja, tem-se que o “adjetivo *social* designa dois fenômenos inteiramente distintos: ele é ao mesmo tempo uma *substância*, um tipo de matéria, e também um *movimento* entre elementos não sociais” (LATOUR, 2012, p. 229). E assim, quando se considera o município como sendo o social, está se referindo as inúmeras associações que o compõe e as estratégias oferecidas para

uma exploração mais detalhada dessa relação. Neste caso, a complexidade do social São Bento do Sapucaí se dá pelas suas diferentes descrições, geográfica e turística.

Descrito geograficamente, o município de São Bento do Sapucaí, está localizado na Serra da Mantiqueira, região do Vale do Paraíba do Estado de São Paulo, mais especificamente no Alto Sapucaí. Das informações obtidas sobre a cidade a de mais relevância para a pesquisa, além da sua divisa com a região sul do Estado de Minas Gerais, é que a maior parte de sua população, 55,2%, localiza-se na zona rural, enquanto 44,8% dos habitantes encontram-se na zona urbana<sup>7</sup>.

Em contrapartida, a representação da localização da cidade, conforme a Secretaria de Turismo de São Paulo se apresenta na macrorregião turística do Vale do Paraíba e Serras; e Mar (litoral norte de São Paulo), juntamente com os municípios de São José dos Campos, Monteiro Lobato, Santo Antônio do Pinhal, Pindamonhangaba, Piquete e Campos do Jordão.

Figura 1: Localização do Município na Região Turística do Vale do Paraíba e Serras.



Fonte: Adaptação do mapa disponível em: <http://www.jornaloline.com.br/2010/out/pages/turismo-regionalizacao.php>

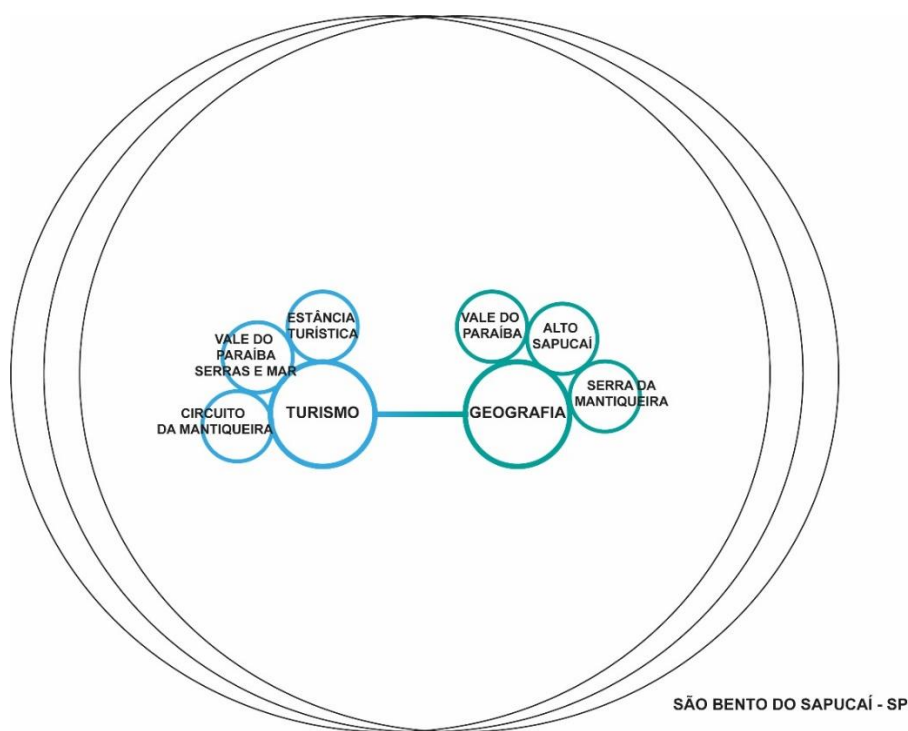
Em 1947, São Bento do Sapucaí recebeu a denominação de Estância Climática e em 2017 passa a assumir a condição de Estância Turística. Tal denominação se diferencia pela aplicação de verba destinada às atividades turísticas, que é três vezes maior que a verba

<sup>7</sup> Informações disponíveis no site: <http://www.saobentodosapucaí.sp.gov.br/>. Acessado em 19 de agosto de 2015.

destinada a municípios de interesse turístico. Atualmente, setenta municípios recebem a denominação de Estância, podendo ser Turística, Climática e Hidromineral. Para que recebam essa classificação necessitam oferecer condições de lazer, recreação, recursos naturais e culturais específicos, além de atender às seguintes categorias: ter tratamento de água, tratamento de esgoto e coleta seletiva.

Também, devido à sua localização, São Bento do Sapucaí está integrado ao Circuito da Mantiqueira, juntamente com os municípios de Pindamonhangaba, Monteiro Lobato, Campos do Jordão, Piquete, Santo Antônio do Pinhal e São Francisco Xavier. A partir do levantamento das controvérsias em torno da composição do social de São Bento do Sapucaí, segue abaixo a representação dessa rede conformada pelos atores turismo e geografia descritos anteriormente.

Figura 2: Rede Social São Bento do Sapucaí



Fonte: a autora.

A rede primária acima traz os dois atores principais para compreensão da composição do social de São Bento do Sapucaí, o turismo e a geografia. Ambos são formados por uma associação, que é representada pela variação de cores em degradê, pois se apresenta em agência constante entre eles, o que não permite a identificação do sentido da ação. Além disso, os atores

são representados pelos principais mediadores, que são responsáveis pela classificação do município. No caso do turismo, “Estância Turística”, “Vale do Paraíba, Serras e Mar” e “Circuito da Mantiqueira”. Já na geografia, “Vale do Paraíba”, “Alto Sapucaí” e “Serra da Mantiqueira”. Percebe-se que, apesar de pertencerem a categorias distintas, os mediadores se assemelham, e, portanto, justificam a representação da agência, que se explica pela associação dos atores e suas mediações em constante movimento.

Tem-se aqui a dificuldade aparente em rastrear esse social, que segue três deveres para sua análise: “ser capaz de desdobrar todo o âmbito de controvérsias sobre quais associações são possíveis; ser capaz de mostrar por quais meios essas controvérsias se estabelecem e como prosseguem; e poder ajudar a definir os procedimentos corretos para composição do coletivo” (LATOURET, 2012, p. 31). Portanto, as incertezas geradas por meio das controvérsias, aqui levantadas, serão apenas descritas e rastreadas, de modo que não será possível visualizar suas estabilizações nessa pesquisa.

## **1.2. APENAS SIGA OS ATORES: O ARTESANATO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ**

Ao seguir o desdobramento das controvérsias em torno da configuração do social São Bento do Sapucaí, chega-se por fim ao ator artesanato, principalmente, quando se desdobra a controvérsia referente a composição geográfica do município. Aqui, é importante lembrar que sua composição se dá majoritariamente na zona rural, que é justamente onde o artesanato tem maior destaque, tanto no ciclo de produção quanto de comercialização.

E, que, portanto, a zona urbana assume um papel de facilitador, tornando o artesanato produzido na zona rural mais acessível para o restante da população e para os turistas. Visto que, atualmente na região central da cidade encontra-se a Casa do Artesão funcionando no prédio do Mercado Municipal, onde também era realizado o projeto “Cores e Sabores”.

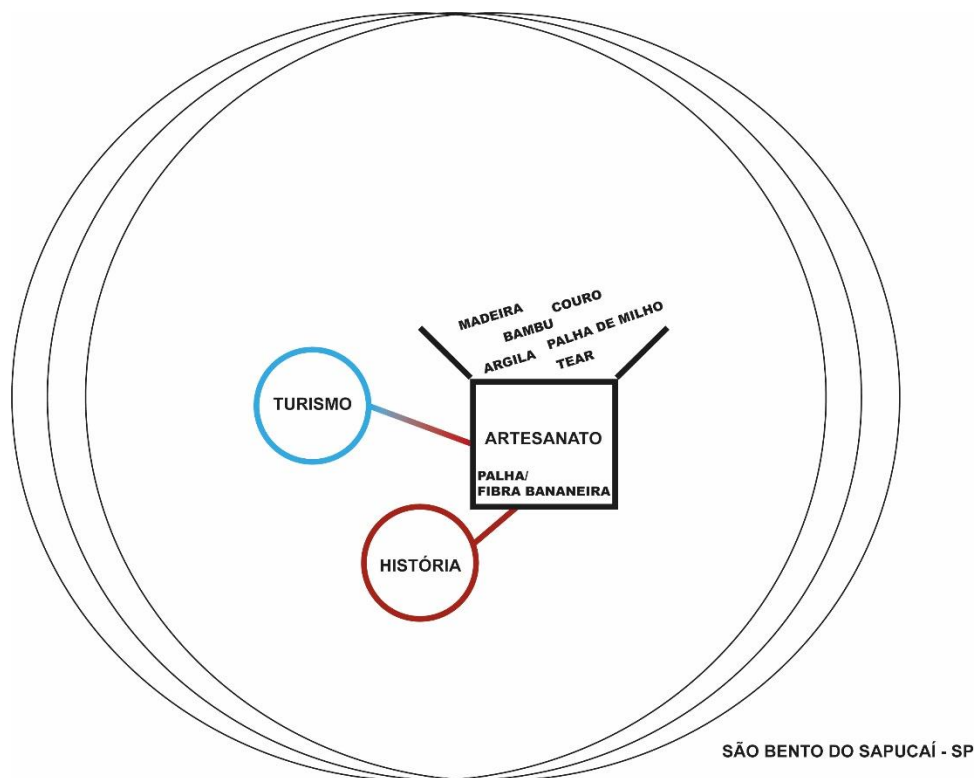
A partir dessa compreensão e antes de dar início ao detalhamento referente ao campo, se faz necessário um breve percurso histórico sobre os materiais e as práticas artesanais comuns como possível origem do artesanato no município. “A necessidade de melhorar seu modo de vida leva o homem a criar peças de utilidades diversas, utilizando-se de matérias-primas básicas, tais como madeira, bambu, argila, sendo o artesanato uma das manifestações mais antigas do homem” (GRECCO, 2006, p. 32). Destacando que o artesanato neste momento seria

uma atividade de sobrevivência e não somente uma atividade econômica, como coloca Greco (2006), os moradores utilizavam a criatividade e o conhecimento como prática deste artesanato para a construção de casas, na fabricação de utensílios tanto para o trabalho no campo quanto para o trabalho doméstico.

Aqui poder-se-á perceber que já havia uma história de hábitos e costumes do artesanato ligado a materiais que eram abundantes na região, tanto em termos de atividade de sobrevivência econômica como também de constituição de um habitar cotidiano. No que se segue, o destaque destes materiais primários, seus usos e seu histórico se tornam importantes na abertura da caixa-preta que encobria o artesanato de São Bento do Sapucaí, direcionando o entendimento resumido a Fibra/Palha de bananeira, que por sua vez estava diretamente ligado a intervenção do Design.

Estes materiais primários listados por Silva (1993) e Greco (2006) que foram utilizados na prática artesanal da história do município, ampliam a rede de materiais que são utilizados no artesanato de São Bento do Sapucaí, sendo eles: madeira, a palha de milho, couro e o tear.

Figura 3: Rede Caixa-Preta Artesanato e História



Fonte: a autora.

Já nessa rede percebe-se o social de São Bento do Sapucaí composto pela associação do turismo com a história do artesanato. Optou-se pela representação do ator artesanato como sendo uma caixa-preta para evidenciar que houve uma ruptura da estabilização que compreendia o artesanato apenas do ponto de vista da fibra e palha de bananeira, e, que devido à imersão na história do município revelou outros materiais relevantes para essa compreensão. Tais materiais ainda se fazem presentes no ciclo de produção do artesanato local e foram identificados durante o percurso em campo.

Durante o Pré-campo, já foi possível constatar a importância de determinados materiais históricos até o presente momento no município, visto que, ao visitar o ateliê de um dos principais nomes do artesanato do município, Ditinho Joana, que se utiliza somente da madeira como principal matéria-prima para realização de suas obras. No Campo 1 – “Mapeamento” - na Casa de Cultura Miguel Reale teve-se contato com o artesão Ditinho Alexandre, que desde criança ao ver o pai trabalhando em casa, despertou o interesse em desenvolver trabalhos utilizando a madeira como matéria-prima, dos principais artefatos se destacam os brinquedos de madeira e os pássaros utilizando a madeira e outros elementos da natureza, como frutos e sementes em sua composição.

Figura 4: Tucano de Sapucaia (fruta) - Artesão Ditinho Alexandre



Fonte: a autora.

Já no Campo 2 –“Paiol Grande”, a pesquisadora foi surpreendida pela constatação, mais uma vez, da madeira como principal material. Tal informação foi obtida em entrevista com a responsável pela loja Paiol das Artes, que também é moradora do bairro. Essa surpresa se deu, porque era esperado se deparar com a predominância de artefatos que utilizassem da palha e fibra de bananeira como matéria-prima principal devido à identificação predominante da bananicultura no bairro do Paiol Grande.

Também observada no Pré-Campo, a palha de milho, utilizada na Arte do Quilombo e na Casa do Artesão, é obtida através da principal cultura alimentar local, produzida e consumida pelos moradores desde a fundação do município e resultou na confecção de cestas, bolsas, assento e encosto de cadeiras, flores, bonecas, esteiras, entre outros objetos decorativos.

Figura 5: Flores de Palha de Milho Tingidas



Fonte: a autora.

Por sua vez, a confecção de artefatos com couro dos animais, que se destaca nas selarias (Artefato em Couro, Australiana e São Bento), material conhecido historicamente para confeccionar camas, alforjes embornais (bolsa utilizada no cotidiano), cordas, canastras para guardar roupas, cestos para alimentar os animais, bainhas para facas, fabricação de móveis, assento de cadeiras, entre outros utensílios todos desta ordem de vida cotidiana, inclusive sapatos e botas.

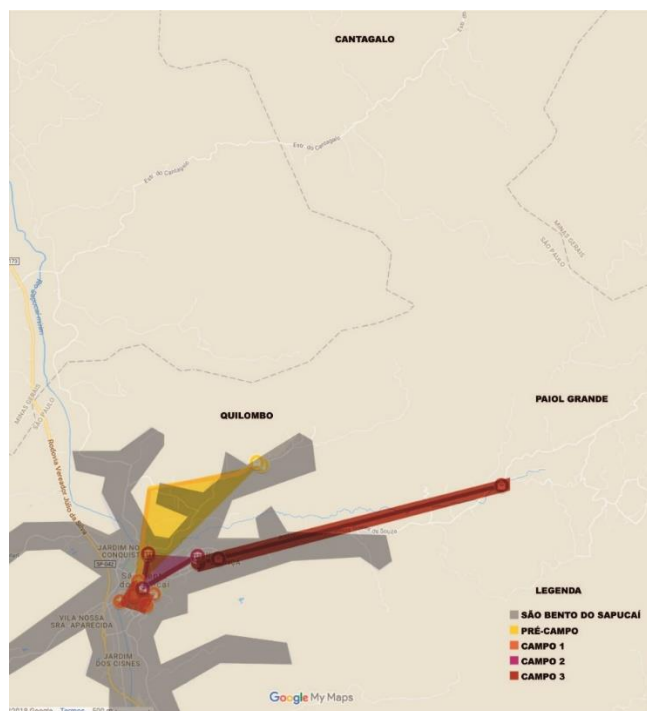
Atualmente esta tradição se estende não apenas na confecção de selas como também na continuidade da tradição da confecção dos sapatos e bolsas que mantiveram a sua constância de produção ao longo dos anos. No entanto, a produção de selas vem sendo reavivada por conta de uma demanda de mercado.

Além disso, tem-se destaque para a atividade artesanal do tear, que é encontrada na loja Olivetti, atividade, que ao se atentar à história, era destinada exclusivamente às mulheres, que fiavam e teciam em seus teares rústicos as roupas, cobertores, tapeçaria e artigos de montaria, que por sua vez continuam da mesma forma de produção.

Nota-se a partir desse breve histórico que os materiais listados ainda são presentes nos artefatos, com a atenção especial à palha de milho. Também foram observadas outras técnicas até então pouco exploradas devido ao destaque dado à utilização da fibra e palha de bananeira. Nesse momento da pesquisa, a ANT tem um importante papel, pois abre esta nova caixa-preta, ou seja, a existência de um artesanato tradicional que se alimenta de um histórico da vida cotidiana de São Bento do Sapucaí e que não teve interferência do Design.

Para isso, segue um breve resumo de como foi pensada a estruturação para a inserção em campo, juntamente com o mapa identificando as regiões visitadas, de modo a fazer com que o leitor tenha uma familiaridade com os locais que serão descritos ao longo do texto.

Figura 6: Mapa da Inserção em Campo de Toda Pesquisa



Fonte: elaborado pela autora.

No mapa acima é possível visualizar que a pesquisa se ateve à cidade de São Bento do Sapucaí, ou seja, principalmente aos bairros mais próximos da zona urbana. Nota-se que dos bairros rurais estudados o mais distante que se chegou foi até o bairro do Paiol Grande que está localizado a aproximadamente 5,5 Km da região central, tendo como ponto de referência o Mercado Municipal, onde está alocado o projeto “Cores e Sabores”.

Quadro 1: Detalhamento do Campo

<b>INSERÇÃO EM CAMPO</b>		
<b>Data do campo</b>	<b>Objetivo do campo</b>	<b>Materiais e métodos</b>
<b>15/08/2015</b> <b>“Pré Campo”</b>	<p>Explorar locais de produção e comercialização de artesanato no município;</p> <p>Compreender os materiais e artefatos predominantes;</p> <p>Investigar a relação Design x artesanato no município;</p> <p>As principais ações de órgãos públicos no artesanato local.</p>	Com base nos objetivos foi desenvolvido um roteiro guia para a realização de entrevistas semiestruturadas. Os registros das entrevistas foram feitos em um caderno de anotação juntamente com o auxílio de registros audiovisuais dos pontos de artesanato e dos artefatos. Posteriormente foram transferidos para o caderno de campo com informações mais detalhadas.
<b>26/10/2016</b> <b>Campo 1</b> <b>“Mapeamento”</b>	Mapear materiais dos artefatos de acordo com locais de produção e comercialização;	Utilização de mapas ilustrados como auxílio para o trajeto em campo, entrevistas semiestruturadas com registro escrito e audiovisual.
<b>06/11/2016</b> <b>Campo 2</b> <b>“Bairro Paiol Grande”</b>	Mapear materiais dos artefatos de acordo com o bairro Paiol Grande.	Utilização de mapas ilustrados como auxílio para o trajeto em campo, entrevistas semiestruturadas com registro escrito e audiovisual.
<b>23/01/2017</b> <b>Campo 3</b> <b>“Coleta de dados oficiais e fontes primárias”</b>	Coleta de dados na Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico e no “Posto SEBRAE Aqui”	Registro escrito e audiovisual das entrevistas semiestruturadas. Pós-campo foi utilizada a ferramenta <i>My Maps</i> para identificar os campos em comparação com os dados obtidos.
<b>31/05/2017</b> <b>Campo 4</b> <b>“Coleta de dados sobre o turismo local”</b>	Compreensão do turismo local e participação no 1º Seminário do Turismo de São Bento do Sapucaí.	Registro escrito e audiovisual do conteúdo do seminário e de pequenas entrevistas realizadas durante o evento.

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da exploração dos materiais históricos e as suas conexões, buscou-se o detalhamento de novos materiais em cada campo, que será explorado nas próximas seções. No entanto, se faz necessária a introdução sobre o funcionamento da ferramenta escolhida como auxílio ao campo para visualização e interpretação dos dados, o que também justifica a

motivação por esta opção. Portanto, a seção a seguir trata-se do funcionamento da ferramenta *Google My Maps*.

### **1.3. COMO ABRIR A CAIXA-PRETA ARTESANATO A PARTIR DA FERRAMENTA MY MAPS**

Este momento da pesquisa tinha por intuito abrir a caixa-preta do artesanato em São Bento do Sapucaí para compreender a prática local e explorar outros papéis que este pode assumir que vão além da relação estabelecida de interferência do Design no artesanato. Para isso foi elaborada uma estratégia que norteasse a inserção em campo e, no entanto, não desconsiderasse o que o próprio campo poderia revelar como novas possibilidades de análise.

Foram coletados ao todo quatro mapas durante o “Pré Campo”, sendo estes referentes a anos distintos (2011, 2013, 2015 e 2016)<sup>8</sup> e que ainda estão disponíveis e facilmente acessíveis aos visitantes, estando distribuídos em certos pontos da cidade como: o portal de entrada da cidade, restaurantes e pontos de artesanato. Ao avaliar esses pontos de distribuição, nota-se que estes são considerados os pontos-chaves de fluxo do turismo.

Como fonte inicial de orientação de deslocamento na cidade de São Bento do Sapucaí, foi escolhido o mapa datado de 2016, ou seja, aquele que possivelmente seria o mais atualizado em relação aos pontos de turismo, artesanato e também de informações gerais. No entanto, as informações eram contraditórias tanto pela representação gráfica quanto pela falta de escala do mapa que dificultaram o rastreamento dos atores.

A partir dessa experiência em campo foi pensada uma segunda estratégia de localização geográfica, que se tratava da utilização da ferramenta *My Maps* do *Google* para traçar o percurso do campo e também cartografar geograficamente os pontos turísticos e de artesanato que foram visitados pela pesquisadora. Esse método tinha por intuito compreender a relação dos pontos de artesanato e ciclo de produção de artefatos com o espaço geográfico.

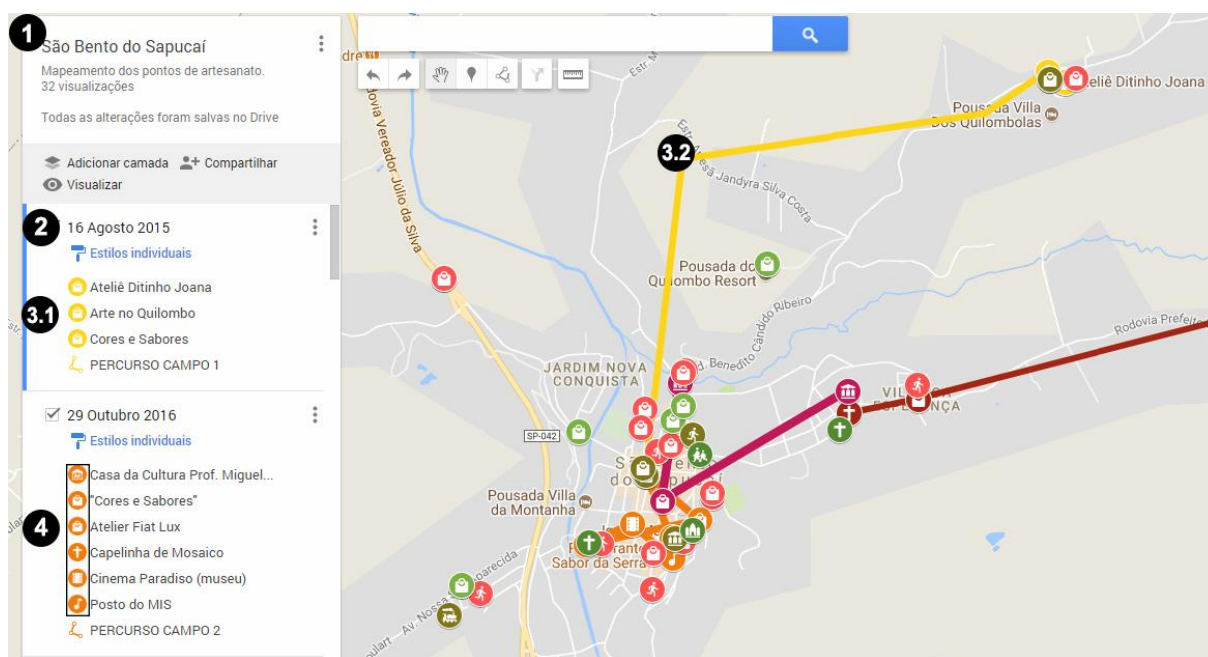
Tal processo se desenvolveu a partir das seguintes etapas: 1) Criação de um mapa personalizado com o título: São Bento do Sapucaí; 2) Criação de camadas para cada campo, sendo o título de cada camada a data do referido campo. 3.1) Escolha de diferentes cores para

---

<sup>8</sup> ANEXO 2

identificar cada camada; 3.2) Escolha de diferentes cores para representar o percurso referente ao campo e 4) Escolha de diferentes ícones para identificar pontos turísticos e pontos de artesanato.

Figura 7: Captura de Tela do Funcionamento e Recursos da Ferramenta *My Maps*



Fonte: adaptado pela autora.

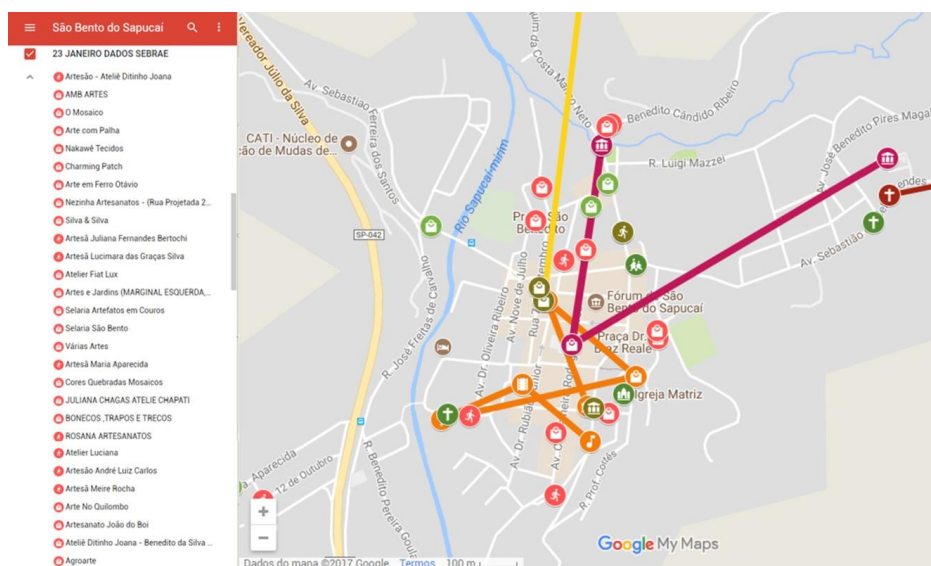
Posteriormente, a cartografia seguiu a partir da coleta de dados do último campo que foram disponibilizados pelo “Posto SEBRAE Aqui”. Tais dados fazem referência à localização dos artesãos e pontos de artesanato do município, além da descrição do que é produzido.

Outrossim, por se tratar de um município rural, alguns pontos acabam sendo de difícil acesso, mesmo quando são identificados no mapa. Isso ocorre devido ao surgimento de novas ruas com a ampliação da cidade. Para isso, a alternativa utilizada como recurso no mapa é de localizar esses pontos dentro de avenidas ou estradas já existentes, utilizando da quilometragem referente à altura em que se encontram, ou mesmo, aproximá-los de pontos e atrativos turísticos mais acessíveis.

Tal controvérsia foi relevante ao mapear os dados obtidos pelo “Posto SEBRAE Aqui”, porque muitos dos endereços cadastrados não foram encontrados no mapa do *Google*, exatamente por se tratarem de ruas novas ainda não atualizadas nos mapas disponíveis. Nesse

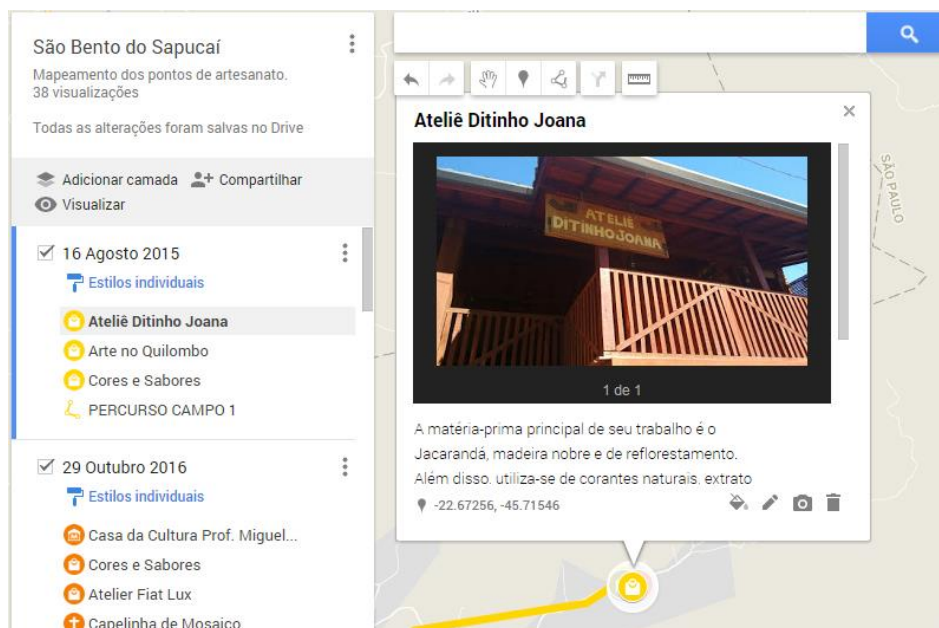
aspecto o mapa ilustrativo mesmo que dificulte a localização exata do turista, permite por meio da utilização de imagens dos locais de maior destaque turístico, a identificação desses pontos.

Figura 8: Mapeamento dos Dados do “Posto SEBRAE Aqui”.



Fonte: Adaptado pela autora.

Outro recurso da ferramenta permite descrever e identificar os pontos de maneira personalizada. O que permitiu explorar o campo dentro da ferramenta, trazendo as anotações de campo e registros fotográficos da pesquisadora (Figura 9) para dentro do mapa. Além disso, é possível abrir essas informações a partir de uma tabela de dados gerada pela ferramenta (Figura 10).

Figura 9: Recurso da Ferramenta *My Maps* para Inserção de Dados.

Fonte: Adaptado pela autora.

Figura 10: Tabela de dados gerada pela ferramenta *My Maps*.

nome	descrição
1 Ateliê Ditinho Joana	A matéria-prima principal de seu trabalho é o Jacarandá, madeira nobre e de reflorestamento. Além disso, utiliza-se de corantes naturais, extrato de noqueira, para dar às peças diferentes tonalidades.
2 Arte no Quilombo	Principais materiais a palha de milho e de bananeira e a fibra da bananeira.
3 Cores e Sabores	Local definido antes da ida a São Bento do Sapucaí e enfatizado durante a visita ao ateliê do Ditinho e Arte no Quilombo, o projeto Cores e Sabores fica localizado no Mercado Municipal no centro da cidade. São nove boxes distribuídos pelo projeto sendo que cada box representa uma loja de artesanato do município, com exceção do box que conta a história do carnaval. Segue abaixo a descrição dos que estavam em funcionamento na época da visita: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Box Villa Cantagalo: produtos alimentícios (geleias e doces), azeite Oliq, panos de prato, jogo americano e bolsas com diferentes técnicas de bordado. Artigos religiosos em mdf e resina (Mimos e Devoções).</li> <li>• Box Arte no Quilombo: artefatos em palha de milho, palha de bananeira e fibra de bananeira.</li> <li>• Box Arte e Artesanato (Casa do Artesão) - São Bento e região: artefatos com aplicação em tecido, bambu, biscuit, crochê, bordado, mdf, palha de milho, fibra de bananeira.</li> </ul>

Fonte: adaptado pela autora.

Como consequência dessa primeira análise e das informações obtidas foi possível observar que tais materiais ainda são presentes no cotidiano artesanal da cidade. Isso fica ainda mais evidente, quando comparado com a lista de cadastro dos artesãos disponibilizada pelo “Posto SEBRAE Aqui” (2017). Além de confirmar, aponta outros materiais que também foram observados na ida a campo, como o metal, vidro, cerâmica, gesso, papel, fibra de bananeira, mosaico, que é algo frequente ao se andar pela cidade, estando presente como número das casas, propaganda de lojas, no muro de escolas e capelas.

Para dar continuidade a análise se faz necessário o discernimento do que vem a ser modo e mediação para a ANT. Como salienta Lemos (2010), entende-se por modo a maneira como algo se relaciona com o mundo, suas formas de interação e comunicação. A partir do modo, é possível identificar como algo se relaciona com o campo e com os agentes humanos e não humanos. No presente contexto, tem-se por modo os mapas, tanto dos guias turísticos quanto os criados com o auxílio da ferramenta.

Já a mediação, para Lemos (2010), trata-se do diálogo ou a ação entre os diversos atores e que não é facilmente identificável. A mediação se desenvolve a partir do modo, isto é, passa a ser identificada por meio da ação e troca dos atores com o ambiente em que estão. Compreende-se por mediação o resultado da interpretação e leitura desse mapa no campo pela pesquisadora, a relação dos artefatos e pontos de artesanato no espaço geográfico e a formação dessa rede.

No entanto, as mediações acerca dos atores são inúmeras e ao longo da pesquisa, serão identificadas analisadas dentro das fontes de incerteza propostas por Latour (2012), para isso, as seções seguintes foram elaboradas e nominadas com a influência das fontes incertezas que a pesquisadora orientada pela ANT teve ao lidar com as composições complexas do Social apresentadas na primeira parte do livro “Reagregando o Social: uma introdução a Teoria Ator-Rede.”

## 1.4. DESDOBRANDO AS CONTROVÉRSIAS DO ARTESANATO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ-SP

Tendo um conhecimento prévio a respeito da elaboração dos campos e após a introdução à ferramenta escolhida para auxiliar na visualização e interpretação dos dados coletados em campo, também se faz relevante destacar o modo como foram pensadas as entrevistas semiestruturadas realizadas em campo. Tais entrevistas seguiam um roteiro previamente construído conforme os objetivos referentes a cada campo, porém, sem uma construção rígida nas perguntas. Optou-se por esse modo de ação com o intuito de não intimidar os entrevistados e, para que assim, não omitissem informações que pudessem ser relevantes para a pesquisadora.

### 1.4.1 – Pré-campo

Para a primeira inserção, realizada no dia 15 de agosto de 2015, ficou estabelecida uma visita preliminar para os primeiros contatos com o artesanato local e realização do projeto de mestrado. Por esse motivo, optou-se por chamá-la de “pré-campo”, cujos objetivos eram:

- 1) Explorar os locais de produção e comercialização de artesanato no município;
- 2) Compreender os materiais e artefatos predominantes;
- 3) Investigar a relação Design x artesanato no município e
- 4) As principais ações de órgãos públicos no artesanato local.

As informações obtidas em campo foram distribuídas no formato de quadros seguido do percurso realizado em cada campo para melhor visualização, conforme abaixo:

Quadro 2: Pré-Campo

PRÉ-CAMPO – 15/08/2015	
Ponto Visitado	Descrição
Ateliê Ditinho Joana	A matéria-prima principal de seu trabalho é o Jacarandá, madeira nobre e de reflorestamento. Além disso, utiliza-se de corantes naturais, extrato de noqueira, para dar às peças diferentes tonalidades.
Arte no Quilombo	Principais materiais a palha de milho e de bananeira e a fibra debananeira, mas também existem artefatos que utilizam madeira, barro e bambu.
“Cores e Sabores”	Local definido antes da ida a São Bento do Sapucaí e enfatizado durante a visita ao Ateliê Ditinho Joana e Arte no Quilombo, o projeto Cores e

Sabores fica localizado no Mercado Municipal no centro da cidade. São nove *boxes* distribuídos pelo projeto sendo que cada *box* representa uma loja de artesanato do município, com exceção do *box* que conta a história do carnaval. Segue a descrição dos que estavam em funcionamento.

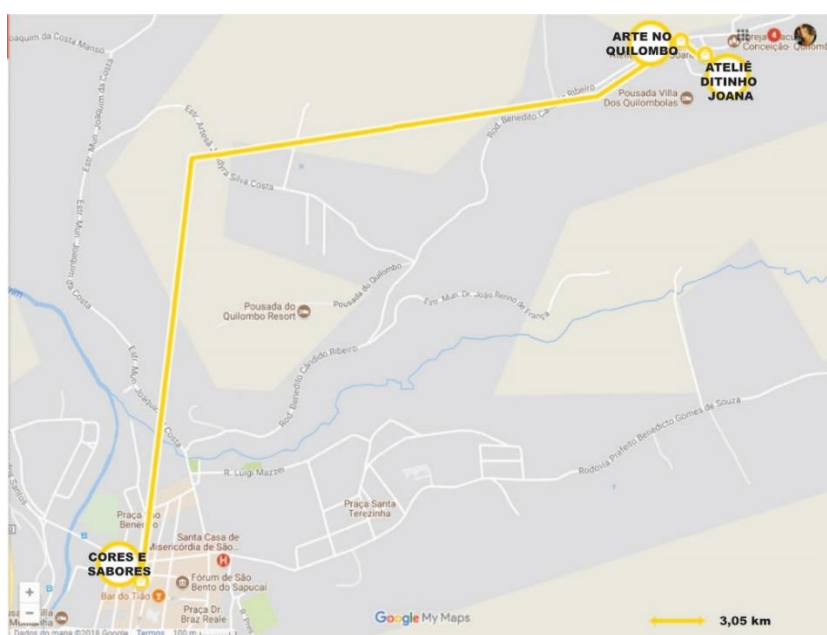
**Box Villa Cantagalo:** produtos alimentícios (geleias e doces), azeite Oliq, panos de prato, jogo americano e bolsas com diferentes técnicas de bordado. Artigos religiosos em MDF e resina (Mimos e Devoções).

**Box Arte no Quilombo:** artefatos em palha de milho, palha de bananeira e fibra de bananeira.

**Box Arte e Artesanato** (Casa do Artesão) - São Bento e região: artefatos com aplicação em tecido, bambu, biscuit, crochê, bordado, MDF, palha de milho, fibra de bananeira.

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 11: Percurso Pré-Campo



Fonte: elaborado pela autora.

Faz-se necessário destacar que esta primeira visita a campo foi imprescindível para determinar a estratégia a ser traçada nos campos seguintes, de modo a relacionar os locais a serem visitados com o objetivo de análise, e, por consequência, as fontes corretas de coleta de dados.

Também é importante destacar que nessa primeira inserção houve o contato com o que Latour (2012) define como primeira incerteza: a natureza dos grupos. Para o autor, há diferentes formas contraditórias de conceder identidade aos atores. Neste caso, tem-se na figura do artesão e artista Ditinho Joana, que é reconhecido dentro da cidade de São Bento do Sapucaí porta-voz responsável por limitar e definir esses grupos.

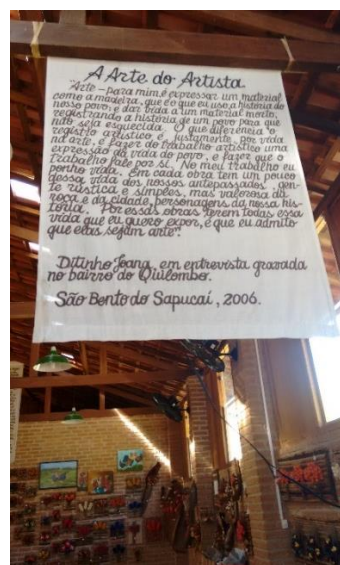
O artesão e artista Ditinho Joana em sua “contação de histórias” a respeito do seu trabalho e suas obras, trouxe algumas percepções sobre o artesanato local, inclusive, do então material em destaque, a madeira, que se performam como material histórico nesta rede. Além do que, o artesão sugere pontos de artesanato que a pesquisadora deveria conhecer em sequência: o Arte no Quilombo e o projeto “Cores e Sabores”.

Figura 12: Entrada do Galpão do Arte no Quilombo



Fonte: a autora.

Figura 13: Faixa com Entrevista de Ditinho Joana



Fonte: a autora.

Sendo assim, as principais associações destacadas e percebidas nessa rede (Pré-campo) se estabelecem entre os atores artesão e artista Ditinho Joana, o Ateliê, o artesanato em madeira e o Arte no Quilombo. Estando evidente a importante mediação e a potente influência

do humano Ditinho Joana para o surgimento e continuidade dos espaços de artesanato no bairro do Quilombo.

Figura 14: Ditinho Joana explicando sua obra: "A Venda do Seu Chico"



Fonte: a autora.

Figura 15: Detalhe da Obra



Fonte: a autora.

Além disso, a partir do entendimento das informações coletadas durante o percurso desse Pré-campo e das suas disposições em rede foi possível ampliar o olhar para a compreensão dos atores envolvidos para a formação do social do artesanato local, trazendo as primeiras impressões da introdução do Design no artesanato que será abordada futuramente.

Figura 16: Rede Pré-Campo



Fonte: elaborado pela autora.

A rede que se conforma nesse momento revela como principais atores os pontos de artesanato visitados: Ateliê Ditinho Joana, Arte no Quilombo e o projeto “Cores e Sabores”, com o destaque para o ator humano Ditinho Joana, que quando analisados fora dessa rede se apresentam estabilizados apenas como pontos de artesanato do município. No entanto, quando aqui dispostos e analisando os rastros deixados por eles, é possível a identificação dos mediadores representados em menor nível de agência e com distinção de cores: o Poder Público, o designer de artesanato Renato Imbroisi e o SEBRAE, pois foram responsáveis por uma ressignificação e revelação de novos elementos importantes para compreensão desses atores.

Já a associação entre o Arte no Quilombo e o projeto “Cores e Sabores” se dá principalmente pela existência de um *box* destinado à venda dos artefatos do Arte no Quilombo no projeto e também pela aproximação encontrada com outros artefatos ali comercializados. Além disso, o projeto “Cores e Sabores” é mediado por associações envolvendo o Poder Público através da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, que neste projeto em específico, atuou por meio da Incubadora de Economia Criativa e do designer de artesanato Renato Imbroisi. Mais que um espaço na região central do município, o projeto também desenvolvia cursos e oficinas de capacitação para aprimorar o trabalho dos artesãos envolvidos.

## 1.4.2 Campo 1 – “Mapeamento”

O Campo 1, denominado “Mapeamento” foi realizado no dia 29 de outubro de 2016 e tinha por objetivo a investigação e mapeamento dos materiais utilizados na confecção de artefatos. É importante salientar que o principal meio utilizado para acesso e visita aos locais deste campo foi o mapa ilustrado do ano de 2016. Este é distribuído gratuitamente pela prefeitura nos principais pontos de visitação da cidade de São Bento do Sapucaí, neste caso, o mapa foi recolhido no projeto “Cores e Sabores”

Figura 17: Mapa ilustrado utilizado como guia de campo (2016)



O mapa acima foi escolhido por se tratar do mais recente a data da pesquisa. Para uma melhor compreensão do leitor, segue-se uma breve descrição das informações contidas nele. A começar pelo título: São Bento do Sapucaí, Serra da Mantiqueira, que define a localização geográfica do município, que também representada pelas principais rodovias de acesso e os municípios que fazem proximidade, inclusive, Itajubá. Além disso, o *QR Code* ao lado do título direciona para o site de São Bento, no entanto, um portal criado pelo dono de uma das pousadas

e que se encontra desatualizado. Contudo, também há referência ao site da prefeitura para maiores informações.

No verso, estão as fotografias de espaços gastronômicos com suas respectivas descrições. Já a representação do mapa está dividida em cinco categorias principais, a primeira responsável pela descrição de pontos de interesse do turista como posto de informações turísticas, rodoviária, agências bancárias, hospital e correio. Em sequência tem-se os pontos destinados à gastronomia, como restaurantes, cafés e fábrica de cerveja. É importante destacar que nessa categoria consta a fábrica de azeite Oliq, também considerada como ponto turístico de artesanato, quando em acesso ao site da prefeitura.

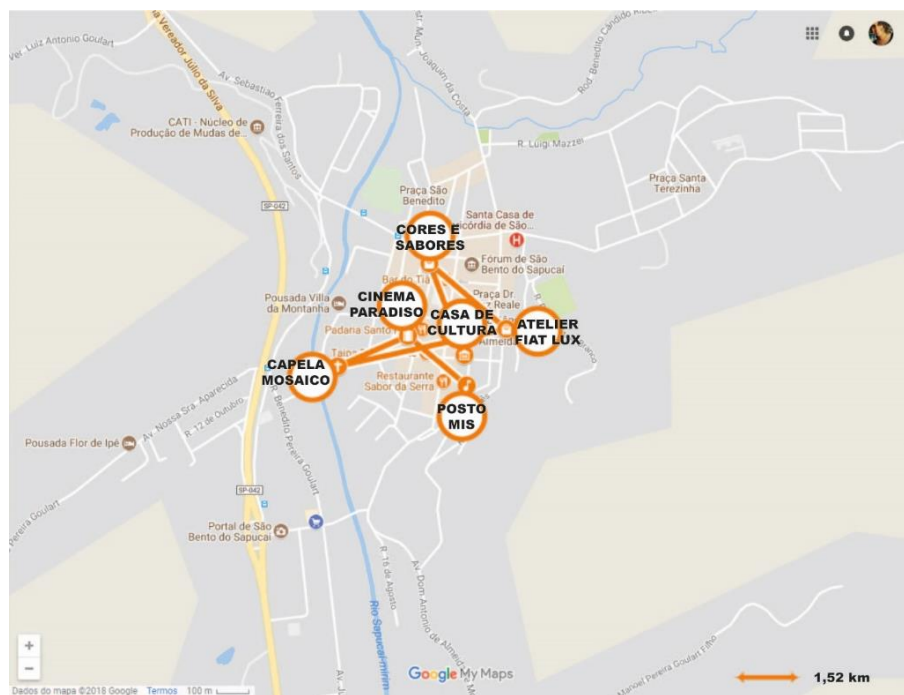
A terceira categoria representa a de relevância para a pesquisa, trata-se da destinada aos pontos de arte e artesanato, tendo os seguintes pontos elencados: Agroarte; Casa da Cultura; ateliê Fiat Lux; Casa do Artesão; Nath Hats; Arte com Arte Velas; Ateliê Ditinho Joana; Arte no Quilombo, artesanato João do Boi; Paiol das Artes e Nakawe Tecidos. Destes pontos, apenas três não foram visitados, o Agroarte pela dificuldade encontrada pela pesquisadora em localizá-lo na cidade e, que, por ter seus artefatos expostos na Casa da Cultura, a pesquisadora se ateuve à coleta de informações presentes no site da prefeitura e do próprio estabelecimento; o artesanato João do Boi e Nakawe Tecidos, pela dificuldade de acesso aos bairros distantes da cidade.

Em seguida seguem as categorias destinadas ao turismo de aventura e receptivos e, por fim, a categoria destinada à hospedagem. Além disso, por meio de ícones estão representadas algumas atividades destinadas ao turismo de aventura, municípios que estão próximos, inclusive, Itajubá e outra categoria para localização identificadas por: A) atrações; B) bairros; C) cachoeiras e D) picos e rochas.

Ao redor do mapa estão ilustrados por meio de fotografias alguns pontos e atividades de interesse turístico, sendo Arte e Artesanato representado pelo ateliê Ditinho Joana; Turismo de Aventura; Igreja Matriz; Picos e Montanhas; Escalada em Rocha (capital paulista de montanhismo); centro da cidade à noite; Capela de Mosaicos; Arte no Quilombo; Mirante do Cruzeiro; Observação de Aves; Porta da Cidade; Turismo Rural e Cachoeiras (bairro do Serrano).

A partir disso, compreende que o mapa ilustrado traz a visualidade de uma das principais controvérsias da pesquisa, a dificuldade de localização e mobilidade na cidade de São Bento do Sapucaí. Tal controvérsia pode ser observada abaixo na configuração do percurso no mapa.

Figura 18: Percurso Campo 1



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 3: Campo 1 – “Mapeamento”

CAMPO 1 - “Mapeamento” – 26/10/2016	
Ponto Visitado	Descrição
Casa de Cultura Professor Miguel Reale	Exposição de Arte e Artesanato do evento Revelando São Bento.
“Cores e Sabores”	<p><b>Box Villa Cantagalo:</b> flores e raízes (Segredos de Cordélia), temperos, ervas medicinais, pimentas frutas vermelhas e cogumelo do sol (Sítio Jiboia), mdf, resina, bordado (Mimos e Devoções), bordado, pano de prato, crochê, juta (São Bento por Todos os Fios);</p> <p><b>Box Magali e Maria José:</b> bordado, feltro, mdf, biscuit, aplicação em tecido, pano de prato, crochê, mdf, resina;</p> <p><b>Box Arte no Quilombo:</b> palha de milho e bananeira, fibra de bananeira;</p> <p><b>Box Bairro do Baú:</b> compotas, doces, geleias, defumados, torta de frango, bolo de chocolate, vinho artesanal, temperos.</p> <p><b>Box Arte e Artesanato (Casa do Artesão):</b> bambu, mdf, resina, biscuit, cabaça, aplicação em tecido, bordados, crochê, fibra de bananeira, palha de milho.</p>
Atelier Fiat Lux	Artefatos em cerâmica, mosaico, vidro e garrafas moldadas em alta temperatura.
Capelinha de Mosaico	Atrativo turístico. Capela desenvolvida utilizando a técnica de mosaicos com azulejos e peças sacras quebradas.
Cinema Paradiso	Atrativo turístico, museu do cinema.
Posto do Museu da Imagem e do Som	Atrativo turístico e esporádico com diferentes atrações.

Fonte: elaborado pela autora.

Os locais previamente escolhidos foram a Casa de Cultura Professor Miguel Reale, pois na época estava recebendo a exposição de Arte e Artesanato - parte integrante da programação do evento “Revelando São Bento” - o projeto “Cores e Sabores” e a Capela de Mosaicos. No entanto, nesse momento o campo traz um aspecto importante da ANT a ser considerado, o de rastrear as conexões deixadas pelos próprios atores.

Nesse caso, como solução ao modo de investigação do social determinista, Latour (2012), propõe, substituir a lista de agrupamentos oferecidos pelos agregados sociais pela lista de elementos presentes em suas controvérsias, ou seja, não se ater apenas aos agrupamentos previamente definidos pelo pesquisador, e sim considerar os aspectos inesperados à suas ações.

Como exemplo, durante a exploração desse campo, foram observados outros pontos relevantes para a compreensão do contexto cultural do município, são eles: Cinema Paradiso (museu do cinema) e o Posto do MIS (Museu da Imagem e do Som), que não seriam devidamente analisados se a pesquisadora seguisse apenas o roteiro por ela traçado com a mediação do mapa ilustrado, que inicialmente, se deteria aos pontos nomeados de artesanato: como já descrito anteriormente na explicação do mapa.

Figura 19: Cinema Paradiso - Museu do Cinema



Fonte: a autora.

Figura 20: Atelier Fiat Lux



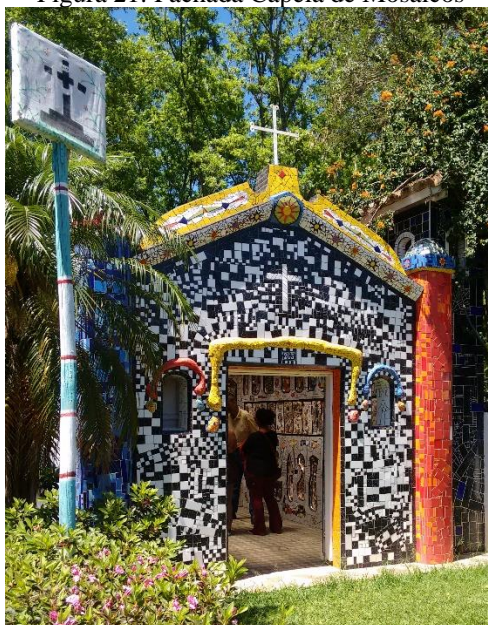
Fonte: a autora.

Pela perspectiva de atuação da pesquisadora, este momento foi importante pois ofereceu elementos para rastrear as conexões locais. Como coloca Latour (2012) os grupos não são coisas silenciosas, ou seja, que não falam por si só, mas sim, o resultado de várias vozes contraditórias sobre o que é e o grupo a qual pertencem. Neste caso, as vozes contraditórias estão representadas pelo mapa e atores “surpresa” (posto MIS, Cinema Paradiso e capela de mosaicos), que apareceram durante o percurso e se mostraram relevantes para compreensão da rede.

Conforme a ANT, o pesquisador deve observar o cenário onde as redes se realizam, ou seja, o contexto “no qual” e “do qual” o pesquisador está situado. Nesse caso, os pontos turísticos descritos como atores “surpresa” durante o trajeto se mostraram essenciais para compreensão da formação desse social. Tais pontos além de facilitar a localização trazem outra percepção não somente do artesanato, como também, do município. Como exemplo, a visitação às capelas de mosaico, trouxe a atenção a uma técnica pouco citada durante as entrevistas, mas que já despertava uma certa curiosidade na pesquisadora devido à sua presença em diversos pontos da cidade.

Aqui, é importante destacar que a pesquisadora se perdeu durante o percurso até à capela e foi necessária a utilização do GPS do celular como recurso e o contato com atores humanos para chegar ao seu destino. Nesse momento, a falta de escala no mapa, dificultou a identificação das ruas que dão acesso à capela.

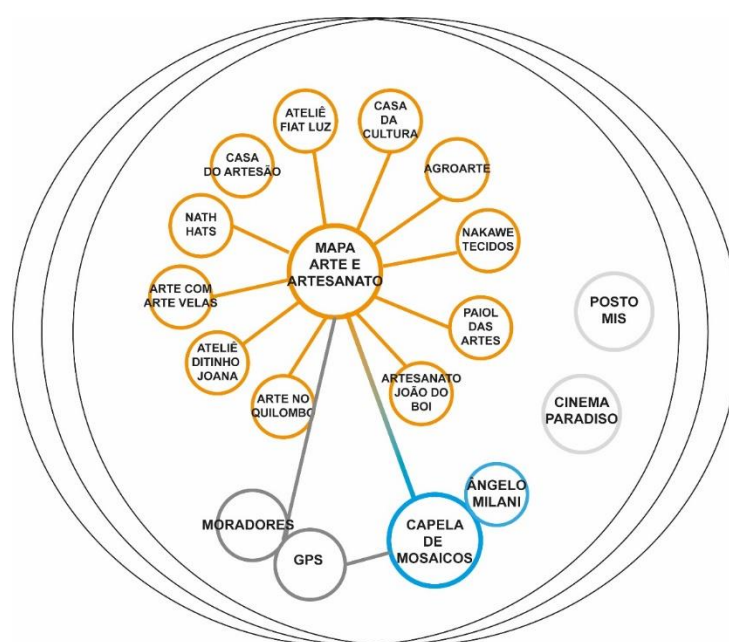
Figura 21: Fachada Capela de Mosaicos



Fonte: a autora.

Em conversa com o artista plástico de formação responsável pela criação e desenvolvimento das capelas, Ângelo Milani. Foi relatada sua experiência em parceria com a Escola Dr. Genésio Cândido Pereira, onde foi desenvolvido um muro de mosaico com os alunos. Atualmente o muro é tido como ponto turístico do município. Além disso, essa intervenção ampliou as possibilidades de geração de renda para os moradores.

Figura 22: Rede Campo 1



Fonte: a autora.

A rede que se conforma nesse campo tem como principais atores a Arte e o Artesanato local performados pelo mapa ilustrado e mediado pelos pontos elencados nele; a Capela de Mosaicos mediada pela figura do ator humano Ângelo Milani; os moradores e o GPS e o Cinema Paradiso e o Posto Mis, que não estão em associação, mas que foram identificados no percurso.

A associação principal se dá entre o mapa e a Capela de Mosaicos, que está representada pela variação de cor, pois são atores em constante movimentação de agência e não permitem a identificação de onde parte a ação. O ator humano Ângelo Milani se faz um importante mediador nessa associação, pois traz informações e uma perspectiva que revela uma nova visão da arte e do artesanato local.

A ação dos atores GPS e moradores do município representa a dificuldade da pesquisadora em localizar a Capela de Mosaicos apenas com utilizando do mapa. Nesse momento, se fez necessária a busca de novos modos para auxiliar seu percurso em campo. Já o Cinema Paradiso e o Posto MIS serviram como referência para localização e também para compreensão do turismo local.

Figura 23: Ângelo Milani



Fonte: a autora.

A partir do entendimento dessa rede, retoma-se ao ator humano, Ângelo Milani, que sinaliza a relevância da técnica de mosaicos para o município. Em acesso ao site da prefeitura é possível identificar essa relevância performada em dois roteiros turísticos específicos voltados para visita e observação dos trabalhos espalhados pelo município, tanto na zona rural, quanto urbana – “Capelinha de Mosaico” (1) e “Roteiro dos Mosaicos” (2). Além disso, ao andar pela cidade é possível observar a aplicação em diferentes situações, sendo utilizada em identificação de casas, fachada de lojas e pontos turísticos.

Figura 24: Captura de Tela – Roteiros Turísticos



Fonte: Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaí.sp.gov.br/site/roteiros-turisticos/>

Figura 25: Captura de Tela – Roteiros Turísticos



Fonte: Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaí.sp.gov.br/site/roteiros-turisticos/>

Figura 26: “Tem uma pedra no meio do caminho” – Placa localizada na Praça Monsenhor do Vale do Monteiro



Fonte: acervo da autora.

Figura 27: Identificação de casa feita em mosaico



Fonte: acervo da autora.

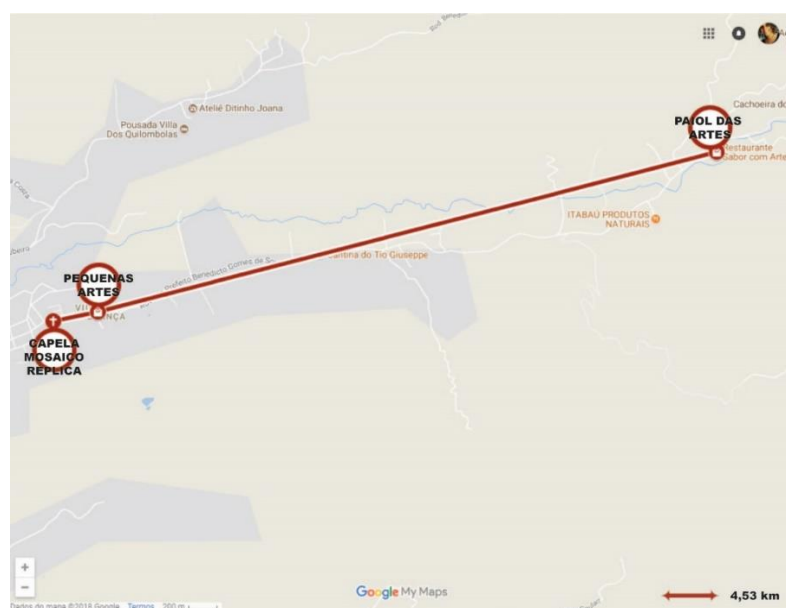
O artista também revelou novas informações a respeito da influência do SEBRAE no bairro do Quilombo, que, de acordo com Ângelo, já apresentava o artesanato em desenvolvimento, no entanto, de maneira tímida e sob influência do artesão e artista Ditinho Joana. A partir da entrada do SEBRAE, foram realizadas oficinas de capacitação e introdução de novas matérias-primas para melhor organizar o artesanato do Arte no Quilombo, tornando uma referência para o município.

### 1.4.3 Campo 2 – “Bairro Paiol Grande”

Denominado como “Bairro Paiol Grande”, o Campo 2, foi realizado no dia 6 de novembro de 2016, pensado a partir de informações obtidas durante o Campo 1, que deixou algumas questões em aberto, principalmente, após a entrevista realizada com o artista Ângelo Milani. Nesse momento, passa-se a perceber a fibra e a palha de bananeira, com sendo um elemento de intervenção e imposição ao artesanato local.

E foi, a partir desse entendimento, que pesquisadora se utilizou de uma nova estratégia: cartografar os principais materiais utilizados na confecção de artefatos, no entanto, com o diferencial de explorar apenas um bairro para compreender a relação deste com o que é produzido. E, portanto, a escolha do bairro Paiol Grande se deu por dois motivos principais: por ser identificada a predominância da bananicultura como cultura local e por ser o principal acesso ao Monumento Natural da Pedra do Baú, o que faz com que a movimentação de turistas seja intensa ao longo do ano.

Figura 28: Percurso Campo 2



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 4: Campo 2 – “Bairro Paiol Grande”

CAMPO 2 – “Bairro Paiol Grande”– 06/11/2016	
Ponto Visitado	Descrição
Loja Paiol das Artes	Principal material do bairro segundo a atendente da loja: madeira. Outros materiais: crochê, mdf, resina, sabonetes, fibra de bananeira, panela de pedra, feltro, cabaça, biscuit.
Loja Pequenas Artes	Materiais principais: fibra de bananeira e ferro. Outros materiais: madeira, aplicação em tecido, “sucatas”, cachaças de frutas, biscuit e bucha vegetal.
Capelinha de Mosaico (Réplica)	Atrativo turístico. Capela desenvolvida utilizando a técnica de mosaicos com azulejos e peças sacras quebradas.

Fonte: elaborado pela autora.

O primeiro ponto visitado foi a loja Paiol das Artes, que está localizada no Restaurante Sabor com Arte que está situado na estrada principal de acesso ao Monumento Natural Pedra do Baú. Percebe-se a estratégia utilizada de valorização do artesanato local por meio do apelo turístico de atrativos naturais da região. Além disso, ao chegar ao restaurante o turista já é convidado a conhecer a loja de artesanato devido às placas que estão colocadas nas duas entradas do restaurante e que sinalizam seu acesso.

Figura 29: Sinalização Loja de Artesanato Restaurante Sabor com Arte



Fonte: elaborado pela autora.

Em conversa com a responsável pela loja naquele dia e já na primeira impressão da visita foi percebido que o foco não estava na bananicultura e nem nos outros materiais citados, e, sim, em artefatos que se utilizam da madeira como principal matéria-prima. Quando abordada pela pesquisadora, a responsável deixou evidente que a região se destacava pelo uso da madeira, mesmo a bananicultura sendo abundante na paisagem do bairro.

Figura 30: Fachada da Loja Paiol das Artes



Fonte: a autora.

Figura 24: Ímãs de geladeira de biscuit com representação da Pedra do Baú



Fonte: a autora.

Além disso, foi observado no local a predominância de artefatos que representavam iconograficamente o Monumento Natural da Pedra do Baú e alguns produtos alimentícios característicos da região e, não somente, do município ou do bairro, como cachaças e licores de frutas e mel de abelha.

Ao refazer a trajetória, um ponto de artesanato, que até então havia passado despercebido, ganha destaque demonstrando a expansão deste tipo de atividade econômica na cidade. A modesta loja familiar Pequenas Artes com fachada de taipa e com uma placa escrito “artesanato” tem por principal característica os artefatos em fibra de bananeira e metal.

Figura 31: Loja Pequenas Artes



Fonte: a autora.

Em entrevista com a responsável pelo local compreende-se a expansão para diferentes bairros e pontos de comercialização, do uso da técnica da fibra de bananeira (que aqui foi adquirida por meio de autodidatismo). No entanto, quando consultado os materiais referentes ao turismo e artesanato, não havia qualquer referência ao estabelecimento, assim como, o uso do material que por muitas vezes é retratado como um diferencial para a constituição do turismo de artesanato local.

Figura 32: Artefatos em Fibra de Bananeira



Fonte: a autora.

No que se refere a réplica da capela de mosaicos descrita no quadro, além da curiosidade que desperta pela sua excentricidade, foi trazida como ponto de referência para visita à loja Pequenas Artes. Aqui, mais uma vez, surge um novo vínculo traçado pelos próprios atores e se torna relevante para a contextualização deste social, visto que, a loja por estar situada em uma rodovia de grande movimentação e com pouca visibilidade, acaba passando despercebida.

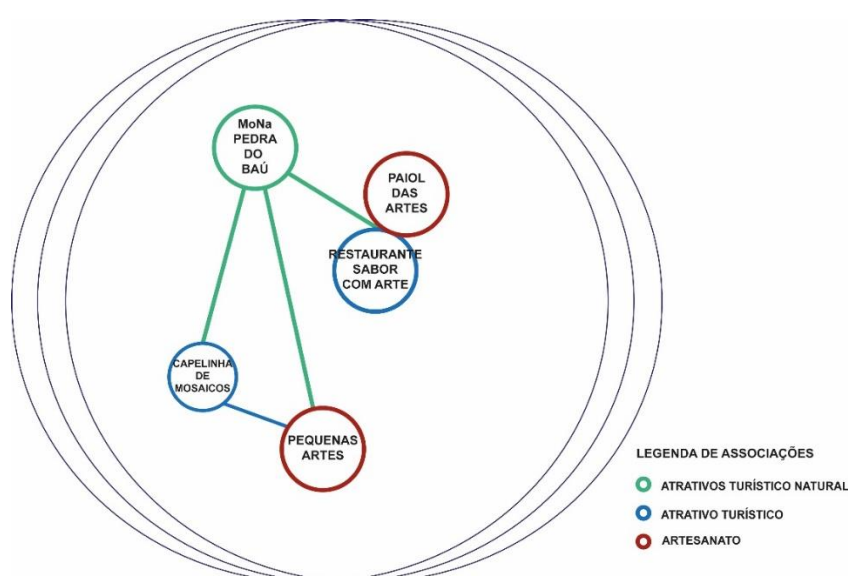
Figura 33: Réplica Capela de Mosaico



Fonte: elaborado pela autora.

Nesse momento a pesquisadora se identifica com o modelo de trabalho de “formiga” descrito por Latour (2012), o qual aponta como característica do estudioso da ANT “[...] arrastar-se como uma formiga, carregando seu pesado equipamento para estabelecer até o mais insignificante dos vínculos”. (LATOURE, 2012, p. 47). Esse estudo meticuloso resulta na configuração da seguinte rede.

Figura 34: Rede Campo 2



Fonte: elaborado pela autora.

Essa rede tem como principais atores definidos para compreensão do artesanato local: a loja Paiol das Artes e a loja Pequenas Artes, que, no entanto, sofre mediação do Restaurante Sabor com Arte, que é onde está localizada e do Monumento Natural Pedra do Baú, principal atrativo turístico natural do bairro. Já a Capelinha de Mosaicos está mediando a ação em torno da Loja Pequenas Artes, pois além de ser um importante ponto turístico do bairro, foi utilizado como ponto de referência e acesso à loja.

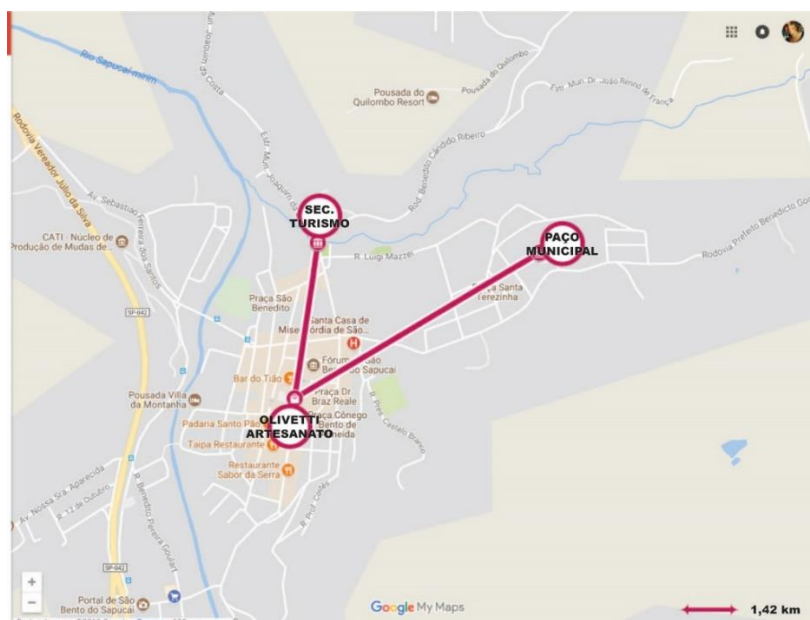
Tanto o MoNa Pedra do Baú, quanto a Capelinha de Mosaicos quando observados como atores fora dessa rede funcionariam como intermediários, no entanto, quando aqui inseridos eles passam a atuar como mediadores devido às novas funções que adquirem nessa rede, que é, de facilitar o acesso aos pontos de artesanato estudados.

Aqui conclui-se que a escolha pela ANT oferece uma percepção mais ampla do campo estudado e permite a pesquisadora desdobramentos que, até então, não seriam considerados para o entendimento da rede, visto que, não estão diretamente relacionados ao artesanato.

#### 1.4.4 – Campo 3 - “Coleta de dados oficiais e fontes primárias”

O Campo 3 – “Coleta de dados oficiais e fontes primárias”, realizado no dia 23 de janeiro de 2017, tinha por objetivo a coleta de dados referentes à influência do Poder Público no artesanato local.

Figura 35: Percurso Campo 3



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 5: Campo 3 – “Coleta de Dados Oficiais e Fontes Primárias”

CAMPO 3 – “Coleta de Dados Oficiais e Fontes Primárias”23/01/2016	
Ponto Visitado	Descrição
Paço Municipal Professor Miguel Reale	Busca de informações sobre o artesanato local.
Olivetti & Olivetti Artesanato	Loja localizada na região central do município. Materiais principais: peças em tear manual, aplicação em tecido, bordados, crochê e biscuit.
Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico	Entrevista com a subsecretária de turismo para coleta de informações sobre o artesanato local.
“Posto SEBRAE Aqui”	Entrevista e coleta de dados sobre o cadastro dos artesãos e pontos de artesanato local.

Fonte: elaborado pela autora.

Foi determinado como ponto de partida do Campo 3 o Paço Municipal Professor Miguel Reale por ser identificado como principal ponto de Poder Público Local, pois é o prédio onde funciona a Prefeitura Municipal. Acreditava também ser o local de acesso à Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico. No entanto, a Secretaria fica localizada na Praça da Bandeira.

É importante ressaltar que a Prefeitura não dispunha de informações e tampouco de pessoas que poderiam dar o direcionamento a respeito de documentos históricos e atuais a respeito do artesanato local. No entanto, uma pessoa responsável pela recepção passou a informação sobre a localização da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, que não apenas se localiza externamente a Prefeitura Municipal como também se tornou uma nova caixa-preta a ser investigada.

Figura 36: Paço Municipal Professor Miguel Reale



Fonte: a autora

Figura 37: Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico



Fonte: a autora.

Na visita à Secretaria a pesquisadora foi recebida pela subsecretária de turismo, que foi a responsável por dar informações a respeito do histórico do artesanato em São Bento do Sapucaí e ressaltou a importância do acesso ao site da prefeitura como suporte à sua entrevista para garantir que não houvesse divergências nos dados e detalhes descritos.

Neste contato com os atores, Prefeitura e Secretaria, começa a se configurar uma rede, ou seja, uma nova forma de encarar este Social. Pois, retomando o rastreio da relação Design e artesanato, descobriu-se que haviam artefatos que já eram desenvolvidos historicamente, e que

na busca por aprofundar estas relações foi dada a importância das redes midiáticas digitais e a representatividade deste artesanato performado pelo Poder Público no site, visto que, a pessoa responsável pela atualização das informações a respeito do artesanato local no site é a subsecretária.

A seguir as capturas de tela do site da prefeitura que demonstram onde é possível localizar o acesso ao artesanato local:

Em acesso ao site, na categoria “Turismo” (1), na aba “O que visitar?” (2) é possível acessar a subcategoria “Arte e Artesanato” (3) (Figura 38), onde são elencados nove pontos de artesanato para visitação com informação a respeito da localização, horário de funcionamento e artefatos produzidos (ANEXO 1).

Figura 38: Captura de Tela: O que visitar? – Arte e Artesanato



Fonte: Site da Prefeitura de São Bento do Sapucaí.

Também é possível localizar os principais pontos de artesanato na categoria “Turismo” (1), na subcategoria “O que visitar?” (2), na aba “Atrativos Turísticos” (3) (

Figura 39). Foram distribuídas em quadros apenas as informações referentes a pontos de artesanato (Quadro 15 a Quadro 21, disponíveis no ANEXO 1), no entanto, para a visualização da rede, optou-se por trazer os outros atores referentes aos atrativos turísticos naturais.

Figura 39: Captura de Tela – Atrativos Turísticos



Fonte: Site da Prefeitura de São Bento Sapucaí

E ainda, com o intuito de direcionar o turista de artesanato, ainda na aba “Turismo” (1), “O que fazer? ” (2), “Roteiros Turísticos” (3) (do tipo de atividade realizada).

Figura 40) existe a possibilidade de visitar alguns pontos de arte e artesanato definidos no que foi denominado como “Roteiro das Artes”, com dez pontos (Quadro 22 ao Quadro 31, disponíveis no ANEXO 1) elencados com visitação, tipo de entrada, endereço, contato, dias e horário de funcionamento e descritivo do tipo de atividade realizada.

Figura 40: Captura de Tela - Roteiros Turísticos



Fonte: Site da Prefeitura de São Bento do Sapucaí.

Dando sequência a descrição do campo, situada no mesmo prédio da Secretaria de Turismo, a Sala do Empreendedor trouxe um outro ator para a pesquisa, o “Posto SEBRAE Aqui”. Muito embora o SEBRAE já tenha aparecido como um ator em termos de rede Design-Artesanato, o Posto SEBRAE se diferencia. Sendo que sua primeira aparição se deu como um projeto de intervenção, ou seja, consultoria. E, nesse momento, a performance do SEBRAE se diferencia, pois, se torna uma presença, uma assessoria, um ponto de apoio mais constante. E que, portanto, mesmo estando dentro da nomenclatura SEBRAE, não se encara como um mesmo ator na ativação desta rede, mas um novo ator pelas características apresentadas.

O “Posto SEBRAE Aqui” não está focado no artesanato, mas sim, objetiva oferecer soluções nas áreas de empreendedorismo, gestão, inovação e mercado. Em outras palavras para atender qualquer munícipe que deseja ter o seu próprio negócio ou desenvolver a sua empresa. E, que, para isso são oferecidos cursos, palestras, oficinas e consultorias presenciais.

Em entrevista com a responsável do “Posto SEBRAE Aqui”, foi possível entender os primeiros passos desta implantação e das afetações/desestabilizações que este ator tem provocado nesta rede. A inauguração do Posto se deu em dezembro de 2016, cerca de um mês antes da pesquisadora estar realizando esta etapa, Campo 3.

Dois fatores que têm destaque com a entrada deste ator são: 1) o SEBRAE de referência anteriormente era o de Guaratinguetá, cerca de 96 km de distância, já que São Bento do Sapucaí tinha menos de 20 mil habitantes o que restringia a abertura de um posto local; 2) a tentativa de um registro mais sistemático dos artesãos da cidade, pois o que havia eram alguns estabelecimentos que informavam à Prefeitura suas atividades e estas eram adicionadas ao site oficial da cidade.

O acontecimento da instalação deste “Posto SEBRAE Aqui” é de grande relevância para o artesanato por conta destes dois fatores elencados. Ao instalar este posto em São Bento do Sapucaí, o município se torna referência e passa a atender sua vizinhança como: Campos do Jordão<sup>9</sup> e Santo Antônio do Pinhal<sup>10</sup>, municípios estes que tem uma forte relação e tradição com o desenvolvimento do turismo. Relacionado ao segundo ponto, o cadastro dos artesãos tem como função oficializar e documentar as práticas de artesanato como um todo, oficinas e pontos de comercialização do artesanato, constituindo um banco de acesso.

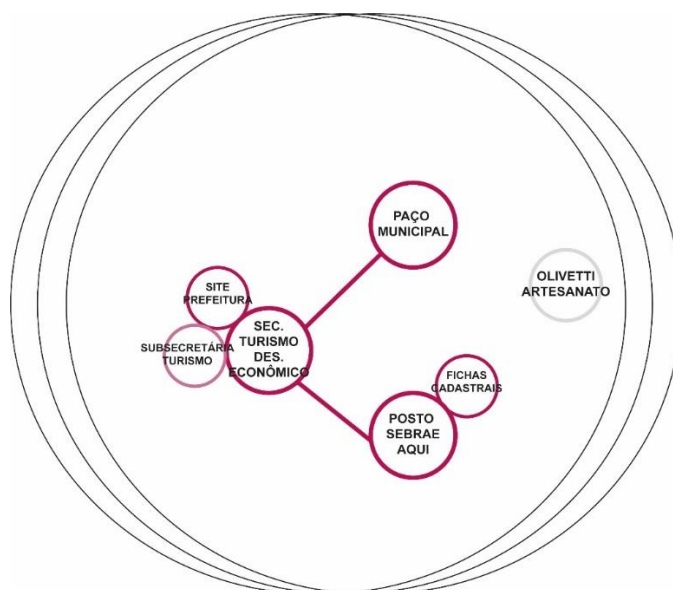
O “Posto SEBRAE Aqui” disponibilizou informações para a pesquisadora por meio de fichas de cadastrais dos artesãos locais contendo informações como: nome, tipo de artesanato, endereço e contato. Percebeu-se que a catalogação destes pontos de artesanato (oficinas e comércios) eram muito mais vastas do que o disponibilizado pelo site da Prefeitura.

---

<sup>9</sup> Para mais informações sobre a cidade de Campos do Jordão: <http://camposdojordao.sp.gov.br/>

<sup>10</sup> Para mais informações sobre a cidade de Santo Antônio do Pinhal <http://santoantoniopinhal.sp.gov.br/site/>

Figura 41: Rede Campo 3



Fonte: a autora.

A rede que representa o Campo 3 traz como atores principais o Paço Municipal, a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico mediado pelo site da prefeitura e do ator humano subsecretária de turismo e o “Posto SEBRAE Aqui” mediado pelas fichas cadastrais dos artesãos do município.

As associações aqui representadas são dadas a partir do encaminhamento da pesquisadora do Paço Municipal para a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, onde recebeu informações a respeito do artesanato local em entrevista com a subsecretária de turismo e o aconselhamento do acesso ao site para confirmação das informações as quais não tinha muita certeza. Lembrando que o site é alimentado e atualizado pela mesma.

Após a entrevista a pesquisadora foi encaminhada pela subsecretária até o “Posto SEBRAE Aqui”, que está situado em uma sala ao lado da Secretaria. Esse ator revelou por mediação das fichas cadastrais dos artesãos do município novas informações para compreensão do artesanato local, tendo acesso a novos pontos e técnicas de artesanato.

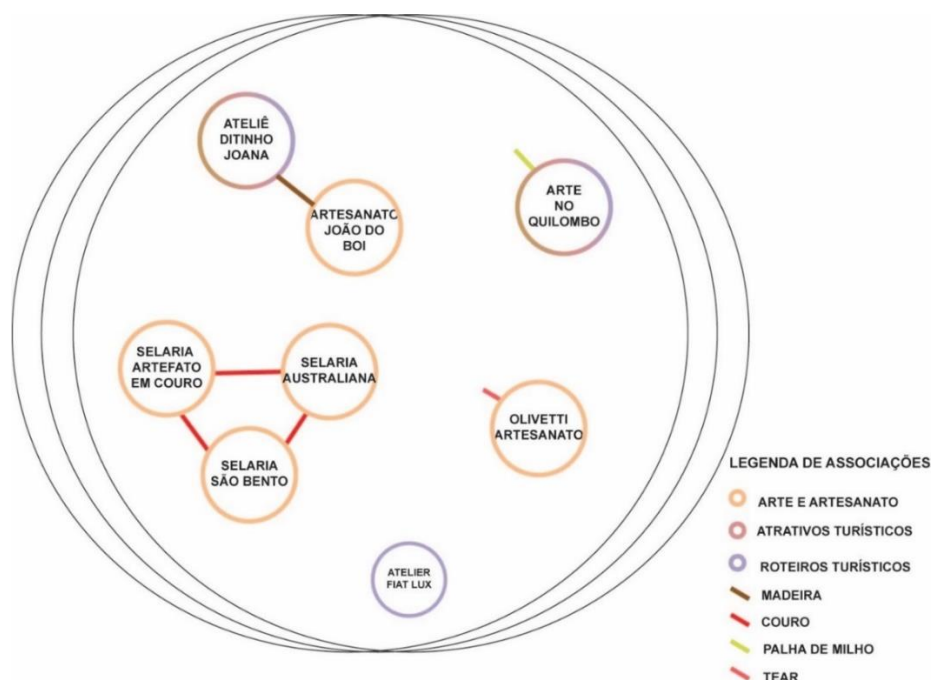
Instala-se aqui uma controvérsia a partir destas informações coletadas e a necessidade de se abrir a caixa-preta Poder Público e Artesanato. A coleta de dados do “Posto SEBRAE Aqui”, gerou uma nova forma de entendimento dessa rede, pois demonstrou uma controvérsia necessária para a abertura da caixa-preta e o entendimento de novas possibilidades de mediação

entre os atores. Sendo assim, ressalta-se que o conjunto de informações vieram de um agrupamento híbrido (humanos e não humanos) e suas controvérsias.

## 2. BREVE LEVANTAMENTO DE CONTROVÉRSIAS SOBRE O ARTESANATO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

Como resultado da inserção da pesquisadora em campo foram desenvolvidas três principais redes entendidas como sendo as principais associações relacionadas à compreensão do artesanato local, são elas: Artesanato e História, Interferências do Design no artesanato e Artesanato no site da Prefeitura de São Bento do Sapucaí.

Figura 42: Rede Artesanato e História



Fonte: Elaborado pela autora.

A rede acima representa os principais actantes relacionados com o artesanato e história, pois trata-se dos materiais utilizados desde a formação do município: a madeira, o couro, a palha de milho e o tear. O intuito dessa rede é apenas agrupar os actantes de acordo com o material para futuramente facilitar a interpretação dos dados.



Figura 44: Rede da Interferência do Design no Artesanato



Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, a rede elaborada acima traz as três principais interferências do Design no artesanato do município em paralelo com as três possíveis interferências do Design no artesanato de acordo com o documento da Unesco (2007): 1) na criatividade artesanal, contextos tradicionais e culturais, aqui representada pela influência do designer de artesanato Renato Imbroisi no bairro Cantagalo; 2) nos mercados e consumidores, representada pela influência do SEBRAE no Arte no Quilombo e 3) nas técnicas, tecnologias e materiais, performada pela amiga decorada com a introdução de novos materiais e técnicas no Agroarte. Tal rede será melhor analisada nas próximas seções destinadas a compreensão da relação do Design no artesanato local.

## 2.1 ALIMENTANDO A CONTROVÉRSIA DESIGN E ARTESANATO

Antes de se pensar a construção histórica do Design, alguns autores expõem as armadilhas que sua própria definição é capaz de criar (CARDOSO, 2004; FLUSSER, 2007; LATOUR, 2008). A palavra Design tem sua origem na Língua Inglesa, na qual o substantivo “se refere tanto à ideia de plano, desígnio, intenção, quanto à de configuração, arranjo, estrutura” (CARDOSO, 2004, p. 14) e do “termo em latim *designare*, verbo que abrange ambos os sentidos, o de designar e o de desenhar” (CARDOSO, 2004, p. 14).

Quando introduzida a outros idiomas passa a assumir outros significados, como na Língua Francesa, “*relooking*”, que para Latour (2008), trata-se apenas da questão estética do *design*, “dar uma nova e bela aparência ou forma a alguma coisa” (LATOUR, 2008, p. 2).

Para isso, o Design aqui utilizado se aproxima da discussão de Latour (2008) analisada por Videla (2016) que é dada a seguir:

Latour, na sua forma provocativa e muitas vezes irônica de argumentar, compara a transformação pelo qual o sentido da palavra design passou a partir de duas narrativas desconexas, que são as mesmas narrativas associadas ao modernismo e também discutidas em outros trabalhos. Uma das narrativas é voltada para a ideia de emancipação, desapego, modernização, progresso e domínio e, a outra, completamente diferente, defende os princípios de apego, precaução, complicação, dependência e cuidados; de forma que, a palavra "design" poderia funcionar como uma pedra de toque importante para identificar o caminho que estamos tomando e como o modernismo (e também o pós-modernismo) foi perdendo o domínio do conhecimento. (VIDELA, 2016, p. 54).

Além da ambiguidade da palavra que faz dela um conceito confuso para o público em geral, o Design também pode ser entendido como um processo produtivo antes mesmo de ser tido como uma prática profissional. Como observa Cardoso (2004), a aproximação do Design com outras atividades que geram artefatos móveis, como o artesanato, artes plásticas e artes gráficas é uma grande preocupação na sua definição.

Historicamente, a passagem de um tipo de fabricação, em que o mesmo indivíduo concebe e executa o artefato, para outro, em que existe uma separação nítida entre projetar e fabricar constitui um dos marcos fundamental para a caracterização do Design. (CARDOSO, 2004, p. 15).

Fundamentado nisso, um breve panorama histórico do Design oferecido por Cardoso (2004), tem-se que a prática do Design teve seu início, no século XVII, devido à divisão do trabalho resultante da Revolução Industrial na Inglaterra. Nessa época, o designer era tido como o responsável apenas pelo planejamento do produto sem nenhum envolvimento com a sua

execução. Diferente do artesão que era responsável por todas as etapas do processo produtivo, da concepção até a finalização do artefato.

Porém, no século XIX e XX, também na Inglaterra, o movimento *Arts and Crafts* (artes e ofícios) retoma a preocupação com valores produtivos tradicionais, priorizando o fazer artesanal. Os preconizadores do movimento, Ruskin e Morris, acreditavam que “o grande poder do designer de alterar a sociedade reside muito mais na forma das suas relações de trabalho do que nas formas que ele atribui a um determinado artefato” (CARDOSO, 2004, p. 75).

Sendo assim, Cardoso (2004) ressalta a herança deixada pelo *Arts and Crafts*: do Design como detentor do poder de transformar a sociedade, reformando os padrões estéticos e de consumo e, por consequência, acarretando mudanças sociais profundas. Também se percebe, a partir desse momento, uma possível aproximação do Design com o artesanato e, que, ainda hoje se faz presente: a busca por diferentes modos do “fazer”, principalmente, do fazer manual.

Tal afirmação complementa o que coloca Tonkinwise (2015) de que o Design emergiu do artesanato e se caracteriza como uma prática material hábil de fazer coisas. Visto que, não é possível identificar com precisão como se deu o surgimento do termo, mas se sabe que essa troca se mantém constante ao longo da história

Dando continuidade à investigação, percebe-se que, assim como o Design, o termo artesanato apresenta problemas quanto à sua definição. Para Borges (2011), o termo artesanato, principalmente, quando analisado a partir do termo *craft* - que é utilizado em outras Língua - não se enquadra no âmbito nacional, pois considera que a área artesanal requer qualificação profissional, desprezando o “saber fazer” e o conhecimento tradicional característico do artesanato brasileiro. Portanto, ao se pensar o artesanato no Brasil, a autora defende que a definição mais adequada, neste caso, é a da UNESCO de 1997:

Produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente a mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade com o uso de matérias-primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólico significativas do ponto de vista social. (BORGES, 2011, p. 21)

É importante pontuar que historicamente intelectuais brasileiros demonstravam preocupação em discutir como essa relação Design e artesanato se conformava no Brasil. A primeira referência é de 1958, sob a influência da arquiteta italiana Lina Bo Bardi e que se desdobrou e ganhando notoriedade no período de 1975 a 1982, com o designer Aloísio

Magalhães. Identifica-se que ambos foram pioneiros da reflexão sobre o artesanato como cultura nacional e sobre a aproximação deste ao Design (PAULA, 2008).

Como analisa Anastassakis (2011), o interesse de Lina Bo Bardi em expandir a prática artesanal e promovê-la como um forte potencial no desenvolvimento econômico fez com que elaborasse o projeto da Escola de Desenho Industrial e Artesanato na Bahia, entre os anos de 1962 e 1963. Tal projeto visava aproximar a indústria do artesanato e valorizar a cultural local. No entanto, o projeto ficou apenas no papel devido à saída forçada de Lina Bo Bardi de Salvador.

Lina definiu a prática aqui realizada, quando comparada ao artesanato europeu, como sendo “pré-artesanato” (BARDI apud PAULA, 1994, p. 28): produção artesanal popular, útil, necessária, de uso cotidiano e dotado de força lúdica. Já para Aloísio Magalhães o artesanato brasileiro já podia ser entendido como um “pré-Design”. Para o designer, o artesanato é a tecnologia de ponta situada dentro de um contexto específico, em determinado período histórico e, que quando obtém êxito, evolui naturalmente para uma maior complexidade, com maior eficiência e maior produtividade, permitindo uma maior possibilidade de disseminação. O que reforça as características do artesanato que fazem “do artesão um designer em potencial (MAGALHÃES, 1997).

Para Anastassakis (2011), o que é possível observar como ponto de convergência na atuação de ambos nessa relação do Design com o artesanato, seria a viabilidade da construção de um “Design de identidade nacional”, ou seja, “‘assimilar a cultura popular’ em ‘projetos de natureza participativa’ que intencionavam, através de uma ‘contextualização cultural’ do Design praticado por aqui, contribuir para o ‘desenvolvimento autônomo’ do país” (ANASTASSAKIS, 2011, p. 337).

Entretanto, essa aproximação se deu de maneira efetiva, em meados da década de 1980, como contextualiza Borges (2011), quando designers partiram em direção ao interior do país na busca da revitalização do artesanato. Essa revitalização se daria por meio da soma da preservação de técnicas produtivas e da incorporação de novos elementos, formais e/ou técnicos, aos artefatos.

Ao contextualizar a relação entre o Design e o Artesanato dentro do cenário nacional e a visão “purista” aqui levantada, Borges (2011) classifica algumas das principais possibilidades de atuação entre estas duas áreas: 1) melhoria das condições técnicas; 2) potencialidades dos materiais locais; 3) identidade e diversidade; 4) construção das marcas; 5) artesãos como fornecedores; 6) ações combinadas. Salientando que não existe um modelo

específico a ser seguido tanto pelo designer quanto pelo artesão e que dentro dessas possibilidades, novos eixos de trabalho podem surgir dependendo do contexto a ser trabalhado.

Como se pode observar, esta história inicial da relação entre o Design e o Artesanato estava mais focada numa perspectiva etnográfica, em que o designer se dispunha a ir até o local, aprender as técnicas e produzir uma memória para preservação de uma identidade do artesanato como um patrimônio cultural. No entanto, percebe-se que a visão ainda estava concentrada no “purismo” do artesanato, em que o designer saberia como preservar esta memória e dar valor ao artesanato melhor do que o próprio artesão.

Pode-se perceber esta pontuação de mudança de visão pela entrevista do designer Eduardo Barroso Neto para o jornal eletrônico “A Casa” em 2010 sobre Design e artesanato, também trata dessa contextualização e da importância dessa relação. Para Barroso (2010), essa relação se dá pontualmente desde o início dos anos 1980 em Minas Gerais, Pernambuco e Paraíba (onde existiam escolas de design que já pensavam essa relação). E se tornou mais tangível a partir da criação do Programa de Artesanato do SEBRAE em 1998/1999.

Somente a partir desta ação é que houve um desprendimento das posturas paternalistas que dominavam os programas de apoio ao artesanato conduzido pelo governo tanto na esfera federal como nos estados. (BARROSO, 2010).

Amartya Sen (1999), economista indiano, corrobora para validar esta mudança de enfoque da contribuição do Design no artesanato, pois esta relação pode ser apresentada em três aspectos principais: sua relevância direta para o bem-estar e liberdade do artesão, sua influência indireta na mudança social e sua influência indireta na produção econômica. E a partir do trabalho “*Designers Meet Artisans*” (2007) editado pela UNESCO, é evidenciada a importância do diálogo entre estas duas áreas no sentido de que há diferentes formas de intervenções e que produzem consequências diferenciadas que não se limitam a simples vendas dos artefatos.

Como se pode notar os profissionais do Design têm buscado desenvolver trabalhos voltados para o artesanato tanto pela necessidade de inovar criativamente, ou seja, no intuito de agregar determinados valores às mercadorias desenvolvidas, como é o caso do arquiteto Marcelo Rosenbaum com a primeira edição do projeto “A Gente Transforma”, desenvolvido na comunidade de Várzea Queimada, em Jaicós no Piauí. Quanto atuando exclusivamente dentro dessa relação, como é o caso do tecelão e designer de artesanato Renato Imbroisi, que

trabalha em parceria com artesãos têxteis, dirigindo oficinas de criação e desenvolvendo novos produtos.

Eis que neste novo momento da relação entre o Design e o artesanato surge a nomenclatura “Design Social”, como é, inclusive, utilizado pelo SEBRAE<sup>11</sup>:

Desenvolver projetos para promover mudanças sociais por meio do design ajuda a melhorar a percepção das marcas e negócios. Design Social é um tema controverso desde a sua definição. Enquanto alguns defendem que o termo engloba qualquer processo de design que resulte em impacto social positivo, para muitos outros, a forma como esse processo se dá e o tipo de impacto gerado são fatores relevantes para adequação de um projeto a essa área. De acordo com essa segunda compreensão, uma prática econômica, social e ambientalmente responsável por parte do designer não é suficiente para o enquadramento dentro do âmbito social da profissão. É necessário que os atores que sofrem com problemas se contextos analisados estejam envolvidos no processo e sejam parte da criação e das decisões, de forma a se apropriarem da solução desenvolvida. (Fonte: site SEBRAE).

Para Tonkinwise (2015), ao analisar o “Design Social” observa que por sua capacidade multidisciplinar, designers estão sendo chamados para compor equipes que abordam questões sociais:

O design ao se estabelecer como uma disciplina, com uma produção em pesquisa cada vez maior e como profissão expandiu sua competência através do pensamento do design estratégico, com isso, os designers estão sendo convidados a atuar em equipes transdisciplinares que abordam desafios sociais complexos que não são diretamente relacionadas ao design. (TONKINWISE, 2015, p. 5). (Tradução livre da autora).

Apesar de ser um termo controverso, compreende-se a relevância do que se tem por Design Social, devido à sua capacidade de se relacionar com o humano em diferentes contextos, seja em grandes empresas ou até mesmo em comunidades artesanais. Como aponta Manzini (2015) isso ocorre pelo modo como o Design utiliza de suas ferramentas e práticas projetuais para permitir ao artesão um novo “olhar” do seu ciclo de produção.

Portanto, segundo Niemeyer (1998), Krucken (2009) e Barroso (2010), a atuação do Design no artesanato se desenvolve a partir da sua capacidade de coordenação de projeto, capaz de integrar diferentes áreas, atuando em todas as etapas de geração de um artefato, desde a ideação e seleção de matéria-prima, produção até chegar ao produto final. Além de poder trazer ao artesanato novas possibilidades de atuação a partir de sua prática multidisciplinar, como é reforçado a seguir:

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/design-social-impacto-positivo-para-empresa-e-sociedade,d5d4c70e2f57f410VgnVCM1000004c00210aRCRD>

[...] o designer tornou-se um operador chave no mundo da produção e do consumo, cujo saber empregado é tipicamente multidisciplinar pelo seu modo de raciocinar sobre o próprio produto. Por estar no centro da relação entre consumo e produção, pela necessidade de entender as preferências e as dinâmicas de rede de valor e, sobretudo, pelo fato de que as suas ações devem conseguir modificar ou criar novos valores aos produtos por meio de suas intervenções projetuais. (CELASCHI apud MORAES, 2010, p. 7).

Além disso, Manzini (2015) aponta novas possibilidades de atuação do Design a partir de uma reflexão teórica sobre sistemas complexos e a experiência prática de inovação social não apontando uma solução única, mas sim, a distribuição dessa complexidade para toda a rede. O Design é capaz de “fazer as coisas acontecerem” e depois aprender com a experiência e criar ecossistemas mais favoráveis para eles onde eles podem florescer, se espalhar e se conectar verticalmente e horizontalmente” (MANZINI, 2015, p. 59).

Ao utilizar do Design na figura de coordenação de projeto, cria-se uma possibilidade maior deste se relacionar com o artesanato, que extrapola a interferência apenas no ciclo de produção do artefato. A partir de agora, cabe ao Design uma compreensão ampla da rede onde se desenvolve o artesanato no município de São Bento do Sapucaí. Para isso, passa-se a associar o Design à Teoria Ator-Rede.

Das potencialidades do Design, principalmente da atuação do designer, destaca-se seu caráter multidisciplinar, ou seja, a capacidade de se relacionar com diferentes áreas. Para Celaschi (2000) essa multidisciplinaridade se dá pelo modo como atua em diferentes etapas do processo de produção de seu produto, desde a ideação, a elaboração até as dinâmicas de consumo e valor do que foi produzido.

Visto que das possíveis intervenções do Design, optou-se pela interferência no artesanato por meio do Design Gráfico por ser, como aponta Lupton (2013), um campo criativo e não uma ciência, e, desse modo, pode vir a contribuir para esta pesquisa por meio do mapeamento e visualização de dados os organizando e dispondo de maneira a facilitar a compreensão e interpretações destes.

No que se refere ao *locus* escolhido, São Bento do Sapucaí, tem por principal característica seu aspecto turístico. De acordo com o mapeamento realizado para o desenvolvimento do Plano Diretor de Turismo<sup>12</sup>, o referido potencial se deve, principalmente,

---

<sup>12</sup>Disponível em <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/plano-diretor/>

aos atrativos naturais, com destaque para o Monumento Natural da Pedra do Baú (MoNa – Pedra do Baú).

Em informações coletadas do Plano Diretor de Turismo, tem-se que São Bento do Sapucaí recebe ao ano 147 mil visitantes, sendo 90 mil turistas. Desse total, 56,3% buscam contato com a natureza, o que classifica a prática de turismo local como ecoturismo, voltada para a observação da formação geológica local MoNa – Pedra do Baú. Essa prática permite uma breve análise dos artefatos, que trabalha a representação da iconografia da Pedra do Baú em seus artefatos.

Tal característica se torna relevante para a compreensão do artesanato local, pois esta se encontra ligada ao turismo dos atrativos naturais, tanto nas representações iconográficas, ou seja, representação de imagens e símbolos nos artefatos, quanto na localização dos pontos de comercialização do artesanato.

No entanto, é importante salientar que o turismo nesta pesquisa é tratado como um ator e não como uma área de conhecimento. Isso se deve a própria constituição da relação percebida entre os atores e as relações sociais da cidade de São Bento do Sapucaí. O foco destas relações está principalmente na questão da regionalização do turismo e do Plano Diretor. Relembrando Borges (2011) o diálogo em torno da relação Design e artesanato, iniciado no final da década de 1950, tem ganhado destaque e se consolidado em âmbito nacional como força de desenvolvimento regional.

Assim sendo, essa pesquisa se propõe a trazer uma crítica das intervenções do Design nessa relação, que apresenta problemas, principalmente quando se trata da interferência no processo produtivo. E a partir dessa perspectiva, propor um novo modo de olhar este artesanato local e de observar a rede de relações que se estabelece.

Além disso, órgãos municipais têm compreendido a importância da prática artesanal como potencial turístico tanto que desenvolveram e desenvolvem projetos na área de artesanato com diferentes propósitos. Tais projetos tiveram influência direta e indireta do Design, o que já demonstra uma relação existente entre estas duas áreas.

Em relação aos projetos já executados relacionados ao desenvolvimento do artesanato, foi observado que o papel desempenhado pelo designer foi de interferência nos materiais e nas técnicas, tanto as intervenções propostas pelo SEBRAE quanto pelo designer de artesanato Renato Imbroisi. Mesmo que ambas as intervenções terem atuado de diferentes maneiras, seus resultados ainda são visíveis e já estabilizaram naquilo que se coloca como artesanato de São Bento do Sapucaí.

Essa observação permite uma análise diferenciada daquelas que foram desenvolvidas focadas no processo de produção, como as que são explicitadas teoricamente por Meyer (2011) e as que foram realizadas no *locus* da pesquisa.

Dessa forma, a abordagem do Design aqui proposta se ampara em duas perspectivas: no que diz respeito ao foco na questão técnica (direcionada ao artefato), “que supõe que um artefato constrói-se mediante as vontades de suas próprias ‘funções originais’” (MEYER, 2011, p.4), o que mantém a identidade e a representatividade do artefato, mas visibilizando a sua representação; e a outra perspectiva cujo foco é no humano, direcionada ao usuário, como menciona Meyer (2011), a segunda via do designer se faz por uma força de ação humana conformada na figura do designer durante a concepção e também pelo usuário durante a utilização desse artefato, perspectiva essa que é refutada neste trabalho e que se (re)organizada como a percepção da busca do usuário pelo artefato.

Tal controvérsia gerou dentro desta pesquisa a seguinte pergunta: O que media estas duas perspectivas? Ao continuar com as argumentações de Meyer (2011), é preciso ter em vista que somente essas duas abordagens – foco na técnica e foco no humano – é ineficiente. Pois, quando se atenta ao fato de que tanto o humano é modificado pelo objeto, como também o objeto é modificado pelo humano, o estudo deve focar no que contém nas relações, ou seja, aquilo que media estas relações.

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa busca ampliar a compreensão dessa relação por meio da estruturação de uma análise, utilizando do caráter multidisciplinar de atuação do Design em conjunto com a Teoria Ator-Rede, mapeando as principais iniciativas e o retorno que trouxeram para o município e explorar outras possibilidades de atuação e entendimento tanto dessa rede quanto da própria atuação do designer.

## **2.2 A PRIMEIRA FONTE DE INCERTEZA: A FORMAÇÃO DE GRUPOS PELA INTERVENÇÃO DO DESIGN NO ARTESANATO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ**

Ao apontar as controvérsias entre o Design e o artesanato como área de conhecimento se faz necessário entender como estas se dão em São Bento de Sapucaí. Sendo que o primeiro ponto percebido neste social é a relevância de ações do Poder Público relacionado inicialmente a um desenvolvimento econômico de determinados bairros via projetos específicos ou pela

interferência da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico. E, portanto, seu entendimento a respeito do turismo nesta rede, que se posiciona como um ator que a dinamiza, e, que por assim ser, não será aprofundado aqui, como área de conhecimento.

De acordo com informações preliminares coletadas em campo, na cidade de São Bento do Sapucaí, sobre as principais interferências do Design no artesanato do município, tem-se que estas aconteceram em três diferentes momentos e de diferentes maneiras, sendo que aqui serão descritas baseada na cronologia identificada em campo pela pesquisadora, são elas: a) via SEBRAE no Arte no Quilombo (em 2004); b) via Designer de Artesanato Renato Imbroisi, no bairro Villa Cantagalo (em 2015); e c) por orientação de uma amiga decoradora ligada ao responsável pelo Agroarte (data não informada)<sup>13</sup>. A partir destes eventos referentes às iniciativas de órgãos públicos do município, percebe-se que a relação Design e artesanato está fortemente atrelada ao desenvolvimento turístico local.

Em um primeiro momento de observação em campo (pré campo - 15 de agosto de 2015), foi possível identificar a formação da primeira caixa-preta percebida nos artefatos do “Arte no Quilombo”, ou seja, a definição do artefato/Design via atuação do SEBRAE na utilização da palha de bananeira.

Assim como é colocado por definição de caixa-preta:

Expressão tomada da sociologia da ciência referente a maneira como o trabalho científico e técnico torna-se invisível decorrente de seu próprio êxito. [...]. Assim, paradoxalmente, quanto mais a ciência e a tecnologia obtêm sucesso, mais opacas e obscuras se tornam. (LATOURET, 2001).

Sendo assim, entende-se a palha de bananeira e fibra de bananeira como sendo uma caixa-preta, porque, até esse momento, tal matéria-prima – a partir de um breve levantamento a respeito do artesanato local e consulta a artigos - era tida como característica e referência no município. No entanto, ao seguir os rastros deixados por ela, tem-se que só foi conformada a partir da interferência do SEBRAE. Inclusive, em entrevista com a responsável pela loja Arte no Quilombo foi possível obter informações a respeito da matéria-prima utilizada, o modo de produção e da atuação do SEBRAE no local.

---

<sup>13</sup> “Sua criação surgiu da insistência de Seu Miguel Gomes, hoje com 71 anos de idade. Nosso pesquisador desenvolveu a fórmula de extração da Fibra da Bananeira do destino em oportunidades de vida. Sua pesquisa baseava numa apostila simples, dica de uma amiga decoradora, Sra. Janice que, entre seus feitos, trabalhava com materiais recicláveis.” (Fonte: <http://agroartemrefb.blogspot.com.br/>)

Durante as entrevistas preliminares realizadas no “Pré-Campo”, a pesquisadora optou por seguir os rastros das referidas caixas-pretas: a fibra de bananeira e a palha de bananeira e, assim, relatar as redes que se estabeleceram e como seus atores a compuseram. Inicialmente, na coleta de informações o ator SEBRAE se evidenciou, pois, sua ação, não ocorreu apenas pontualmente sobre o uso da fibra de bananeira, mas, sim, diante de um projeto mais amplo e que possibilitou um novo entendimento sobre a rede. Sendo que, até este momento da pesquisa, a fibra e palha de bananeira eram os principais atores desta rede, pois determinavam a forma e o diferencial em termos de artesanato e que o SEBRAE teria agido “apenas” mediando práticas e sofisticando técnicas.

No entanto, a ação do SEBRAE se deu de maneira mais intensa, pois este ator foi responsável por identificar na região suas produções primárias e as formas de utilização da matéria-prima abundante que poderia ser aplicada na confecção de artefatos artesanais, nesse caso, a fibra de bananeira, pois trata-se de um resíduo abundante durante todo ano, mas até então, pouco explorado para este fim. Em contraponto à palha de milho, que já era utilizada por alguns artesãos e que se apresenta como uma cultura característica desde a fundação do município, e, que, no entanto, é abundante apenas em algumas épocas do ano.

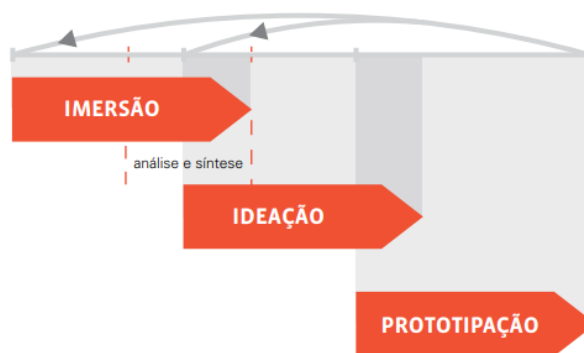
Essa interferência do SEBRAE pode ser observada e relatada tendo em vista a definição do conceito “artesanato” definida pelo “Termo de Referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato” (2010): “define-se como artesanato toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade”. (MASCÊNE, 2010).

Trata-se assim de uma nova angulação e de um novo arranjo desta rede Design-Artesanato, na qual estes atores são remodelados. O Design vai se afastando de um ator com ação exclusiva no campo estético (LATOURE, 2008) e vai se aproximando de uma ação mais voltada para os processos produtivos e mercadológicos e, portanto, também se distancia das práticas profissionais em si (CARDOSO, 2004).

Por outro lado, o artesanato na “visão purista” a qual ainda é predominante, se afasta do espontâneo, popular, útil e de fácil acesso, e vai se tornando uma tecnologia de ponta em um contexto específico e em determinado período histórico (MAGALHÃES, 1997). O que se observa na reangulação destes atores e as suas influências é o nascimento de algo híbrido e que só foi possível se configurar por conta da rede engendrada pela performance do Design e do artesanato neste contexto.

A partir dessa compreensão entre o artesanato e o Design via SEBRAE, em que o desenvolvimento de um mercado empreendedor age dentro desta rede para definir as capacitações dos artesãos de modo que tivessem acesso à essa nova matéria-prima e que desenvolvessem técnicas para elaboração dos artefatos utilizando desta, ficando a encargo do SEBRAE a formação de grupos responsáveis por determinadas funções: elaboração das peças, montagem e tingimento. Ficando claro, a partir dessas etapas, a atuação do Design, principalmente, quando comparado ao processo utilizado no *Design Thinking*.

Figura 45: Esquema das etapas do processo de Design Thinking.



Fonte: adaptado de Vianna et al. (2012).

Relacionada à técnica *Design Thinking* faz-se a observação de que o ponto de partida é a formação de grupos, no entanto, tem-se como algo problematizado por Latour (2012):

Relacionar-se com um ou outro grupo é um processo sem fim constituído por laços incertos, frágeis, convertidos e mutáveis. Não é curioso? [...]. No entanto, quando lemos teóricos sociais, parece que a questão mais importante e mais urgente consiste em descobrir com qual grupo é **preferível** iniciar uma pesquisa social. Devemos considerar os agregados sociais como realidades constituídas por “indivíduos”, “organizações”, “classes”, “papéis”, “trajetórias de vida”, “campos discursivos”, “genes egoístas”, “formas de vida”, “redes sociais”? Esses teóricos nunca se cansam de designar certas entidades como reais, sólidas, comprovadas ou estabelecidas, enquanto criticam outras como artificiais, imaginárias, transitórias, fantasiosas, abstratas, impessoais ou destituídas de sentido (LATOURE, 2012, p. 50 – grifo da autora).

Na sucinta descrição do trabalho nota-se que os atores humanos e não humanos foram dados como prontos, e, que, não se atenta a uma relação entre estes atores. Seguindo com o entendimento do Design (*Design Thinking*), cujo assume o papel de gestor, ou seja, a figura

detentora do poder de escolha e direcionamento, capaz de ampliar o olhar para tudo que envolve no artesanato. Tem-se como colocado no esquema da .

*Figura 45*, que a intervenção realizada pelo SEBRAE se aproxima da etapa denominada Imersão, não obstante, quando observado pela perspectiva do *Design Thinking*, “essa etapa da pesquisa consiste em um mergulho a fundo no contexto de vida dos atores e do assunto trabalhado. Geralmente, procura-se focar no ser humano” (VIANNA, 2011, p. 36).

Análoga à posição de Latour (2012) que remete aos cientistas sociais, que mesmo se propondo a reconhecer os ingredientes existentes na sociedade (observação de um campo social), tomam para si determinadas responsabilidades, ou seja, de

Relevância de um agrupamento e da irrelevância de outros, tudo acontece como se os cientistas sociais tivessem de postular a existência, “lá fora”, de um tipo real e de outros conjuntos falsos, obsoletos, insignificantes ou artificiais. (LATOURE, 2012, p. 51).

Tem-se, portanto, que a postura do Design se aproxima da postura das Ciências Sociais colocada pelo autor, dado que, utilizando o esquema das etapas do processo de *Design Thinking*: de modo a compreender a atuação do SEBRAE na rede referente ao Arte no Quilombo, constata-se que as atitudes tomadas se baseiam no que o Design entende como sendo o “melhor” para aquela comunidade como será observado adiante.

Já na primeira etapa de intervenção do SEBRAE, em 2004, aqui, comparada com a etapa Imersão, foi feito um breve reconhecimento do local até chegar a matéria-prima da palha de bananeira, que, de fato, é uma cultura agrícola predominante (bananicultura) e que oferece tal matéria prima em abundância durante todo o ano.

Ao abrir a caixa-preta “palha de bananeira”, chegou-se ao ator bananicultura e, conseqüentemente, teve-se conhecimento de que o SEBRAE desenvolveu em parceria com a faculdade ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) um estudo que resultou no relatório “Banana: estudo de mercado” (2008). A leitura deste relatório permitiu uma nova compreensão sobre o uso dos resíduos e a “versatilidade dos subprodutos da banana”, utilizando das folhas e fibras na produção de papéis, painéis, artesanato e até em aplicações da indústria.

Ao analisar o relatório “Banana: estudos de mercado” tem-se que apesar de não ser uma fruta nativa, a banana se caracteriza por ser a fruta mais consumida no país. Sendo que o início da bananicultura no Brasil e nas Américas se deu no século XV por meios das navegações portuguesa e espanhola.

No Brasil, o cultivo se espalhou rapidamente por entre as comunidades indígenas. Em pouco tempo, passou a ser parte integrante de um número significativo de pratos tradicionais. Também se mostrou excelente matéria-prima para a produção de artefatos de uso diário, como cestos e balaios. Os métodos de preparo do material foram gradualmente desenvolvidos e passados de geração em geração, sendo utilizados até hoje na elaboração de peças de artesanato. (ESPM, 2008, p. 14 – Relatório Diagnóstico do Mercado da Banana).

Dos dados apontados no relatório, o que se faz relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa é a porcentagem de 15% do consumo do mercado interno da banana que é destinado para outros fins além da alimentação.

A banana possui uma demanda voltada para o processamento industrial, tanto no setor alimentício quanto em outras atividades, como farmacêutica e cosmética, além da crescente utilização em atividades artesanais e até industriais. (IDEM, p. 44).

Como salienta Rodela et al. (2015) em relação a São Bento do Sapucaí, a bananicultura se destaca por representar uma das principais fontes de renda local, assim como de desenvolvimento social e cultural, trazendo retorno tanto para os agricultores quanto para os artesãos.

Além disso, no relatório consta as possibilidades de utilização dos resíduos da bananeira em atividades de artesanato, demonstrando as principais características e benefícios da substituição de matérias-primas pela fibra de bananeira.

**Artesanato.** Quando devidamente trabalhada, a fibra de bananeira permite a produção de bijuterias, caixinhas e bolsas. Da casca da planta são extraídos cinco tipos de fibra com texturas e características diferentes, o que a caracteriza como uma matéria-prima bastante versátil;

**Móveis e objetos de decoração.** Muitos pequenos bananicultores têm dedicado esforço e atenção ao uso das fibras de bananeira na confecção de produtos de decoração, como tapetes e luminárias. [...]. Outro uso inusitado está na fabricação de móveis de luxo, onde as fibras de bananeira substituem o couro e os tecidos nos estofados. As principais características do material são a maior resistência a manchas e o *dégradé* natural, que vai do bege ao marrom. Apesar de, até agora, os produtores participarem de maneira limitada da elaboração dos objetos finais de decoração, a possibilidade de beneficiar o pseudocaule e comercializá-lo é benéfica ao seu desempenho econômico, uma vez que pode complementar os rendimentos obtidos a partir da venda da fruta.

**Papel.** Feito artesanalmente a partir do pseudocaule da bananeira, tem diversas aplicações no artesanato, como na confecção de papel para convites, embrulho de pequenos presentes e capas de álbuns e cadernos. Esta alternativa é interessante para os produtores, pois não utiliza a fruta, aproveitando partes habitualmente descartadas durante a produção ou a colheita. Além disso, esse processo não demanda custos altos, treinamento sofisticado ou tecnologia de ponta. (RODELA et al, 2015, p. 47).

Na etapa de Ideação, o segundo passo do SEBRAE, foi pensar artefatos possíveis para a utilização da matéria-prima - tendo em vista o relatório “Banana: estudos de mercado” – que facilita a investigação acerca das capacitações elaboradas. Pois, sabe-se que tal técnica já estava

sendo aplicada em outros locais, sendo apenas, readaptada a fim de atender às capacidades dos artesãos do bairro do Quilombo em São Bento do Sapucaí.

Além disso, o que se sabe a respeito dessas capacitações é que foram, primeiramente, apresentadas de modo teórico e expositivo para que os artesãos tivessem conhecimento das possibilidades em torno da matéria-prima, desde sua extração até o tratamento para, por fim, utilização nos artefatos.

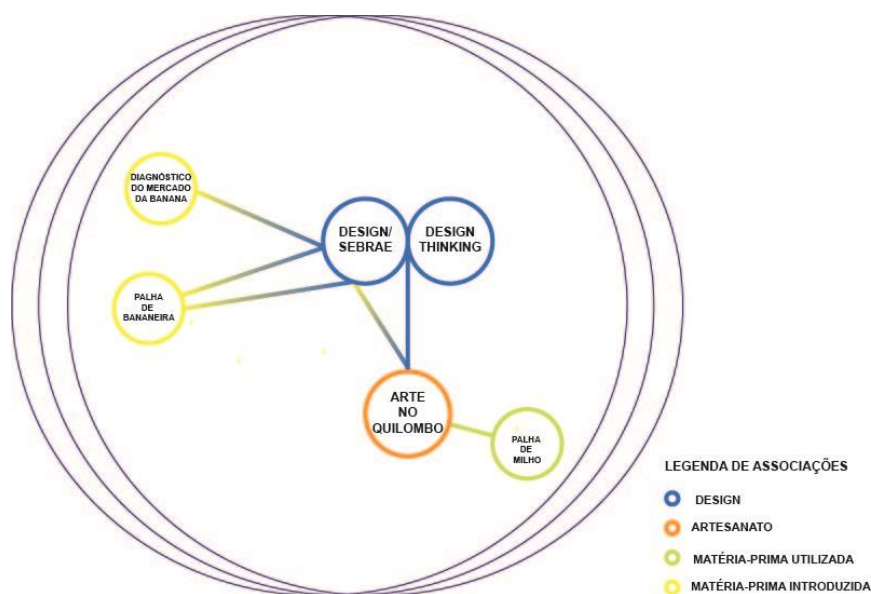
Após essa etapa, foram elaboradas oficinas colaborativas onde seriam desenvolvidos, de fato, os artefatos utilizando da palha de bananeira. Esse momento, pode ser definido como sendo a etapa de Prototipação, onde os artesãos se dividiram em torno do que achavam ser mais aptos a realizar. Tendo grupos responsáveis pelo tratamento da palha, molde, tingimento e montagem das peças. Atualmente, essas etapas ocorrem não somente no espaço destinado aos artesãos, mas também, em suas residências, sendo, muitas vezes, o espaço utilizado apenas para outras oficinas e comercialização das peças.

Por fim, diante das possibilidades de intervenção do Design no artesanato, Barroso (2010) pontua que a atuação do SEBRAE se desenvolve de maneira radical, preocupado em criar, em parceria com os artesãos, novos produtos que atenda demandas de mercado. No entanto, existem intervenções que se dão pontualmente, buscando o mínimo de interferência nos produtos e com a preocupação em inovar no modo de exposição desses produtos para comercialização. No que tange a participação do SEBRAE aqui estudada, percebe-se a formação de uma caixa-preta, a palha de bananeira, que hoje se encontra fechada, devido ao sucesso obtido na concepção e comercialização servindo de modelo para outros artesãos do município.

Em paralelo ao que pontua Barroso (2010) na atuação do SEBRAE, tem-se o que Leon (2005) problematiza a respeito da atuação do designer, que passa a assumir o papel de consultor mercadológico, que busca inventar produtos pensados para mercados distantes da realidade local. Interferindo de maneira direta no ciclo produtivo, repensando maneiras de diminuir o tempo empregado na confecção de objetos.

Aqui também fica claro o que Latour (2012) confirma a partir de sua lógica relativista, de que, essas controvérsias obtidas ao longo da abertura da caixa-preta, proporcionam ao pesquisador recursos necessários para rastrear as conexões sociais. Visto que, “os grupos não são coisas silenciosas, mas o produto provisório de um rumor constante feito por milhões de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele” (LATOURE, 2012, p. 55).

Figura 46: Intervenção SEBRAE



Fonte: elaborado pela autora.

Na Figura 46 observa-se a rede de associações que se dão na intervenção do SEBRAE, com foco para os atores não humanos responsáveis por essas interações. Em destaque e representados pelas circunferências maiores, estão os principais atores: Design/SEBRAE; *Design Thinking*, Arte no Quilombo.

Já nas circunferências menores estão representados os atores que também agem para que essa rede aconteça, no entanto, com um nível de agência menor, e que, são tidos como mediadores: o “Diagnóstico do Mercado da Banana”, palha de bananeira e palha de milho. As interações representadas pela variação de cor demonstram as interferências que se mantêm em agência durante as associações, mas que não participam de maneira direta.

Para melhor compreensão, na figura, tem-se que tanto o “Diagnóstico do Mercado da Banana” e a palha de bananeira estão agindo sobre o SEBRAE e tal agência reverbera em ambos. No entanto, quando observada a atuação da palha de bananeira no Arte do Quilombo essa, só ocorre, quando em decorrência da associação com o SEBRAE.

Já a segunda atuação do Design em São Bento do Sapucaí foi identificada como sendo o “diagnóstico” – assim denominado pela metodologia do designer - do artesanato feito pelo designer de Artesanato Renato Imbroisi. Como já colocado anteriormente, a iniciativa para tal atuação se deu por meio do projeto piloto de Turismo Rural Comunitário, em 2015. Em

entrevista com a subsecretária de turismo foi confirmado que a busca pelo trabalho do designer se deu pela coordenadora do projeto e residente do bairro Cantagalo, que por ter conhecimento das ações por ele desenvolvidas acreditava também ser possível desenvolver no artesanato local. No entanto, devido à problemas enfrentados pelo projeto, não foi possível dar sequência ao trabalho do designer no bairro o que gerou algumas inseguranças no processo de produção dos artesãos envolvidos.

Em 2015, o São Bento por Vários Fios pode trazer Renato Imbroisi, tecelão e designer de artesanato de prestígio que já participou de mais de 140 projetos no Brasil, África, Itália e Japão. Foi através de seu diagnóstico que se tornou possível dar rumos ao projeto que hoje contribui para a realização de diversas atividades como um livro bordado sobre São Bento do Sapucaí<sup>14</sup>.

Neste caso, observa-se uma problemática em torno da figura do designer, que faz com que o processo não se desenvolva com a sua saída do local, seja pela crença de que somente ele é o detentor do conhecimento necessário para a continuação do trabalho, por desinteresse dos artesãos ou mesmo falta de suporte necessário para que os próprios possam dar continuidade ao que foi iniciado.

Neste caso, tem-se que o diagnóstico realizado também se aproxima da etapa de Ideação definida pelo *Design Thinking*:

A primeira etapa da consultoria é a avaliação do artesanato que já é feito pelo indivíduo, grupo ou comunidade. Há casos em que não se pratica nenhum artesanato, e caberá ao designer introduzir uma técnica que seja adequada à realidade ambiental, social e cultural. Algumas instituições enviam material - como fotos, relatos - para o designer, antes da consultoria, mas somente ao chegar ao local é que ele poderá efetivamente fazer uma avaliação. Na maioria das vezes, o diagnóstico é concluído apenas na primeira oficina, em que há o contato direto com os artesãos, permitindo conhecer sua produção, capacitação técnica, as histórias de cada indivíduo e da comunidade em que vivem<sup>15</sup>.

No caso do bairro Cantagalo, antes da entrada do designer, o destaque era para os produtos de caráter alimentício (geleias, compotas, etc), com destaque para o azeite Oliq, que é a principal referência artesanal no bairro, utilizando da matéria-prima azeitona para o desenvolvimento de outros artefatos como sabonetes e velas. No entanto, Imbroisi observou uma potencialidade nas mulheres residentes do bairro em desenvolver a técnica do bordado.

---

<sup>14</sup> Disponível em:

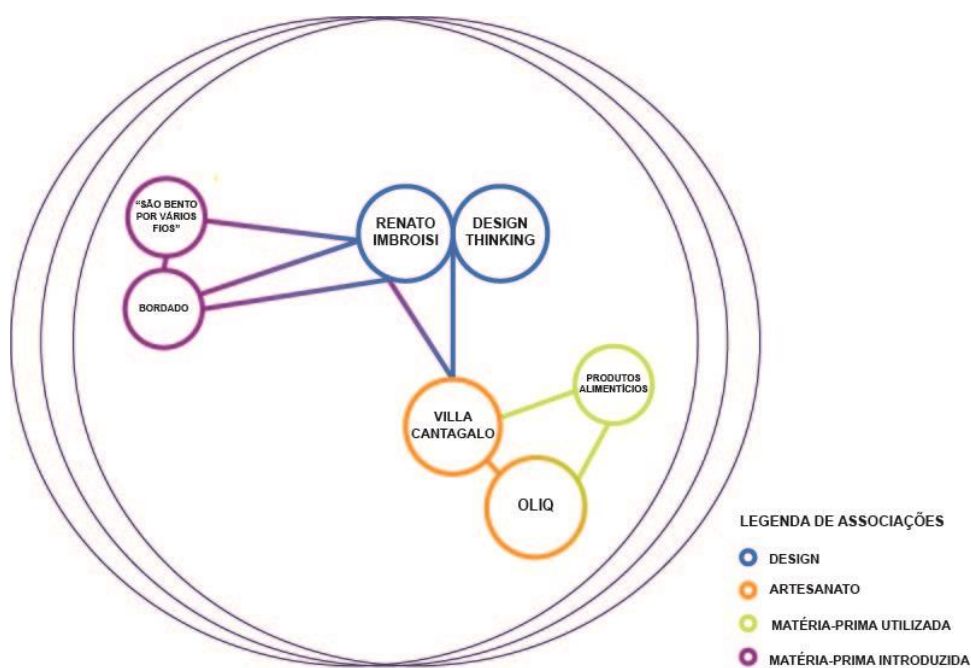
<http://www.editaisproac.sp.gov.br/InscricoesEditaisUFDPC/download/downloadArquivo.action;jsessionid=B0F2CCF401FEA0D7095829CD4D5971BE?arq.id=12970>. Acesso em fevereiro de 2018.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.acasa.org.br/biblioteca/texto/412>. Acesso em fevereiro de 2018.

O trabalho do designer não teve sequência, como já mencionado anteriormente, devido à problemas não expostos durante as entrevistas em campo, mas o que se teve conhecimento a respeito do desenvolvimento do projeto, é que sua saída de cena enfraqueceu e desmotivou as artesãs.

Aqui tem-se o que Latour (2012) critica na atuação do sociólogo, de reduzir os atores humanos a meros informantes que apenas respondem às suas perguntas, ou seja, o designer quando assume a postura de detentor do conhecimento se aproxima da figura do sociólogo, fazendo com que as artesãs se tornem reféns de sua presença, dificultando a continuidade do projeto após sua saída.

Figura 47: Intervenção Designer Renato Imbroisi



Fonte: elaborado pela autora.

A rede representada na Figura 47 apresenta o Design que está performado por um ator humano, o designer de Artesanato Renato Imbroisi. Entretanto, há outros atores que compõe esta rede com o mesmo nível de agência são eles: *Design Thinking*, Villa Cantagalo e OLIQ. É preciso compreender que para a conformação dessa rede também existem mediadores responsáveis por agências que afetam esta rede, são eles: “São Bento por Vários Fios”, a técnica do bordado e produtos alimentícios.

Do mesmo modo que a análise da Figura 46, a variação de cor, aqui, representa ações que continuam ocorrendo, neste caso, a técnica do bordado está associada ao projeto “São Bento por Vários Fios”, que por sua vez, estão em agência com Renato Imbroisi, resultando na sua interferência na Villa Cantagalo. A variação de cor representada no Oliq é compreendida pela importância desta para o artesanato local, no entanto, em uma categoria diferente, a de produtos alimentícios.

Dando sequência, a última interferência do Design no artesanato, aqui trabalhada, deu-se através de outro tipo de performance. Tendo em vista que na primeira análise tal interferência se deu por meio de uma organização (SEBRAE) e, portanto, com fins mercadológicos. Na segunda, se deu via humana performado na figura do designer Renato Imbroisi. E, aqui, se dá por meio do desenvolvimento de uma técnica.

Ou seja, diferente das demais interferências, não foi um trabalho contratado com a finalidade de receber a atuação do designer/Design, no entanto, observa-se a performatividade do Design no artesanato. Explica-se: o dono da Agroarte, Seu Miguel Gomes, desenvolveu a fórmula e a técnica de extração da fibra de bananeira pela indicação da Sra. Janice, uma amiga pessoal e decoradora, que o presenteou com apostilas e um material básico sobre a fibra de bananeira.

A partir de uma reportagem do canal Vanguarda realizada no ano de 2011<sup>16</sup>, foram obtidas informações a respeito do processo de produção do artesão. Em entrevista Seu Miguel Gomes afirma que já faz 14 anos (atualmente, 21anos) que se dedica a estudar a fibra de bananeira, a partir de experimentos e pesquisas foi desenvolvendo diferentes maquinários para tratar a fibra de bananeira até chegar a técnica utilizada hoje.

Embora o termo não apareça, justifica-se o Design como conhecimento e forma de performar dentro de uma rede. Tem-se aqui o rompimento com uma forma clássica de entendimento do Design no artesanato que é compartilhada por Niemeyer (1998), Krucken (2009) e Barroso (2010), de que o Design é importante para o artesanato pela sua capacidade de coordenação de projeto, capaz de integrar diferentes áreas, atuando em todas as etapas de geração de um artefato, desde a ideação e seleção de matéria-prima, produção até chegar ao produto final.

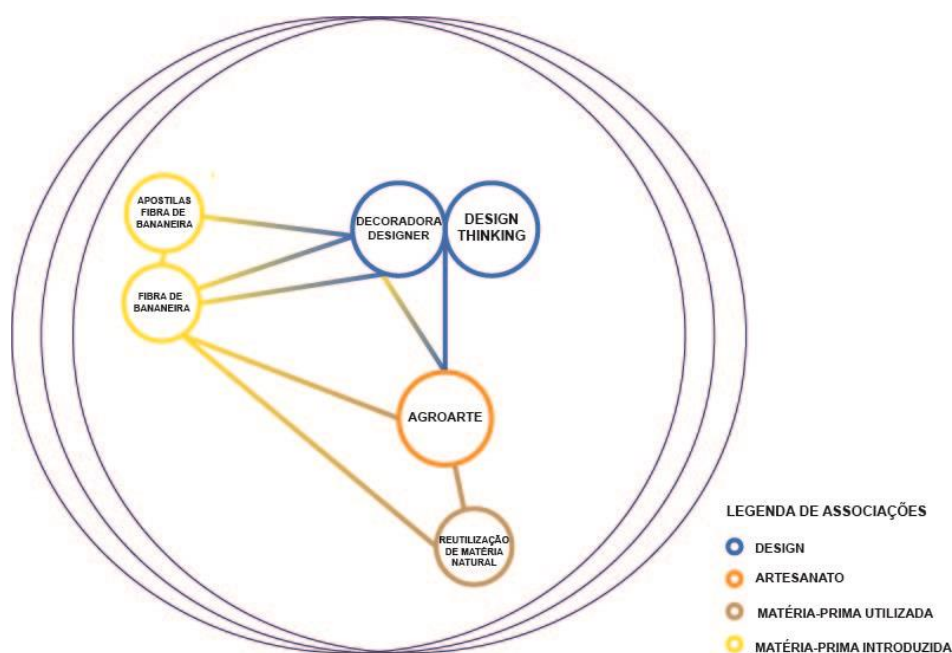
---

<sup>16</sup> Reportagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dsh82Kb7pME>. Acesso em 12 de abril de 2018.

Reforçando assim, a perspectiva de que pelo Design é possível uma reflexão teórica sobre sistemas complexos e a experiência prática de inovação social não apontando uma solução única, mas sim, a potencialidade de distribuir essa complexidade para toda a rede. O Design é capaz de “fazer as coisas acontecerem” e depois aprender com a experiência e criar ecossistemas mais favoráveis para eles onde eles podem florescer, se espalhar e se conectar verticalmente e horizontalmente” (MANZINI, 2015, p. 59).

Nesse caso, é possível perceber apenas a realização das duas etapas do *Design Thinking* Ideação e Prototipação, que foram desenvolvidas pelo próprio artesão a partir de tentativas e erros. Depois de muita pesquisa e testes, chegou ao modelo de extração que mais se adequava aos seus artefatos. Hoje em dia, o Agroarte é referência no artesanato local tendo como características principais, artefatos mais elaborados utilizando de outras matérias-primas em conjunto com a fibra de bananeira. Além disso, seus artefatos possuem um valor mais alto atendendo um nicho específico de mercado.

Figura 48: Intervenção decoradora/designer



Fonte: elaborado pela autora.

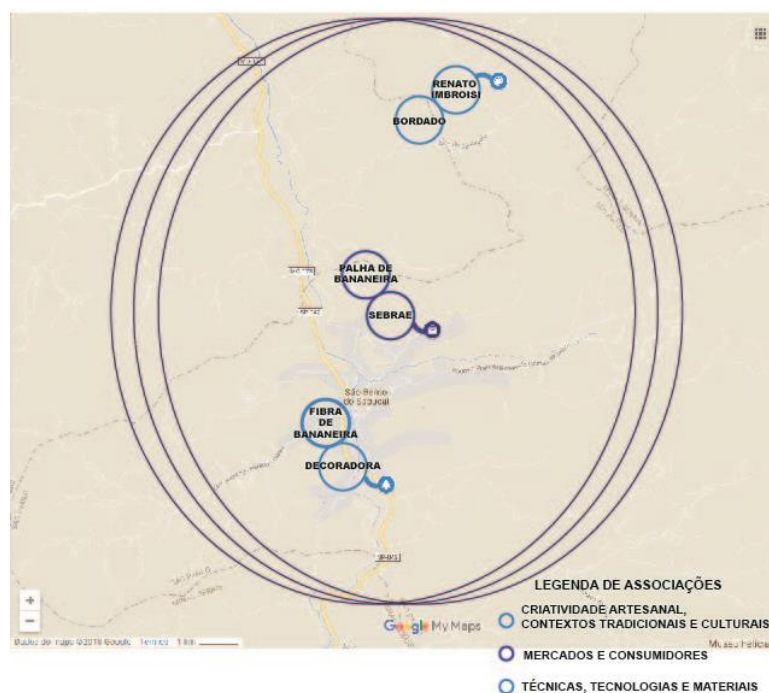
Já a rede da Figura 48, assim como a da Figura 47 tem a atuação do Design por meio da figura do designer, porém, também com o mesmo nível de agência dos demais atores

representados pelas circunferências maiores, neste caso: decoradora/designer, *Design Thinking* e Agroarte.

Os atores mediadores representados pelas circunferências menores são: apostilas sobre a utilização da fibra de bananeira, a fibra de bananeira e a reutilização de matéria natural. Aqui, tem-se que as apostilas e a fibra de bananeira quando associadas estão agindo sobre a decoradora/designer que está agindo sobre o Agroarte. No entanto, outra ação também merece atenção, pois o Agroarte passa a adotar a fibra de bananeira como matéria-prima em associação com as outras matérias-primas antes utilizada. Por isso, neste caso há a representação de outra variação de cor.

Sendo assim, tem-se também a visualidade das três interferências do Design no artesanato como apontado no documento “*Designers Meet Artisans*” da UNESCO (2007): 1) intervenções nos mercados e consumidores, que se dá a partir da intervenção via SEBRAE no Arte no Quilombo 2) intervenções na criatividade artesanal, contextos tradicionais e culturais, que se dá pelo designer Renato Imbroisi no bairro Cantagalo e 3) intervenções em técnicas, tecnologias e materiais, que se dá via amiga decoradora no Agroarte. Tal visualidade pode ser observada a partir da seguinte rede estabelecida no plano da cidade de São Bento do Sapucaí como se pode perceber pela imagem:

Figura 49: Intervenções do Design no Artesanato de São Bento do Sapucaí



Fonte: elaborado pela autora.

Ao relatar as relações estabelecidas entre o Design e o artesanato em São Bento do Sapucaí, fica evidenciado redes truncadas de concepções e de intervenções, de entendimento de produção de artefatos e de mercado. Como também a influência geográfica das intervenções se relacionam na conformação das redes.

Para melhor explicar: o bairro do Quilombo, o primeiro a sofrer a interferência do Design é também o bairro mais antigo do município e que se mantém fiel a sua história e tradição herança das comunidades quilombolas. Das manifestações culturais e festas que ainda acontecem no bairro se destacam a Festa do 13 de Maio e a Congada de São Benedito, ambas iniciativas da matriarca do bairro, “Dona Luzia”.

O artesanato local se desenvolveu por iniciativa e referência do artista Ditinho Joana nos moradores e pela necessidade dos mesmos de ampliarem sua renda familiar. Posteriormente, com ajuda da prefeitura, SENAR –SP (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e SEBRAE foram ofertados cursos e oficinas para a introdução da técnica com a palha de bananeira. Com o tempo e pelo interesse dos moradores em desenvolver o artesanato do bairro foi criado em janeiro de 2004 o espaço Arte no Quilombo que, hoje em dia, se configura como uma associação com mais de 80 associados.

Ao se aprofundar na história do bairro percebe-se a importância dada ao artesanato local, sendo o Ateliê Ditinho Joana e o Arte no Quilombo integrantes do chamado Complexo Turístico “José Antônio de Abreu”, e, portanto, se faz possível compreender a necessidade de se repensar o ciclo de produção de artefatos com o intuito de atender não somente a demanda turística, mas de representatividade do bairro.

Já o bairro do Cantagalo é caracterizado por ser um bairro mais afastado - 18 km do centro da cidade - de altitude elevada e temperatura mais amena. Tais características afirmam o difícil acesso ao bairro. Por esse motivo, os moradores foram estimulados a desenvolver suas próprias soluções rústicas para resolverem os problemas do cotidiano.

Por se tratar de um bairro rural, a natureza fértil devido ao pouco contato do humano, permite que a principal atividade econômica local seja a agricultura, que traz como referência a produção artesanal de geleias, doces e compotas e a agroindústria de azeite de oliva Oliq.

O turismo do bairro está atrelado não somente à essas atividades, mas também aos atrativos naturais (cachoeiras, trilhas, etc.). Tal potencial turístico foi responsável pela implantação do projeto “Villa Cantagalo – Turismo Rural Comunitário” pela Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico em parceria com o SENAR –SP (Serviço de Nacional

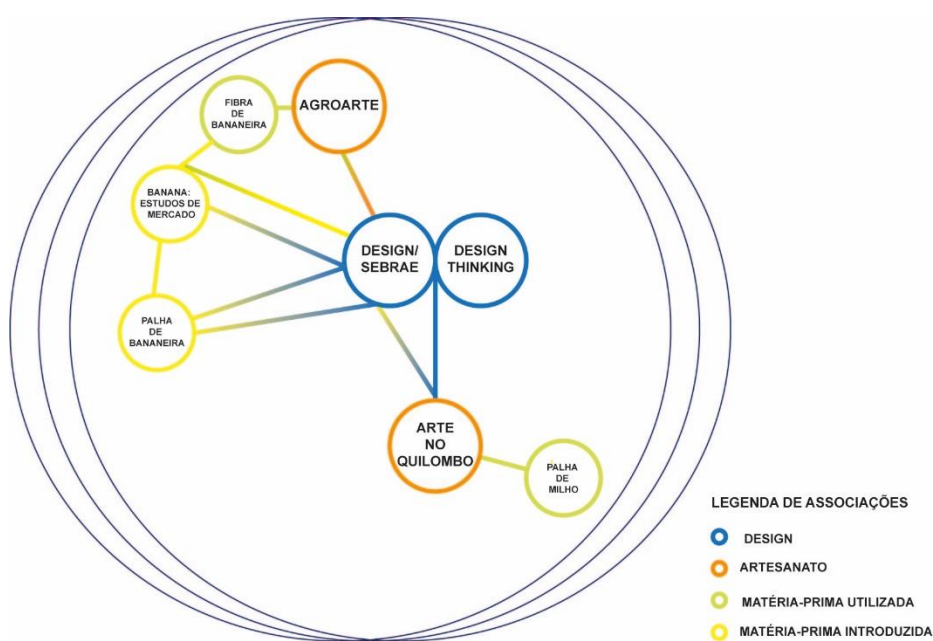
de Aprendizagem Rural), projeto esse que possibilitou a entrada do designer Renato Imbroisi no bairro.

Em ambos os casos se compreende que a necessidade da interferência do Design no artesanato foi para melhorar o ciclo de produção dos artefatos tanto no que diz respeito a técnicas, materiais e mercado e, também para ampliar o atendimento a demanda turística local.

A região central do município traz interferência ao Agroarte. Sabe-se que o processo de introdução da fibra de bananeira nos artefatos já vinha ocorrendo em paralelo às outras interferências, no entanto, não foram coletadas informações precisas de quando Seu Miguel Gomes passou a utilizar do material emprestado pela amiga decoradora. Apesar disso, pode-se desenvolver a hipótese de que tal atividade possa ter relação com a interferência realizada no bairro do Quilombo, visto que, o Agroarte já era referência na reutilização da bananeira no artesanato local. Por esse motivo, acredita-se que tenha sido utilizado como modelo nas pesquisas realizadas pelo SEBRAE.

Nesse momento, uma nova conformação da rede se mostra relevante e pode ser observada abaixo. Aqui, tem-se a introdução do ator “Agroarte” mediado pela fibra de bananeira em associação com o SEBRAE, resultando na interferência no ator “Arte no Quilombo”. Também se faz possível a associação da fibra de bananeira no ator “Banana: estudos de mercado” que age sobre o SEBRAE e, por consequência, no “Arte no Quilombo”.

Figura 50: Associação Agroarte e SEBRAE



Fonte: elaborado pela autora.

No entanto, tanto o artesanato quanto o Design ao serem inseridos na lógica de rede de associações e reassociações de atores, característica da ANT, perde o seu sentido de definição, ou seja, deixa de serem tidos como “caixa-preta”. Tal expressão, Latour (2001) pega emprestado da sociologia da ciência para referir-se a maneira como o trabalho científico e técnico torna-se invisível diante de seu desfecho. Ou seja, o bom funcionamento de algo impede que aquilo seja novamente investigado.

Além disso, conclui-se que a ANT, neste caso, é uma ferramenta capaz de dar aos próprios atores espaço para que possam se definir, enfatizando, que “os agregados sociais não devem ser feitos apenas de laços humanos” (LATOURE, 2012, p. 69). E, portanto, quando em conjunto com o Design Gráfico, cuja função é sintetizar e organizar essas informações de maneira gráfica, chega-se a constatação que se aproxima com a do tipógrafo alemão Otl Aicher, aqui, expressada por Fuentes (2006), que ressalta a relevância do papel do designer gráfico como sintetizador capaz de tornar visível o invisível, se utilizando de signos e imagens para pensar um problema. Neste caso, de dar a devida atenção tanto aos atores humanos como não humanos a partir da organização dos elementos em rede.

A partir da definição recomendada pela ANT na perspectiva de Latour (2012), busca-se desmistificar o social apresentado, ou seja, a relação Design e artesanato, como sendo apenas algo relacionado aos humanos, mas compreendendo um movimento peculiar de reassociação e reagregação, lembrando que “as associações são feitas de vínculos não sociais por natureza” (LATOURE, 2012, p. 27).

Nesse sentido, em São Bento do Sapucaí, há a presença de outros elementos híbridos que vão desde: a produção de um patrimônio cultural, a interferência de um designer (Renato Imbroisi) como também a atuação do SEBRAE juntamente com a Secretaria do Turismo e Desenvolvimento Econômico por meio da Incubadora de Economia Criativa, que fazem com que a caixa-preta seja aberta para a compreensão dessa nova rede.

## **2.3 QUANDO E COMO ASSUMIR UMA AÇÃO**

A partir da visualidade das redes e a sobreposição destas no mapa de São Bento do Sapucaí, segue-se com o diferencial oferecido pela ANT de ampliar esse social mais uma vez. Isto é, para além das interferências do Design no artesanato e tudo o que circundou esta relação,

para reforçar o papel assumido pelos atores não humanos, de modo a “seguir os próprios atores”, ou seja, o artesanato em si, sua visualidade e representação. Buscou-se desta forma rastrear as representações do artesanato por intermédio dos meios digitais. Sendo assim, aqui se insere mais um ator: a mídia digital e a sua capacidade de disseminar dados e informações, o que se acrescenta a visualidade e a representação.

A começar pelo entendimento de que o artesanato para além de uma atividade de geração de renda, expressão e manifestação de uma tradição e cultura, também é observada como um passatempo ou mesmo como uma forma de distração. Tais características, ao serem pensadas e realizadas pelos artesãos se configuram materialmente em artefatos artesanais, que de maneira “silenciosa” representam suas ações.

Para Cardoso (1998), a escolha do uso da palavra artefato se dá, porque se refere a objetos produzidos através do trabalho humano e, que, por esse motivo se diferem dos objetos naturais ou acidentais. Tal definição se aproxima do que Latour também compreende da definição do termo: “ao contrário do fato, o artefato surpreende, porque descobrimos ali a ação humana, quando não esperávamos por isso” (LATOURE, 2002, p. 46). E é por esse motivo que ao se referir aos objetos analisados ao longo dessa pesquisa optou-se pela utilização do termo artefato, o que se compreende tratar de algo que sofreu uma intervenção humana, tanto do artesão quanto do designer.

Para Moraes (2010), o artesão se vê no artefato e o criador na criatura (LATOURE; WOOLGAR, 1994), sendo assim, um artefato se torna um fato quando perde todas as suas qualificações espaciais/temporais sendo incorporado em um amplo campo de conhecimentos. Na produção artesanal, pode-se observar a interação dos atores com a realidade sociocultural em que estão inseridos e essa influência na concepção de artefatos.

Assim, como observa Videla (2016), o artefato funciona de acordo com as difíceis negociações com que é elaborada, tal negociação compreende todos os atores envolvidos na sua confecção, abrangendo, inclusive, o que está ao seu entorno. Ao pensar o artesanato nessa lógica identifica-se uma aproximação com o que Moraes (2010) entende por sua definição, sendo “o resultado do convívio do homem com a sua cultura autóctone, suas tradições, credences e religiosidades transformadas, por sua vez, em cultura material espontânea e popular” (MORAES, 2010, p. 70).

Para Law (1992), as pessoas só são o quem são porque fazem parte de uma rede padronizada de materiais heterogêneos, além disso, para Latour (1992), a tecnologia tem um

importante papel na mediação das relações humanas, não sendo possível compreender a sociedade sem antes compreender como a tecnologia molda o cotidiano das pessoas.

No entanto, essas relações não são lineares e explícitas, mas possíveis de visibilidade pela Teoria Ator Rede (ANT). E, portanto, trouxeram a viabilidade de entender estes artefatos artesanais para além de sua concepção como produto, mas como rede de agenciamentos que envolvem atores e manifestações gráficas.

Isto posto, essa compreensão da ANT e de como o Design já estava atuando em São Bento do Sapucaí, possibilitou que a pesquisadora partisse do “Olhar do Design”, ou seja do entrelaçamento do Design e a ANT para a percepção das afetações provocadas neste Social de maneira gráfica e visual.

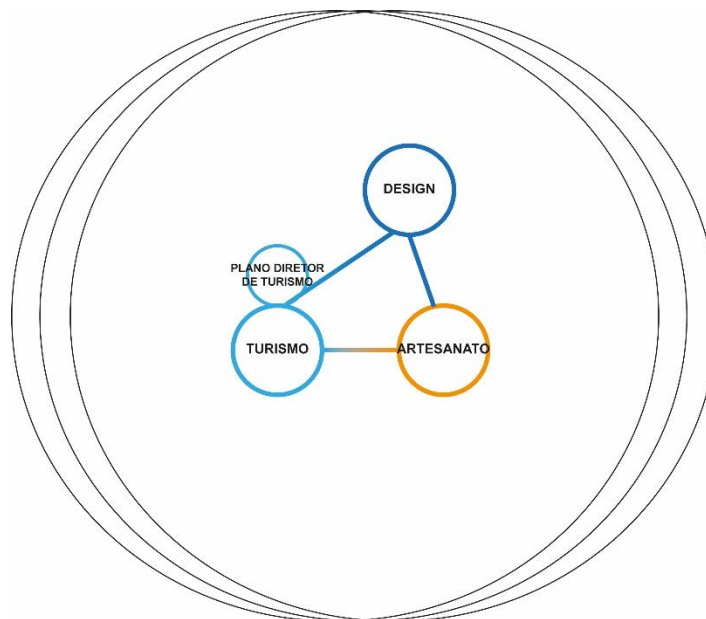
Nesse sentido, partiu-se para uma possibilidade de um outro Design e uma outra visibilidade da rede: a interpretação dos mapas ilustrados nos guias turísticos. Isso se deve porque os artefatos foram concebidos e existem em uma rede muito maior do que a de simples confecção.

Na maioria das situações, usamos “social” para significar aquilo que já está reagregado e age como todo, sem insistir muito na exata natureza do que foi reunido, amarrado e empacotado conjuntamente. Quando dizemos que algo é “social” ou tem “dimensão social”, mobilizamos um acervo de características que, por assim dizer, marcham juntas independentemente de o acervo ser composto de tipos de entidades muito diversas. Esse uso simples do termo funciona enquanto não confundimos as frases “O social é um agregado?” E “O social designa um objeto particular.” (LATOUR, 2012, p. 71).

Se anteriormente foi analisada a rede entre artesanato e Design em São Bento do Sapucaí, agora se faz necessário o entendimento desta rede expandida. Se o artesanato vem como uma ação do turismo, ou seja, um desenvolvimento regional, há de se entender que não é possível deixar de analisar o turismo.

A ação não ocorre sob o pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos. É essa fonte de incerteza que desejamos restaurar com a bizarra expressão ator-rede. (LATOUR, 2012, p.72)

Figura 51: Rede Design X Artesanato X Turismo



Fonte: a autora.

A rede acima se conforma a partir dos três atores principais, aqui, considerados: Design, artesanato e turismo, mediado pelo Plano Diretor de Turismo. Até esse momento, o ator turismo já havia sido citado, contudo, para explicar a rede a respeito do município, já neste caso, ele se mostra como um ator para compreensão do artesanato local. Tem-se o Design agindo sobre o artesanato como já detalhado na seção anterior, que representa as três interferências observadas em campo.

A ação desenvolvida entre o turismo e o artesanato se dá numa variação de cor, pois representa a dificuldade em identificar de onde parte a ação e, que faz dela em constante agência. E, por fim, a ação entre o ator Design e turismo, que se desenvolve principalmente por mediação do Plano Diretor de Turismo. Neste caso, tanto o Design pode atuar por meio do Design Gráfico de modo a organizar e representar as informações contidas no Plano, quanto tal pode utilizar das informações de intervenção do Design no artesanato como levantamento de dados.

Como observa Latour (2012), inúmeras são as ações, assim como a lista de grupos formados que a realizam, e, portanto, se faz necessário limitar o conjunto de informações a respeito das controvérsias identificadas. Assim, é necessário mapear as controvérsias em torno da ação, “em primeiro lugar, as ações aparecem sempre num relato como responsáveis por um feito, ou seja, como algo que afeta um estado de coisas” (LATOURE, 2012, p. 84). Neste caso,

o feito aqui considerado é a existência da ação do turismo na relação Design e artesanato, como já mencionado na rede acima.

Em segundo lugar, é importante observar que se essa ação se apresenta como uma coisa, sua figuração é outra, que como aponta Latour (2012) é responsável por dar uma forma a ela. No entanto, “ninguém pode afirmar quanta individualidade existe num conjunto de dados estatísticos” (LATOURE, 2012, p.86), neste caso, essa figuração se performa como o mediador Plano Diretor de Turismo. Cujo é resultado do programa de Regionalização do Turismo, que tem por objetivo principal “apoiar a gestão, estruturação e promoção do turismo no país, de forma regionalizada e descentralizada”<sup>17</sup>. Isto é, adiante, o artesanato do município passa não somente a dialogar localmente, mas se estende para dialogar com o que está sendo produzido regionalmente.

Em terceiro lugar, Latour (2012) pontua como papel do pesquisador limitar a lista de ações que são de relevância para seu estudo. E, portanto, passa-se ao quarto modo de mapear essas ações, onde “os atores também podem ter suas próprias teorias da ação para explicar como se produzem os efeitos das ações” (LATOURE, 2012, p.90). Apesar de não ser necessário se estender na análise do ator turismo nessa pesquisa, segue-se aqui para compreender como se conforma a ação em torno do Plano Diretor de Turismo num breve panorama.

De acordo com o documento “Orientações para a Atualização do Mapa do Turismo Brasileiro” (2017), o Ministério do Turismo define como Região Turística “o espaço geográfico que apresenta características e potencialidades similares e complementares, capazes de serem articuladas e que definem um território, delimitado para fins de planejamento e gestão” (MTur, 2006).

A partir de tal definição e devido às informações obtidas no “1º Seminário do Turismo de São Bento do Sapucaí” (2017) tem-se que São Bento do Sapucaí encontra-se na Região Turística do Vale do Paraíba e Serras, juntamente com os municípios de São José dos Campos, Pindamonhangaba, Piquete, Campos de Jordão, Santo Antônio e Monteiro Lobato. Sendo que para integrar tal região, o município precisa seguir os seguintes critérios, compromissos e recomendações, conforme o quadro:

---

<sup>17</sup>Informações retiradas do documento do Ministério do Turismo: Programa de Regionalização do Turismo: diretrizes. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/images/programas\\_acoes\\_home/PROGRAMA\\_DE\\_REGIONALIZACAO\\_DO\\_TURISMO\\_-\\_DIRETRIZES.pdf](http://www.turismo.gov.br/images/programas_acoes_home/PROGRAMA_DE_REGIONALIZACAO_DO_TURISMO_-_DIRETRIZES.pdf)>

Quadro 6: Critérios, Compromisso e Recomendações para o Município.

EXIGÊNCIAS MÍNIMAS	COMPROMISSOS	RECOMENDAÇÕES
1) Possuir órgão responsável pela pasta de turismo (Secretaria, Fundação, Coordenadoria, Departamento, Diretoria, Setor, Gerência) <sup>7</sup> .	1) Indicar um representante municipal responsável pela interlocução do Programa de Regionalização do Turismo e por participar ativamente da instância de governança regional.	1) Se um município está vinculado à uma região por sua importância turística, pelo fornecimento de produção associada ao turismo ou de serviços de apoio ao turismo, sugere-se mantê-lo no mapa. Se integram a região apenas por serem limitrofes, sem caracterizar qualquer atividade vinculada ao desenvolvimento do turismo na região, sugere-se que sejam excluídos do mapa.
2) Destinar dotação para o turismo na lei orçamentária anual vigente <sup>8</sup> .	2) Destinar, anualmente, recursos orçamentários para o turismo.	
3) Apresentar Termo de Compromisso assinado por Prefeito Municipal ou dirigente responsável pela pasta de turismo, conforme modelo disponibilizado no Sistema, aderindo de forma espontânea e formal ao Programa de Regionalização do Turismo e à Região Turística.	3) Constituir ou reativar o colegiado/conselho de turismo do município, caso ainda não exista ou esteja inativo. 4) Apoiar o desenvolvimento do turismo regional, de forma cooperada. 5) Elaborar um Planejamento Estratégico Integrado à Região, caso ainda não o possua. 6) Participar ativamente da Instância de Governança Regional, caso exista.	

Fonte: Documento – “Orientações para a Atualização do Mapa do Turismo Brasileiro 2017”

A relevância do Programa de Regionalização do Turismo para o município é percebida em sua gestão e planejamento municipal, o que possibilitou que recebesse um “Posto SEBRAE Aqui”. De modo extraordinário, pois sua população é menor que a permitida para esse feito (maior que 20 mil habitantes). Além disso, o posto serve como referência para outros municípios que integram a Região Turística Vale Paraíba e Serras, como Campos do Jordão e Santo Antônio do Pinhal.

Em paralelo e para legitimar a participação do município, em 2017 foi aprovado o “Plano Diretor de Turismo 2017-2020” cujos princípios, objetivos e diretrizes correspondem às exigências do documento “Orientações para a Atualização do Mapa do Turismo Brasileiro 2017”. Abaixo as etapas do planejamento para a primeira fase do Plano Diretor de Turismo.

Figura 52: Captura de Tela - 1º Fase do Plano Diretor de Turismo



Fonte: Adaptado de: <http://www.abet.tur.br/plano-diretor-de-turismo-sao-bento-do-sapucaí-sp/>

A partir da elaboração do Plano Diretor de Turismo foi possível identificar o perfil do município por meio da realização do Inventário Turístico de São Bento do Sapucaí. Para levantamento desses dados, a Agência Brasileira de Engenharia Turística realizou, no ano de 2016, entrevistas em três pontos diferentes, um empreendimento comercial, o Monumento Natural da Pedra do Baú e a região central da cidade<sup>18</sup>.

Como resultados parciais, denominado Demanda Turística, foi definido o número de visitantes que o município recebe ao ano, que é de 147 mil (sendo visitantes pessoas que passam apenas o dia no município). Desse total, 90 mil são considerados turistas. Além disso, foi possível identificar o perfil desse turista. Sendo 74,9% residentes no Estado de São Paulo, 56,3% interessados no contato com a natureza, ou seja, no ecoturismo e 60% de homens e mulheres casados.

Também foram levantados dados para entender como São Bento do Sapucaí recebe esses turistas, o que a Agência Brasileira de Engenharia Turística chamou de Oferta Turística, sendo:

- 6 receptivos e 1 posto de informações turísticas;
- 59 meios de hospedagem: 479 unidades de habitação e 1813 leitos;
- 81 Km de vias de interesse turístico;
- 19 restaurantes com 2564 comensais;
- 27 pontos de interesse turístico com 45 atividades turísticas formatadas.

Essas informações possibilitaram que a Agência Brasileira de Engenharia Turística pudesse traçar estratégias de ação para melhor atender o município, o que resultou em uma política municipal de turismo, além do Plano Diretor de Turismo, com quatro programas: GesTur, InfraTur, CapaciTur e PromoTur, que têm por intuito melhorar as questões referentes a gestão e infraestrutura do município por meio de capacitações para alinhar os empreendimentos turísticos e assim, promover e divulgar já em 2018, o ano do turismo em São Bento do Sapucaí.

Essa nova ação traz elementos inéditos para a compreensão do artesanato. É, aqui, que a ANT se utiliza das múltiplas dobras da objetividade visíveis que permite a aproximação do lugar onde as agências ocorrem. Essas multiplicidades resultantes de diferentes agências são

---

<sup>18</sup> Esses dados foram divulgados durante o 1º Seminário de Turismo de São Bento do Sapucaí.

importantes para não descartar nenhum traço deixado pelas questões de interesse ao longo da pesquisa.

Apesar do levantamento de informações a respeito das ações que performam a ação do ator turismo, é importante salientar que não os ignorar não significa que se deva mergulhar neles a fim de resolver todas as questões ali escondidas. Mas, simplesmente, “certificar-se que sua diversidade não seja prematuramente fechada por uma versão hegemônica de um tipo de questão de fato que reivindique ser o que está presente na experiência” (LATOUR, 2012, p. 174).

Desse modo, se limita ao ator turismo apenas sua ação com o artesanato local, não ignorando as informações levantadas a respeito de como se configurou sua importância no município, e, portanto, optando por manter a descrição dos programas que levaram até o desenvolvimento do Plano Diretor de Turismo.

Retomando a ação turismo-artesanato, chega-se ao elemento site da Prefeitura, pois além de ser um mediador relevante para compreensão dessa ação com citado pela subsecretária de turismo, também traz outra perspectiva do artesanato local. E, portanto, a necessidade de se discutir separadamente a seguir a partir da terceira fonte de incerteza de Latour (2012): os objetos também agem.

## **2.4 OS OBJETOS TAMBÉM AGEM: RASTREANDO O SITE DA PREFEITURA**

Como já colocado anteriormente na seção 1.2.2, a estratégia adotada pela pesquisadora para a sua inserção em campo foi de utilizar como principal auxílio quatro guias turísticos com mapas ilustrados. Tais mapas, datados nos anos de 2011, 2013, 2015 e 2016, possuem informações breves do município, fotos de pontos turísticos, alguns com calendário dos eventos anuais e um mapa ilustrativo com comércios locais e pontos de artesanato. (ANEXO A)

O objetivo desses mapas é trazer aos turistas os principais atrativos da cidade, sendo este o principal recurso de auxílio ao turismo. Ao analisar os mapas é possível observar controvérsias relacionadas aos pontos de artesanato local e a complexidade na interpretação dos mesmos, dificultando o percurso de quem não tem familiaridade com o município por esses atrativos.

Nesse momento da pesquisa tem-se o que Latour (2012) considera ser o fruto de ações heterogêneas, pois os agentes não humanos passam a ter ações sobre os humanos. Quando em contato com os mapas, tem-se o que o autor considera como objetos intermediários e silenciosos passando a assumir o papel de mediadores. Ou seja, os mapas eram até então autônomos e exerciam sua função mesmo sem a interferência da pesquisadora, no entanto, quando os mapas manifestam uma ação heterogênea em conjunto com a pesquisadora se tem acesso a primeira controvérsia gerada por eles. Pois não atendem a função a que se propõem, que é o de facilitar a localização dos turistas em São Bento do Sapucaí.

Aqui, o problema de Design relatado vai além dos artefatos artesanais, pois dificulta o acesso a eles. A análise dessa controvérsia revela outro elemento não humano fundamental para essa compreensão, a representação gráfica utilizada nos mapas. Portanto, aqui, o Design Gráfico encarrega-se do seu papel diante do artesanato local que é o de auxiliar na sua visibilidade. E, portanto, oferece uma nova possibilidade de atuação tendo em vista as interferências que já haviam ocorrido no município. E que tinham por intuito principal transformar o artesanato apenas por meio dos artefatos.

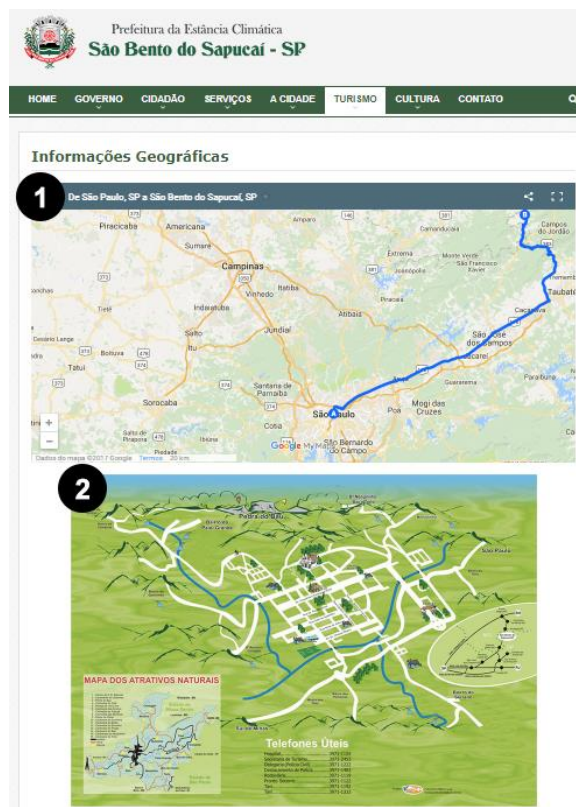
Nesse momento é importante salientar qual a importância das controvérsias para Latour (2012) e Pereira e Boechat (2014). Para eles, elas são ideais para a análise da formação de estruturas sociais, pois evidenciam atores, relações e agências que de outra forma poderiam passar despercebidas. De outra maneira, não seria possível observar essa agência entre o mapa e a pesquisadora e a relevância dela para a compreensão do artesanato local.

Outro ponto importante relatado anteriormente na seção 1.2.3 e que merece destaque para a compreensão da ação dos objetos, se deu no Campo 3 – “Coleta de Dados Oficiais e Fontes Preliminares”, mais precisamente na fala da subsecretária de turismo, que enfatiza a relevância do site da Prefeitura como fonte de dados sobre o artesanato local. E, que, portanto, reforça a perspectiva de Latour (2012) diante da ANT, que diz que os objetos também agem e causam transformações, ou seja, a “continuidade de um curso de ação raramente consiste de conexões entre humanos ou entre objetos, mas, com muito maior probabilidade, ziguezagueia entre umas e outras” (LATOURE, 2012, p. 113).

Deste modo, ao explorar o site e se atendo ainda aos mapas, observa-se que tal recurso se mantém como principal auxílio ao turismo. Isso se justifica, pois, quando em acesso a aba “Turismo” do Menu Principal do site, tem-se como primeira aba a subcategoria “Informações Geográficas”, onde é possível ter acesso ao mapa do *Google Maps* (1) de São Bento do Sapucaí (2) (

Figura 53) e ao mapa ilustrado com os principais atrativos turísticos naturais e informações dos principais acessos ao município. No entanto, tal mapa, apresenta dificuldade e pouca legibilidade das informações, não sendo possível ampliá-lo para melhor interpretação.

Figura 53 Captura de Tela – Informações Geográficas



Fonte: Site da Prefeitura de São Bento do Sapucaí. Disponível em: <https://www.saobentodosapucaí.sp.gov.br/site/informacoes-geograficas/>

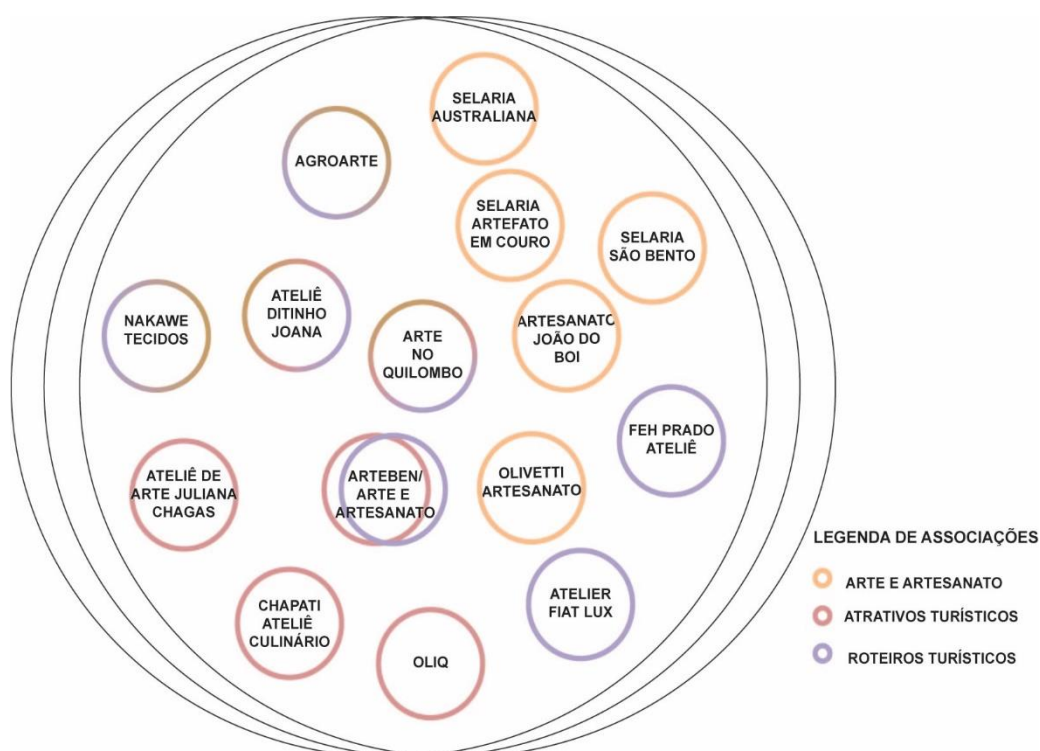
Até esse momento da pesquisa, fica clara a importância assumida pelos atores não humanos para a compreensão deste social tendo em vista as redes que se conformaram até aqui. Portanto, agora, o lema que antes era apenas “siga os atores” passa a ser complementado por “siga os atores enquanto enveredam pelo meio das coisas que acrescentaram às habilidades sociais para tornar mais duráveis as interações em perpétua mudança” (LATOUR, 2012, p.104).

Logo, ao retomar a entrevista realizada com a subsecretária de turismo, onde destaca a necessidade de se atentar também as informações contidas no site, confirma-se que

A ANT não alega, sem base, que os objetos fazem coisas “no lugar” dos atores humanos, diz apenas que nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o quê e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada, embora isso signifique descartar elementos que, à falta de termo melhor, chamaríamos de não humanos. [...] O projeto da ANT cifra-se em ampliar a lista e modificar as formas e figuras dos participantes reunidos, esboçando uma maneira de fazê-los agir como um todo durável. (LATOUR, 2012, p. 109)

Dando sequência a investigação acerca do site, tem-se que a rede responsável pela identificação do artesanato local formada é pelos atores representados abaixo, que estão identificados por três diferentes cores que fazem referência às categorias que estão localizados, sendo elas: “Arte e Artesanato”; “Atrativos Turísticos” e “Roteiros Turísticos”. Percebe-se que não há nenhuma associação simbolizando a ação dos atores, visto que, essa rede se propõe apenas a fazer um levantamento de como os pontos de artesanato estão distribuídos no site.

Figura 54: Pontos de Artesanato Site

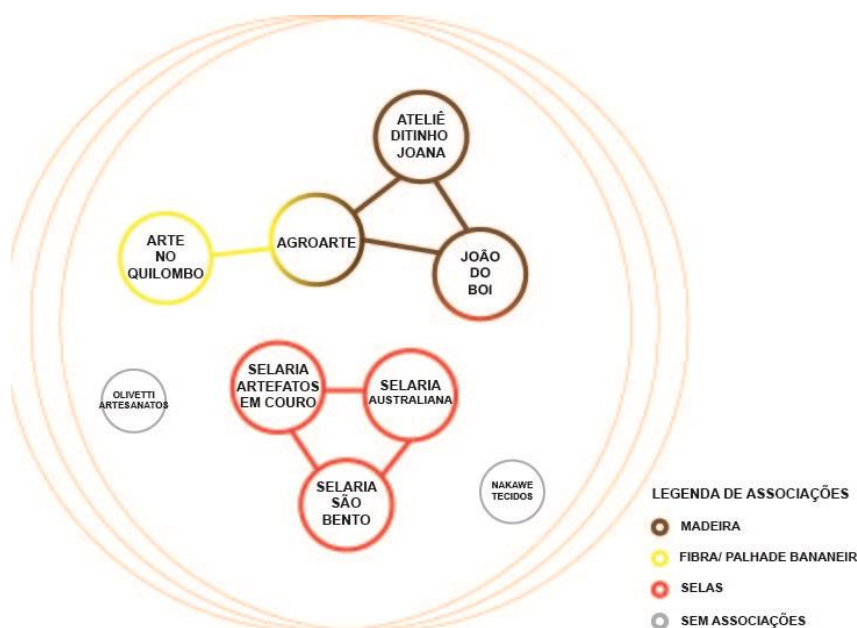


Fonte: elaborado pela autora.

No entanto, apesar de se mostrar necessário esse recorte, a pesquisadora optou por fazer uma breve análise de como se dão as associações em cada categoria do site de modo a listá-las para compreensão do quão vasto é esse mundo social. No entanto, para o que se destina essa pesquisa, se faz necessário reduzir e limitar algumas análises e relatos para não perder o principal, que é a reflexão em torno da relação Design e artesanato. E, portanto, as redes aqui representadas serão tidas apenas como um modo de exemplificar a teoria utilizando dos dados levantados.

Desse modo, dando sequência a investigação do artesanato no site, tem-se a primeira rede, de acordo com a primeira destinada a tal, localizada na aba “Turismo”, “Arte e Artesanato”. Posteriormente, segue-se para as redes ilustradas pela figura 55, a qual representa a categoria “Atrativos Turísticos” e a rede da figura 56, representado a categoria “Roteiros Turísticos”.

Figura 55: Rede Arte e Artesanato



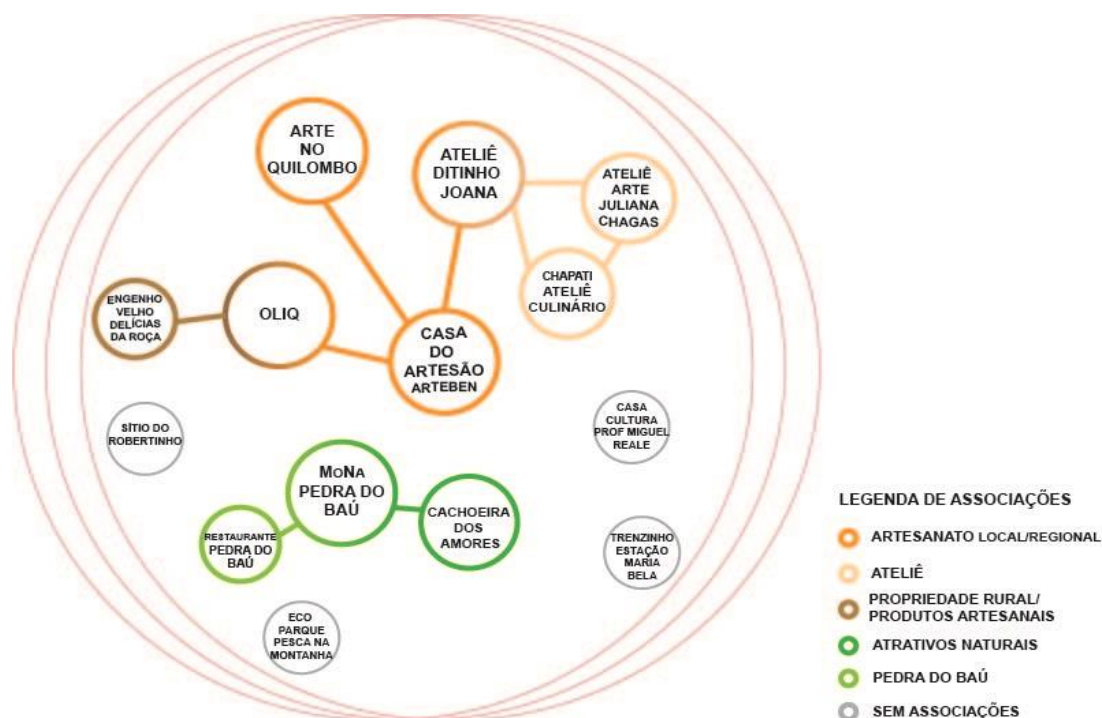
Fonte: elaborado pela autora.

Na rede representada pela

Figura 55, estão distinguidos os principais atores de acordo com as associações de seus materiais, sendo as circunferências maiores os atores com maior nível de agência e as menores, os de menor agência. As associações foram identificadas com diferentes cores que representam o principal material utilizado na produção de seus artefatos.

A variação de cor utilizada no ator “Agroarte” é para identificar a associação relacionada a proximidade de matéria-prima com o “Arte no Quilombo”, no caso, ambos utilizam do resíduo da bananeira. Já a variação do “João do Boi” não se dá pelo material, por isso a ausência de ligação com a associação das selarias, no entanto, se aproxima pela temática relacionada a cavalos.

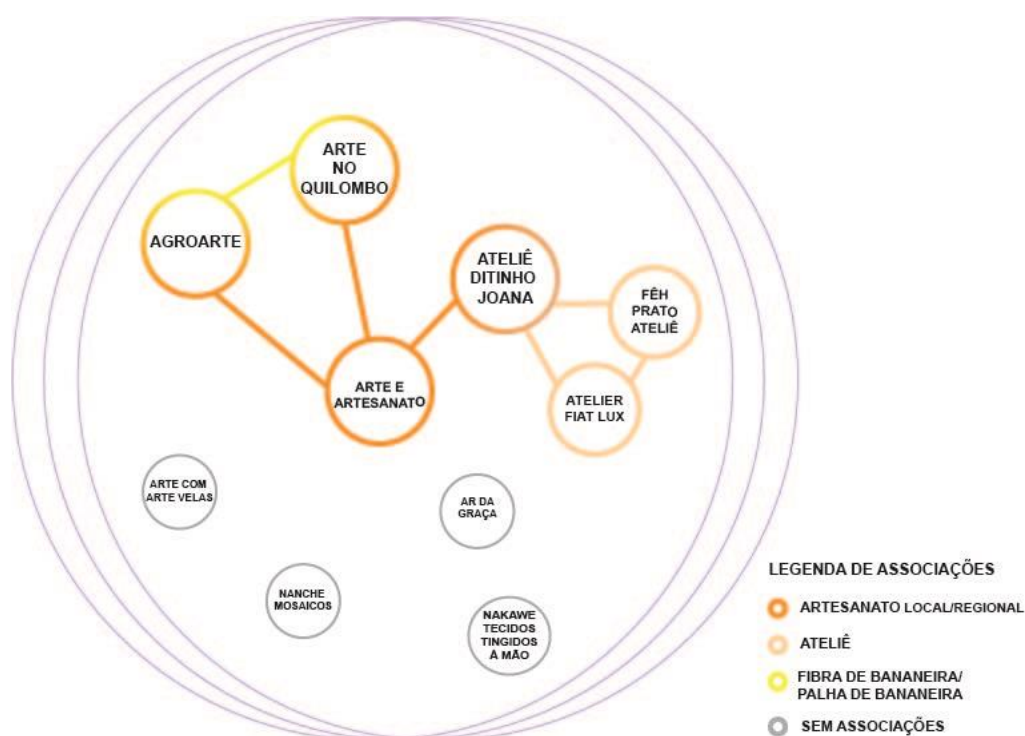
Figura 56: Rede Atrativos Turísticos



Fonte: elaborado pela autora.

Já para a representação da rede de Atrativos Turísticos acima optou-se pela classificação de acordo com a categoria artesanal a qual se enquadram e sua associação com o Monumento Natural da Pedra do Baú. Neste caso, os atores maiores são representados pelos principais pontos de artesanato e aqueles que se repetem da primeira rede. Também se optou por trazer os atrativos turísticos naturais, relacionados ou não, com o Monumento Natural da Pedra do Baú, por compreender a relevância de tais para o entendimento dessa rede.

Figura 57: Rede Roteiros Turísticos



Fonte: elaborado pela autora.

A rede aqui representada, traz como principais atores e de maior circunferência os que repetiram nas redes anteriores. Sendo as associações realizadas a partir das semelhanças identificadas entre eles, tipo de artefato produzido (artesanato local/regional), caráter do local de comercialização (ateliê) e material utilizado (fibra/palha de bananeira). Já os demais atores representados em cinza não apresentam associações relevantes para o entendimento dessa rede.

Apesar da breve análise levantada nessa seção a respeito da importância dada a ação dos objetos destaca-se, mais uma vez, a necessidade de não se ampliar a discussão em torno desses dados, o que é justificado seguinte afirmação de Latour (2012):

Quando definimos o controle de qualidade dos relatos da ANT, temos de ser bastantes escrupulosos e constatar se realmente o poder e a dominação são explicados pela multiplicidade de objetos aos quais se atribui um papel capital e que são transportados por veículos empiricamente visíveis. (LATOUR, 2012, p.123)

Portanto, compreende-se o site da prefeitura como sendo um ator não humano responsável por um vínculo social importante para a compreensão dessa pesquisa, visto que é

tido como um veículo empírico responsável pelo armazenamento de informações de como se configura esse artesanato, mas que também se dá pela ação de um ator humano, a subsecretária de turismo, que é a responsável pelo desenvolvimento do conteúdo e alimentação do site.

Por fim, conclui-se que, “os objetos pela própria natureza de seus laços com os humanos, logo deixam de ser mediadores para se transformarem em intermediários, assumindo importância ou não, independentemente de quão complicados possam ser por dentro” (LATOUR, 2012, p.119). Nesse momento, o site se torna então um intermediário responsável apenas por armazenar informações que foram utilizadas para compreensão a respeito do artesanato local.

## **2.5 PRINCÍPIO DE IRREDUÇÃO E TRADUÇÃO: AS NOVAS CONEXÕES DA RELAÇÃO DESIGN E ARTESANATO**

Nesse momento, a quarta fonte de incerteza descrita por Latour (2012): questão de fato *versus* questão de interesse, é adotada no que se refere ao papel do social de não apenas ser explicado, como também, fornecer a explicação. Aqui, tal incerteza foi resumida à apenas dois termos principais que justificam alguns desdobramentos resultantes do rastreamento dos atores e o surgimento de novos elementos para além do Design e artesanato, são eles: princípio de irredução e tradução.

Atores como o turismo e o site da prefeitura integram essa pesquisa não somente com o intuito de revelar informações sobre o artesanato, mas também, como uma nova possibilidade de atuação do Design nessa relação. Pois aqui, o Design é visto como uma ferramenta capaz de propor novas maneiras de representação e divulgação desse artesanato, o que, não interfere diretamente na sua relação com o ciclo de produção e reforça a proposta dessa pesquisa, que é de trazer o “olhar do Design” como recurso principal. Estas novas associações são entendidas por Latour como “Princípio de Irredução”:

Ainda não sabemos como todos esses atores estão ligados, mas podemos declarar como a nova posição preestabelecida antes do estudo começar, que todos os atores que vamos desdobrar podem estar associados de tal modo que eles *fazem outros fazerem coisas*. Isso não se faz transportando-se uma força que permaneceria a mesma por todo o percurso como um tipo de intermediário fiel, mas gerando *transformações* manifestadas pelos numerosos *eventos* inesperados desencadeados nos outros mediadores que os *seguem* por toda parte. Foi a isso que chamei “princípio de irredução” e tal é o significado filosófico da ANT: a concatenação dos mediadores não traça as mesmas ligações e não requer o mesmo tipo de explicações como um séquito de intermediários transportando uma causa. (LATOUR, 2012, p.158)

Para além disso, tem-se o que o autor entende por “tradução”, ou seja, “para designar essa coisa que não é nem um ator entre muitos, nem uma força por trás de todos os atores transportados por meio de um deles, mas uma conexão que transporta, por assim dizer, transformações” (LATOURET, 2012, p.160). Portanto, dar-se-á continuidade ao que o Latour (2012) aponta como relevante: rastrear conexões. E assim, segue abaixo tais conexões resultado da visualização e interpretação dos dados levantados tanto por meio do campo, quanto pela análise do site.

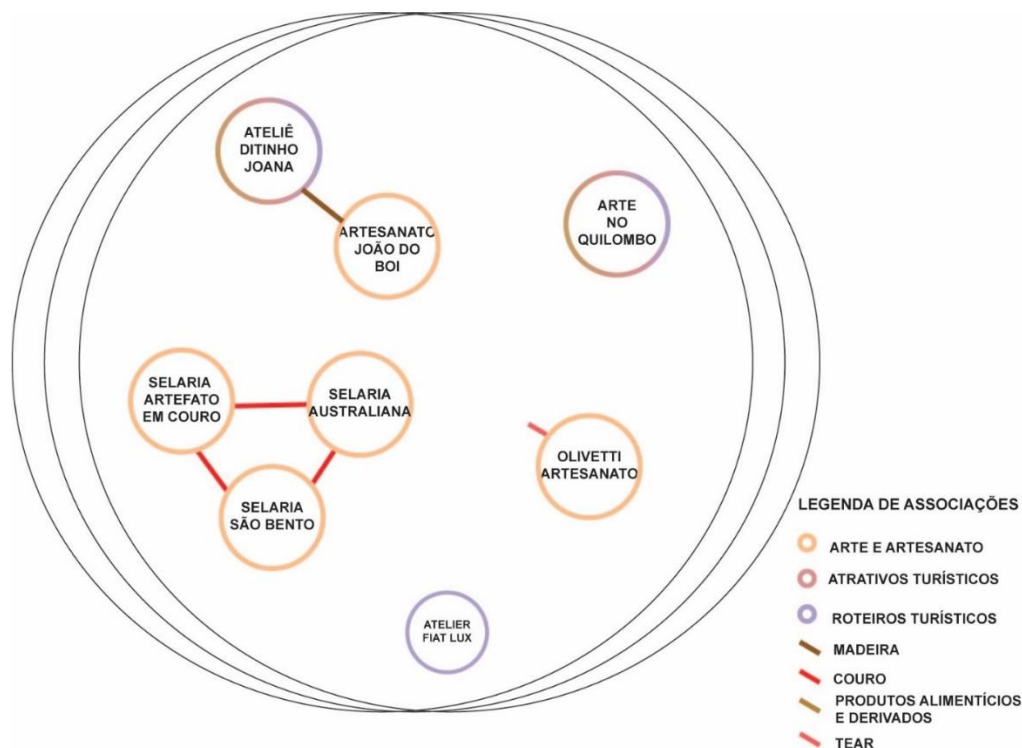
Figura 58 Design e Artesanato



Fonte: elaborado pela autora.

A rede “Design e Artesanato” aqui representada traz a conformação de acordo com três atores principais: Villa Cantagalo, Arte no Quilombo e Agroarte e seus respectivos mediadores: Renato Imbroisi por meio do diagnóstico e intervenção na criatividade artesanal utilizando a técnica do bordado; o SEBRAE com enfoque para o artesanato mercadológico e introdução da palha de bananeira e o Agroarte por estímulo de uma amiga decoradora e autodidatismo do artesão para a implantação da técnica de extração da fibra de bananeira.

Figura 59: História dos Materiais no Artesanato



Fonte: elaborado pela autora.

Já a rede “História do Materiais no Artesanato” traz como principais atores: Ateliê Ditinho Joana, Artesanato João do Boi, Selaria Artefato em Couro, Selaria Australiana, Selaria São Bento, Arte no Quilombo e Olivetti Artesanato. Sendo mediados pelos materiais que representam a história do artesanato no município: madeira, couro, palha de milho e tear, descritos no Campo 1.

Além disso, o ator “Atelier Fiat Lux” foi identificado no mesmo campo e compreendido como parte do histórico atual de introdução de materiais para novas possibilidades de geração de renda no município.

A rede aqui representada tem por base a representação de como o artesanato é visto pela perspectiva do site da prefeitura de São Bento do Sapucaí. Sendo identificados somente os atores que a pesquisadora identificou como sendo relevantes para a compreensão da

configuração deste artesanato local. Tais atores estão identificados pelas cores das categorias que estão enquadrados no site.

A partir dessa rede e do entendimento das controvérsias observadas em suas descrições no site, tem-se aqui algumas em destaque:

- Das três categorias em que está localizado o Ateliê Ditinho Joana, cada uma apresenta um endereço diferente. Em “Arte e Artesanato”, como pode ser observado no Quadro 2, consta como endereço: Estrada do Quilombo km 3. Na categoria “Atrativos Turísticos”, no Quadro 11, Estrada Vereador Benedito Cândido Ribeiro, km 2,5 – Quilombo. E na categoria “Roteiros Turísticos”, no Quadro 20, Rua Projetada, 42 – Bairro do Quilombo. Ao analisar essas diferenças e em acesso ao site do Ateliê Ditinho Joana<sup>19</sup> e visita ao *locus*, tem-se que o verdadeiro endereço é Rua Projetada, 42 – Bairro do Quilombo. Além disso, cada categoria apresenta uma alteração referente ao descritivo, que não apresentam tanto problema, visto que, ambos trazem o principal material utilizado, a madeira.
- O Arte no Quilombo, assim como o Ateliê Ditinho Joana, teve seus endereços modificados de acordo com a categoria. Em “Arte e Artesanato”, Quadro 8, Estrada do Quilombo km 3. Em “Atrativos Turísticos”, Quadro 10, Estrada Vereador Benedito Cândido Ribeiro, km 2,5 – Quilombo. E na categoria “Roteiros Turísticos”, no Quadro 19, Rua projetada – Bairro do Quilombo. Os endereços alterados nas categorias são os mesmos referentes ao Ateliê Ditinho Joana, porém, ambos não estão localizados no mesmo endereço. Em consulta ao site<sup>20</sup>, tem-se que o endereço atual é Estrada Vereador Benedito Cândido Ribeiro, SN – Bairro do Quilombo. Além disso, os dias de funcionamento também apresentam alterações, sendo que na categoria “Arte e Artesanato”, traz como aberto diariamente e nas outras categorias, apenas, de terça a domingo. Os descritivos também se modificam de acordo com a categoria em

---

<sup>19</sup> <http://www.atelieditinhojoana.com.br/>

<sup>20</sup> <http://www.artenoquilombo.com.br/localizacao.html>

que se encontram, porém, todos enfatizam a palha ou fibra de bananeira, principais materiais utilizados pelos artesãos.

- O Nakawe Tecidos apresenta discrepâncias quanto ao nome, sendo na categoria “Arte e Artesanato”, Quadro 4, descrito como Nakawe Tecidos e na categoria “Roteiros Turísticos”, Quadro 24, como Nakawe Tecidos Tingidos à mão. No entanto, em acesso ao site<sup>21</sup> encontra-se ainda uma nova denominação, Atelier de Tecidos Nakawe. Também apresenta divergências quanto ao horário de funcionamento, na categoria “Arte e Artesanato”, Segunda a Sábado das 11h às 17h. Domingo das 11h às 14h. E na categoria “Roteiros Turísticos”, diariamente, das 10h às 17h. O site confirma que o horário e dias de funcionamentos corretos são os descritos na categoria “Arte e Artesanato”.
- A discrepância encontrada na análise do Agroarte está relacionada ao seu material, dado que na categoria “Arte e Artesanato” é descrito como sendo a palha de bananeira e madeira. E em “Roteiros Turísticos”, apenas a extração da fibra de bananeira. No entanto, quando realizada consulta ao site<sup>22</sup> percebe-se a importância dessa divergência, pois é bastante valorizada a técnica de extração da fibra de bananeira para confecção de seus artefatos, que exigiu do responsável tempo e dedicação em pesquisas.
- A última discrepância observada trata-se de um mesmo ponto que possui dois nomes diferentes, Arteben - Casa do Artesão na categoria “Atrativos Turísticos” e Arte e Artesanato – Casa do Artesão em “Roteiros Turísticos”, apesar de se tratar do mesmo espaço também sofreram alterações em seus endereços. Visto que, na categoria “Atrativos Turísticos” se apresenta como Rua 7 de setembro, no prédio do antigo Mercado Municipal e em “Roteiros Turísticos”, no Pavilhão de Exposições (Mercado Municipal). Apesar da

---

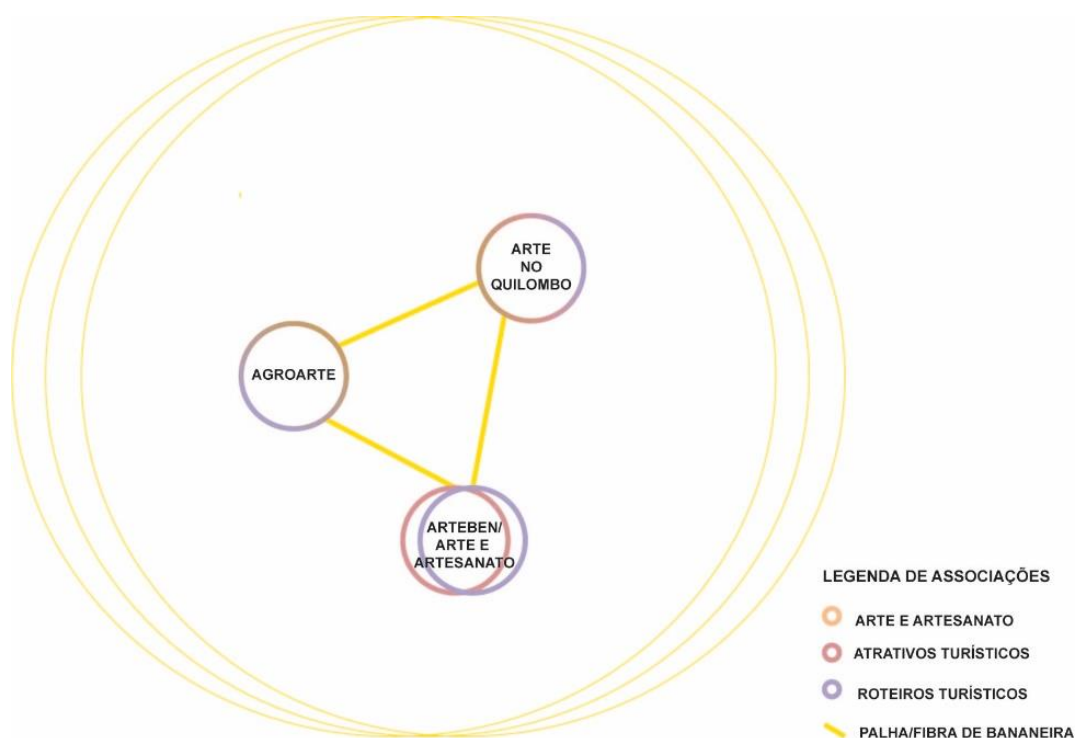
<sup>21</sup> <http://nakawetecidos.com.br/>

<sup>22</sup> <http://agroartemrefb.blogspot.com.br/>

maneira distinta de descrever o endereço, ambos mantiveram o Mercado Municipal como referência.

Tais controvérsias possibilitaram uma nova formação de grupos a partir da análise e interpretação dos dados referentes as redes anteriores possibilitou identificar algumas convergências entre os pontos de artesanato listados. Na rede abaixo foram elencados os pontos que possuem a palha ou fibra de bananeira como material na confecção de seus artefatos.

Figura 60: Rede Artesanato e Bananicultura



Fonte: elaborado pela autora.

A rede representada acima traz a bananicultura como diferencial. Ambos os atores fazem uso de produtos derivados da extração da bananeira, a palha de bananeira pelo Arte no Quilombo e a fibra de bananeira pelo Agroarte. Além disso, esses artefatos podem ser encontrados na Casa do Artesão, aqui representada como Arteben e Arte e Artesanato, que apesar de se tratar do mesmo lugar, optou-se pela representação dos dois nomes, pois integram categorias diferentes, Atrativos Turísticos e Arte e Roteiros Turísticos.

No caso da Agroarte, de acordo com informações retiradas do site<sup>23</sup>, o artesão responsável, por aconselhamento de uma amiga decoradora, se dedicou a pesquisar a extração da fibra de bananeira e sua aplicação. Dos artefatos produzidos se destaca abajures, luminárias e móveis.

Figura 61: Abajures feitos a partir da fibra de bananeira



Fonte: site Agroarte.

Já o Arte no Quilombo, de acordo com informações coletadas em entrevista teve interferência e capacitação do SEBRAE. Os materiais que se destacam são a palha de milho e palha e fibra de bananeira. Atualmente, a associação com cerca de 80 associados, está sediada em um galpão doado por um morador do bairro e com acordo contratual com a prefeitura. Também é um ponto de referência para o município em artefatos que utilizam a palha e fibra de bananeira, possuindo uma coleção desenvolvida em parceria com a loja de móveis, *Tok & Stok*.

---

<sup>23</sup> <http://agroartemrefb.blogspot.com.br/>

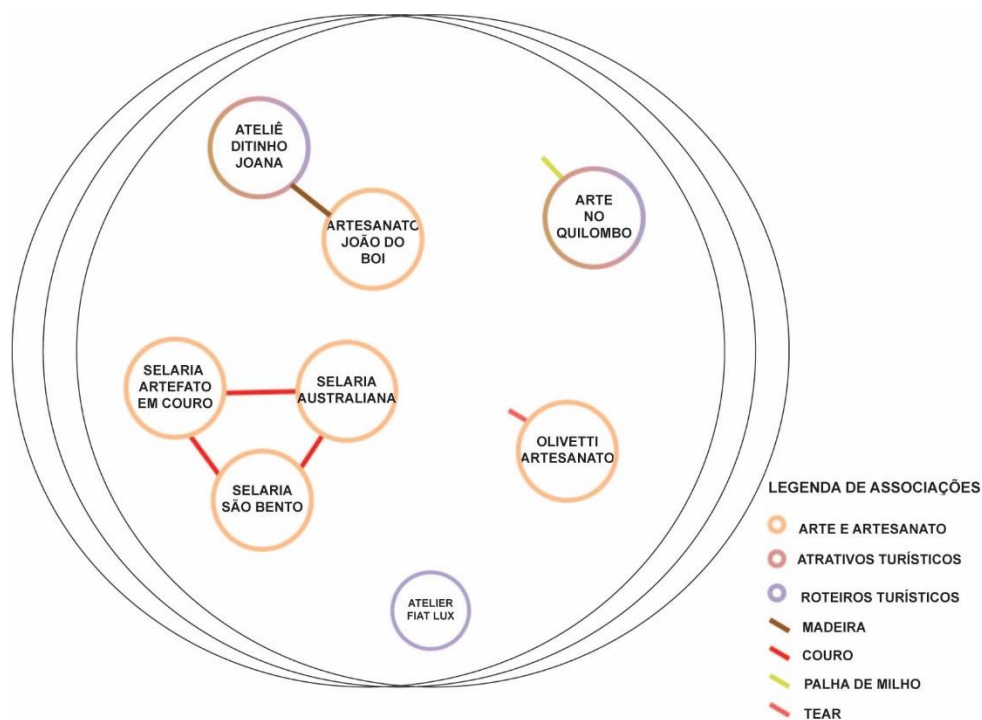
Figura 62: Bandeja Linha Bananada Tok &amp; Stok



Fonte: site da loja Tok&Stok:  
<http://www.tokstok.com.br/vitrine/produto.jsf?idItem=11886&bc>

Como já dito anteriormente, Grecco (2006), descreve que os principais materiais utilizados para a produção de artesanato no município eram a palha de milho, proveniente de a principal base alimentar da época, e o couro dos animais para a produção de diversos artefatos que iam desde móveis a ferramentas de trabalho. Além disso, a madeira também era tida como um material de destaque devido à produção para atender necessidades do lar e de trabalho e o tear, atividade realizada pelas mulheres.

Figura 63: Rede Artesanato e Sobrevivência



Fonte: elaborado pela autora.

A rede acima representa a conformação de uma possível rede a partir dessa perspectiva de classificação. Sendo os principais atores representados pelas categorias que se enquadram no site: a) Arte e Artesanato; b) Atrativos Turísticos e c) Roteiros Turísticos.

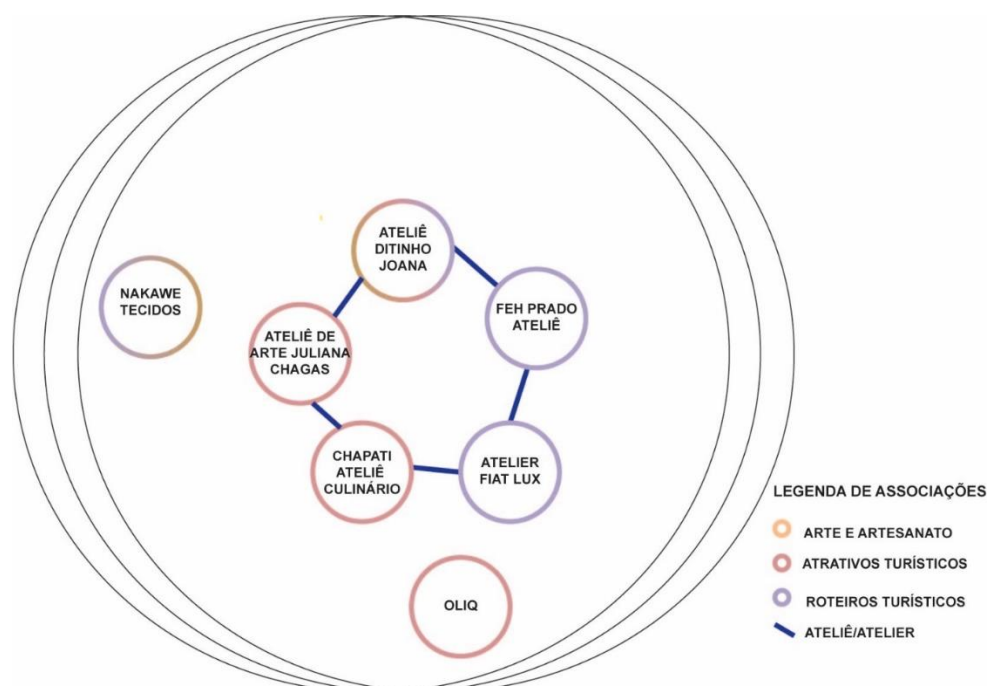
Contudo, apesar de integrarem a mesma rede os atores também apresentam diferentes associações entre si devido ao material, matéria-prima e características de seus artefatos, portanto, é importante enfatizar a importância das ligações nessa legenda, que indicam: a) madeira; b) selas; c) palha de milho e d) tear.

Tanto o Artesanato João do Boi, quanto o ateliê Ditinho Joana utilizam da mesma matéria-prima para a confecção de seus artefatos, a madeira, no entanto, com diferentes técnicas e para públicos diversificados. O Artesanato João do Boi se caracteriza pela produção de figura de boi e cavalo, já no Ateliê do Ditinho Joana é possível encontrar peças mais simples, consideradas pelo artista como *souvenirs*, como porta lápis e chaveiros, até obras de arte que representam personagens e histórias do cotidiano do artista. Tais peças têm valor mais elevado e são destinadas a um público de alto poder aquisitivo.

Apesar de ser reconhecido pela utilização palha de bananeira, o Arte no Quilombo, ainda manteve como material principal a palha de milho, que pode ser considerada um material tradicional local devido à sua utilização desde a fundação do município.

Por fim, as selarias – Artefato em Couro, Australiana e São Bento – por se manterem fiéis a utilização de couro de animais para a confecção de produtos destinados a melhoria nas condições de vida e do trabalho, que vão desde sapatos às selas e o Olivetti Artesanato que foi o ponto onde se identificou a presença de artefatos que utilizam da técnica do tear para confecção de mantas e cobertores.

Figura 64: Rede Artesanato de Experiência



Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com o dicionário Michaelis da Língua Portuguesa<sup>24</sup> ateliê ou atelier significa “1) Local de trabalho de artistas em geral; estúdio; 2) Local de trabalho de artesãos e operários; 3) POR EXT Grupo de artistas ou artesãos que trabalham sob a orientação de um mestre”.

A partir do significado definido pelo dicionário e pelas descrições do site, observa-se que além de ser um espaço de trabalho do artista ou artesão, os ateliês aqui listados buscam promover uma experiência ao turista, porque ademais oferecem um contato direto entre “quem produz” e “quem compra” e vão além da simples comercialização, seja por meio da contação de histórias – Ateliê Ditinho Joana – do processo de criação e oficinas – Nakawe Tecidos, Ateliê de Arte Juliana Chagas e Feh Prado Ateliê - ou novas experimentações, arte e culinária e arte como terapia – Chapati Ateliê Culinário, Oliq e Atelier Fiat Lux.

A rede aqui representada trouxe a associação de alguns destaques devido a um ponto comum bastante evidenciado, a utilização do termo ateliê ou atelier, no entanto, não descartando

<sup>24</sup>Significado retirado do dicionário Michaelis. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/atelie/>>

os outros dois atores também presentes na rede que fazem parte do Artesanato de Experiência – Nakawe Tecidos e Oliq.

A partir dessas conexões é possível observar que a inserção do Design no município se caracteriza estritamente pela atuação do profissional no ciclo de produção e geração dos artefatos, utilizando apenas de aplicação da técnica, não explorando outras possibilidades de atuação nessa relação.

Para, além disso, também é possível observar que a saída do profissional do Design de cena faz com que os artesãos não se sintam à vontade para dar continuidade ao trabalho, pois acreditam não serem capazes de executar aquilo que foi desenvolvido pelos designers. No entanto, acabam desenvolvendo outras alternativas para atenderem suas necessidades. A partir, do capítulo que se segue, retoma-se em detalhes a rede conformada a respeito da atuação do Design no artesanato local.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMO LIMITAR A TEORIA ATOR- REDE NA RELAÇÃO DESIGN E ARTESANATO**

A partir da investigação em torno da relação Design e artesanato na cidade de São Bento do Sapucaí, tem-se que a primeira constatação observada se refere a importância dada ao SEBRAE como mediador dessa rede. E, que ao retomar o panorama histórico dessa relação no Brasil, compreende-se tal relevância, visto que, a atuação do Design no artesanato, para alguns autores, se concretizou via SEBRAE.

No entanto, desde que essa intervenção surge, em meados da década de 1980, já consagra ao Design o papel “salvacionista” capaz de revitalizar o artesanato por meio da implementação de novos elementos técnicos ao ciclo de produção dos artefatos. E, conseqüentemente, quando aliado ao SEBRAE, oferece aos artesãos um “pacote completo”, que vai desde a capacitação até o posicionamento de mercado.

Em São Bento do Sapucaí, percebe-se que essa relação trouxe benefícios tanto para o bairro do Quilombo, quanto para o município, em razão de trazer novas possibilidades de uso de uma matéria-prima abundante que deriva da principal cultura do município. Para além, apresenta novas possibilidades aos demais artesãos.

Porém, a principal crítica trazida ao modelo implantado via SEBRAE, é a mecanização do ciclo de produção, que se assemelha à forma de produção em série, em que cada funcionário/grupo de funcionários fica responsável por um setor com uma função específica com o intuito de aumentar a produção e, conseqüentemente, o lucro. Retomando o caso do Arte no Quilombo, os artesãos passaram a se dividir em grupos, com tarefas previamente estipuladas (molde, corte, tintura etc.). E, devido a esse formato de trabalho, muitos preferem produzir em casa e utilizam do espaço apenas para a montagem final das peças e comercialização destas.

Além disso, a implantação desse modelo, descaracteriza tanto o “fazer” artesanal no que tange o caráter exclusivo de cada peça e o cuidado destinado àquilo desde sua ideação até a produção, quanto na questão do “saber”, dado que, se distancia do conhecimento adquirido por tradição e/ou herança familiar e se atém ao “saber” técnico trazido pelo Design como prática profissional e área de conhecimento. E também, individualiza o trabalho dos artesãos, os diastanciando, e, assim, impedindo que haja um diálogo maior entre eles para que se mobilizem diante do potencial de seu trabalho e do espaço que dispõem.

Nota-se também a recalcitrância em torno do Design como ator que se mantém apenas no que diz respeito à sua inserção no ciclo de produção dos artefatos. Utilizando-se de sua técnica para capacitar os artesãos locais. E, que por consequência, ignora o potencial já desenvolvido por eles.

Do mesmo modo, quando analisada a intervenção trazida pelo designer de artesanato Renato Imbroisi, também se compreende o surgimento de um artesanato refém do Design, que se vê imobilizado diante da descontinuidade do trabalho do profissional. Isso se dá, porque o artesão, neste caso, enxerga o Design apenas como uma área de conhecimento “qualificada”. E, portanto, a figura do designer passa a ser entendida, exclusivamente, como um profissional detentor do “saber” e da técnica. E por tal motivo, se faz capaz de orientar, capacitar e trazer ao artesão uma nova percepção do seu ciclo de produção e geração de artefatos.

No entanto, ao dispor o social do bairro Cantagalo em rede – local onde o designer de artesanato iniciou seu trabalho – observa-se o potencial artesanal destinado, principalmente, a produtos de caráter alimentício, como é o caso do azeite Oliq. E, que parece passar despercebido na realização do diagnóstico, primeira etapa do trabalho do designer. Visto que, buscou estimular uma nova técnica artesanal, o bordado, interferindo tanto na criatividade artesanal quanto no contexto tradicional e cultural do bairro.

Isto posto, justifica a “incapacidade” das artesãs em darem sequência ao trabalho após a saída do designer, pois este apenas as introduz a uma nova técnica a qual ainda não têm domínio e, por consequência, segurança para desenvolver sem o auxílio do profissional, necessitando de um suporte a longo prazo. Contudo, pequenas soluções desenvolvidas, como o desenvolvimento de uma etiqueta para seus artefatos, confirmam, ali, um potencial criativo a ser estimulado para que as próprias artesãs se afirmem de modo autônomo ao Design.

Aqui reforça a importância do papel do artesão assumido nessa relação, que já foi pontuado anteriormente por Santana (2011), que se dá a partir do contato do artesão com as discussões que acontecem sobre sua atividade, com o usuário de seu produto, e que, portanto, são capazes de gerar novos canais de comunicação. Nesse caso, se deu de modo espontâneo para sanar um problema urgente identificado pelas artesãs e, que, apesar de não atender suas expectativas resolveu o problema sem necessariamente depender da figura do designer.

Partindo para a discussão em torno da terceira intervenção, constata-se que como esta se deu de maneira informal, ou seja, sem que houvesse um contrato profissional entre artesão e designer. Observa-se que a autonomia questionada no bairro Cantagalo, aqui, se faz presente. Visto que, o artesão responsável pelo Agroarte utiliza-se do material e das dicas da amiga

decoradora como motivação para desenvolver sua própria técnica de extração da fibra de bananeira e o maquinário para sua utilização.

Poranto, ao retomar as perguntas que nortearam esta pesquisa: Como o Design pode se relacionar com o artesanato de São Bento do Sapucaí sem afetar apenas o ciclo de produção de artefatos? E ainda, a ação resultante dessa relação traz benefícios para o artesão/artesanato local? E se a intervenção fruto dessa relação tem continuidade com a saída do Design de cena? As respostas para tais perguntas serão discutidas na conclusão, que aqui, foi denominada como “questão de fato”, fazendo referência ao livro “Reagregando o Social” de Bruno Latour (2012).

#### **4. QUESTÃO DE FATO GERADA POR ESTA PESQUISA**

Como primeira conclusão a esse trabalho, tem-se que a escolha em trabalhar a interdisciplinaridade por meio dos campos de conhecimento Design e Sociologia das Associações (ANT) em paralelo ao campo do “saber” artesanato se mostrou frutífera dentro do que se optou por considerar como interdisciplinaridade, retomado da introdução, “trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias e graus crescentes de intersubjetividade, visando a atender a natureza múltipla de fenômenos complexos” (Documento de Área Interdisciplinar, 2016, p.9).

Isso se deu, principalmente, porque a ANT oferece tanto um aporte teórico quanto empírico, que se torna mais pragmático quando em conjunto com o Design. Aqui também se observa a possibilidade do surgimento de uma nova metodologia, visto que, o Design Gráfico foi capaz de transformar elementos textuais da teoria em conjunto com as informações a respeito do *locus* escolhido, em elementos gráficos que melhorou a visibilidade e, por consequência, a interpretação dos dados obtidos. Além, de também se apresentar como uma nova maneira de inserção do Design no artesanato, que se dá por meio da divulgação de tais dados.

Baseado nisso, ao oferecer um aporte teórico complexo, a ANT possibilitou que houvesse um percurso detalhado a respeito do artesanato local, evidenciando atores, que, até então, passariam despercebidos. Principalmente, por ter como diferencial o princípio de assimetria, que considera os atores humanos e não humanos em agência. Nesse aspecto, trouxe para a discussão em torno do Design e artesanato, elementos relevantes como o mapa e o site

da prefeitura, e as controvérsias geradas por eles, que quando listadas, fornecem explicações necessárias para se resolver questões já estabilizadas antes da entrada da pesquisadora.

E por fim, a discussão em relação a problemática levantada sobre a intervenção do Design no artesanato, segue aqui, reforçada, principalmente, no que se refere ao papel de designer como consultor mercadológico, interferindo de maneira direta no ciclo produtivo, inventando novos produtos para atender mercados distantes da realidade local.

Apesar, da identificação de intervenções quase que exclusivamente unilaterais por parte do Design, tanto como área de conhecimento, prática profissional ou mesmo uma metodologia. Também foram observadas oportunidades que correspondem ao que o economista indiano Amartya Sen (1999) defende para melhorar a atuação do Design no artesanato em três aspectos principais: 1) sua relevância direta para o bem-estar e liberdade do artesão, o que foi identificado de maneira tímida no estudo de caso do Villa Cantagalo relatado anteriormente; 2) sua influência indireta na mudança social e 3) sua influência indireta na produção econômica, ambos os aspectos foram observados nas iniciativas realizadas por meio do Poder Público, mesmo que sem progresso evidente.

E, que mesmo, que o Design ainda se mantenha refém do papel salvacionista destinado a ele, de modo a “imobilizar” os artesãos diante das práticas possíveis de serem executadas e solucionadas por eles, acredita ser possível a relevância do diálogo entre estas duas áreas no sentido de proporcionar diferentes formas de intervenções que vão além da preocupação mercadológica e de comercialização dos artefatos.

Como resultado da interferência do Design no artesanato de São Bento do Sapucaí, na qual se caracteriza esta pesquisa, tem-se um material de caráter descritivo que se baseia no modo como o artesanato se configura atualmente no município, e que, serve de material de consulta tanto para os artesãos, quanto para o Poder Público, de modo a lhes proporcionar uma nova percepção do contexto que estão inseridos. E que tal intervenção não é descontinuada com a saída do designer, pois encontra-se aqui materializada para consulta de dados.

## REFERÊNCIAS

ANASTASSAKIS, Zoy. Triunfos e impasses: Lina Bo Bardi, Aloisio Magalhães e a institucionalização do *design* no Brasil./Zoy Anastassakis. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2011

ANDRADE, T. Inovação e ciências sociais: em busca de novos referenciais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - V. 20 N°. 58 2005

BOECHAT, M. P.; PEREIRA, D. C. Apenas siga as mediações: desafio das controvérsias entre teoria Ator-Rede e as mídias digitais. **Revista Contemporânea | Comunicação e Cultura: Bahia**, 2014 V.12 – N° 03 p. 556-575.

BORGES, A. **Design + artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2013 – 2016**. Brasília: MTur, 2013.

CARDOSO, Rafael. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. **Arcos. Design, cultura material e visualidade**. Rio de Janeiro, vol. 1, n° único, p. 14-39, out., 1998.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução à história do design**. 2ª Edição São Paulo: Edgard Blücher, 2004. 240p.

DE MORAES, D. **Metaprojeto: o design do design**. São Paulo: Blücher, 2010.

FLUSSER, Vilém; CARDOSO, Rafael; ABI-SÂMARA, Raquel. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Editora Cosac Naify, 2007.

FUENTES, R. **A prática do design gráfico: uma metodologia criativa**. São Paulo: Rosari, 2006.

GOMES FILHO, João. **Design do objeto: bases conceituais**. Escrituras, 2016.

GONZALES, Zuleika Köhler; BAUM, Carlos. Desdobrando a teoria ator-rede: reagregando o social no trabalho de Bruno Latour. **Revista Polis e Psique**, v. 3, n. 1, p. 142, 2013.

JAPIASSU, Hilton. A questão da interdisciplinaridade. **Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular. Secretaria Municipal de Educação**. Porto Alegre, 1994.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Nobel, 2009

LATOUR, B. 10 “Where Are the Missing Masses? The Sociology of a Few Mundane Artifacts”. 1992.

LATOUR, B. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_ Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk). **Agitprop: revista brasileira de design**, São Paulo, 2008 p.6(58).

\_\_\_\_\_. **Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

\_\_\_\_\_. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013 (3ª edição). Coleção Trans

LEMOS, André. Você está aqui! Mídia locativa e teorias “Materialidades da Comunicação e “Ator-Rede”-DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v32n54p5-29>. **Comunicação & Sociedade**, v. 32, n. 54, p. 5-29, 2010

LEMOS, A. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

LEON, E. "Design e artesanato: relações delicadas." In: **Revista D'art**: São Paulo, 2005. N.12. Disponível em: <[http://www.centrocultural.sp.gov.br/revista\\_dart/](http://www.centrocultural.sp.gov.br/revista_dart/)> Acessado em 12 de julho de 2015

LUPTON, E. Apresentação. In: ENOBLE, Ian; BESTLEY, Russell. **Pesquisa Visual: Introdução às Metodologias de Pesquisa em Design Gráfico**. Bookman Editora, 2013.

LYNCH, Kevin; CAMARGO, Jefferson Luiz. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGALHÃES, A. **E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Roberto Marinho, 1997.

MANZINI, E. Design, When Everybody Designs: an introduction to design for social innovation (design thinking, design theory). Londres: MIT Press, 2015.

MASCÊNE, Durcelice Cândida, and M. Tesdeche. "Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato." Brasília: SEBRAE (2010).

MEYER, Guilherme Corrêa. O Design-Rede: repensando os interesses do design. **Estudos em Design**, v. 19, n. 1, 2015.

PAULA, Tânia Cristina de. Aproximação entre design e artesanato no Brasil. Conceitos e ações de Lina Bo Bardi e Aloísio Magalhães. In: **8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (8 a 11 de outubro de 2008, São Paulo)**. Disponível em <http://www.acasa.org.br/ensaio.php>. 2008.

PORTOCARRERO, V., (org). **Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens Contemporâneas**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

RODELA, Luciana Graci et al. São Bento do Sapucaí, SP: o artesanato como elemento integrador no desenvolvimento comunitário. **Revista da micro e pequena empresa**, v. 9, n. 2, p. 74-88, 2015.

SANTANA, M.F. "Design e artesanato: Fragilidades de uma aproximação." In: **Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social & Rede de Pesquisadores em Gestão Social**, V.3. Bahia, Nº 2, jul./ dez. 2012. Disponível em: <<http://www.cgs.ufba.br>>, acessado em 25 de julho de 2015

SENETT, Richard. **O Artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: *Record*, 2008.

SETHI, R., Duque, C. D., & Vencatachellum, I. (2007). **Designers Meet Artisans: A Practical Guide**. Craft Revival Trust, Artesanías de Colombia & UNESCO.

TONKINWISE, C. “**Is the Social Design a Thing?**” Disponível em: <http://cmu.academia.edu/camerontonkinwise> acessado em março de 2016.

VIANNA, Mauricio. **Design thinking: inovação em negócios**. Design Thinking, 2012.

VIDELA, Ana Neuza Botelho. Joalheria, arte ou design?. 2016.

## ANEXO 1 - O ARTESANTO PELA PERPECTIVA DO TURISMO NO SITE DA PREFEITURA DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

Quadro 7: Artesanato João do Boi

<b>Artesanato João do Boi</b>	
<b>Artefato</b>	Arte em Madeira de Figuras de Boi e Cavalos
<b>Endereço</b>	Vila N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> Aparecida, 101
<b>Horário de Funcionamento</b>	Semana 17h às 22 e Sábado e Domingo 8h às 17h
<b>Telefone</b>	(12) 98173-9161

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/categoria-de-servico/arte-e-artesanato/>

Quadro 8: Ateliê Ditinho Joana

<b>Ateliê Ditinho Joana</b>	
<b>Artefato</b>	Arte em Madeira
<b>Endereço</b>	Estrada do Quilombo km 3.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Diariamente das 8h às 17h
<b>Telefone</b>	(12) 3971-2579
<b>Site</b>	<a href="http://www.atelieditinhojoana.com.br">http://www.atelieditinhojoana.com.br</a>
<b>E-mail</b>	ditinhojoana@hotmail.com

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/categoria-de-servico/arte-e-artesanato/>

Quadro 9: Olivetti Artesanato

<b>Olivetti Artesanato</b>	
<b>Artefato</b>	Artesanatos diversificados, como lembrancinhas, produtos para a casa, brinquedos e vestuário.
<b>Endereço</b>	Av. Conselheiro Rodrigues Alves, 366.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Diariamente das 9h às 18h
<b>Telefone</b>	(12) 3971-1202

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/categoria-de-servico/arte-e-artesanato/>

Quadro 10: Nakawe Tecidos

<b>Nakawe Tecidos</b>	
<b>Artefato</b>	Pintura em tecidos
<b>Endereço</b>	Estrada do Paiol Grande km 13,5 sentido Campista.

<b>Horário de Funcionamento</b>	Segunda à Sábado das 11h às 17h. Domingo das 11h às 14h
<b>Telefone</b>	(12) 99719-8007
<b>Site</b>	<a href="http://www.nakawe.com.br">www.nakawe.com.br</a>

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/categoria-de-servico/arte-e-artesanato/>

Quadro 11: Selaria Artefato em Couro

<b>Selaria Artefato em Couro</b>	
<b>Artefato</b>	Selas arreios confeccionadas artesanalmente
<b>Endereço</b>	Sebastião Ferreira dos Santos, 280
<b>Horário de Funcionamento</b>	Segunda a sexta-feira das 7h às 18h. Aos sábados das 7h às 12h
<b>Telefone</b>	(12) 99776-6970
<b>E-mail</b>	<a href="mailto:selariaartefatosemcouro@hotmail.com">selariaartefatosemcouro@hotmail.com</a>

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/categoria-de-servico/arte-e-artesanato/>

Quadro 12: Selaria Australiana

<b>Selaria Australiana</b>	
<b>Endereço</b>	Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, 150
<b>Horário de Funcionamento</b>	Segunda à sexta das 08h às 17h. Aos sábados das 08h às 12h.
<b>Telefones</b>	(12) 3971-1359   (12) 9 9705-1830

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/categoria-de-servico/arte-e-artesanato/>

Quadro 13: Selaria São Bento

<b>Selaria São Bento</b>	
<b>Tratar</b>	Fernando/Marcos
<b>Endereço</b>	Rua Major Monteiro de Carvalho, 23
<b>Telefones</b>	(12) 3971-2478   (12) 9 9605-8452 (Whatsapp)

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/categoria-de-servico/arte-e-artesanato/>

Quadro 14: Arte no Quilombo

<b>Arte no Quilombo</b>	
<b>Artefato</b>	Arte em Palha de Bananeira
<b>Endereço</b>	Estrada do Quilombo km 3
<b>Horário de Funcionamento</b>	Terça à Domingo das 10h às 18h
<b>Telefone</b>	(12) 3971-2669

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/categoria-de-servico/arte-e-artesanato/>

Quadro 15: Agroarte

<b>AgroArte</b>	
<b>Artefato</b>	Artesanato em Palha de Bananeira e Madeira
<b>Endereço</b>	Rua Dom Antônio de Moraes Junior, 850
<b>Horário de Funcionamento</b>	Diariamente 7h às 17h.
<b>Telefone</b>	(12) 3971-2365

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/categoria-de-servico/arte-e-artesanato/>

Quadro 16: Arte no Quilombo

<b>Arte no Quilombo</b>	
<b>Descritivo</b>	Associação de artesãos do município que trabalham com fibra de bananeira, palha de milho, bambu e outros como crochês.
<b>Endereço</b>	Estrada Vereador Benedito Cândido Ribeiro, km 2,5 – Quilombo
<b>Horário de Funcionamento</b>	Domingo a domingo, das 10h às 18h. Entrada franca.
<b>Contato</b>	(12) 3971-2669   <a href="http://www.artenoquilombo.com.br">www.artenoquilombo.com.br</a>

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/atrativos-turisticos/>

Quadro 17: Ateliê Ditinho Joana

<b>Ateliê Ditinho Joana</b>	
<b>Descritivo</b>	Ateliê de arte esculpida em madeira de lei. O artista Benedito da Silva Santos, mais conhecido como Ditinho Joana, tem renome internacional e já recebeu diversos prêmios por seu trabalho.
<b>Endereço</b>	Estrada Vereador Benedito Cândido Ribeiro, km 2,5 – Quilombo
<b>Horário de Funcionamento</b>	Diariamente, das 8h às 17h. Entrada franca.
<b>Contato</b>	(12) 3971-2579   <a href="http://www.atelieditinhojoana.com.br">www.atelieditinhojoana.com.br</a>

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/atrativos-turisticos/>

Quadro 18: Ateliê de Arte Juliana Chagas

<b>Ateliê de Arte Juliana Chagas</b>	
<b>Descritivo</b>	Ateliê de artes (pintura em telas) e oficinas
<b>Endereço</b>	Rua Abade Pedrosa, 88 Centro.
<b>Horário de Funcionamento</b>	De quarta a domingo, das 10h às 17h. Entrada franca.
<b>Contato</b>	(12) 9 9165-6582

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/atrativos-turisticos/>

Quadro 19: Casa do Artesão - Arteben

<b>Casa do Artesão - Arteben</b>	
<b>Descritivo</b>	Loja de artesanato da Associação Arteben, onde se pode encontrar produtos de artesãos de todo o município.
<b>Endereço</b>	Rua 7 de setembro, no prédio do antigo Mercado Municipal.
<b>Horário de Funcionamento</b>	De terça a sábado, das 9h às 18h; aos domingos, das 10h às 18h. Entrada franca.
<b>Contato</b>	(12) 9 9723-2889

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/atrativos-turisticos/>

Quadro 20: Chapati – Ateliê Culinário

<b>Chapati – Ateliê Culinário</b>	
<b>Descritivo</b>	Ateliê que une o ambiente das artes plásticas com o sabor de um ateliê culinário.
<b>Endereço</b>	Rua 7 de setembro, no prédio do antigo Mercado Municipal.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Quarta a domingo, das 10h às 17h. Às sextas e sábados com jantar. Entrada franca.
<b>Contato</b>	(11) 9 7573-5940

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/atrativos-turisticos/>

Quadro 21: Oliq

<b>Oliq</b>	
<b>Descritivo</b>	Propriedade onde se encontra desde o cultivo de oliveiras até o processamento e comercialização de azeite extra virgem de excelente qualidade e em diferentes variedades. Possui ainda loja de produtos artesanais.
<b>Endereço</b>	Estrada do Cantagalo km, 8 – Próximo ao bairro Cantagalo.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Sábados, domingos e feriados das 10h às 17h em outros dias, sob agendamento. Entrada franca.
<b>Contato</b>	(35) 9 9168-8829

Adaptado de: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/atrativos-turisticos/>

Quadro 22: Agroarte

<b>Agroarte</b>	
<b>Visitação</b>	O ano todo
<b>Entrada</b>	Franca
<b>Endereço</b>	Rua Dom Antônio Afonso de Moraes Junior, 850.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 7h às 17h
<b>Dias da Semana</b>	Todos os dias
<b>Telefone</b>	(12) 3971-2365
<b>Descritivo</b>	Produtos confeccionados artesanalmente extraídos da fibra de bananeira de forma ecologicamente correta.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

Quadro 23: Arte e Artesanato

<b>Arte e Artesanato</b>	
<b>Visitação</b>	O ano todo
<b>Entrada</b>	Franca
<b>Endereço</b>	Pavilhão de Exposições (Mercado Municipal)
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 9h às 18h
<b>Dias da Semana</b>	Terça a Domingo
<b>Telefone</b>	(12) 3971-1346
<b>Descritivo</b>	Casa do artesão Sambentista. É nesse local que nossos artistas comercializam seus trabalhos.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

Quadro 24: Nanche Mosaicos

<b>Nanche Mosaicos</b>	
<b>Visitação</b>	O ano todo
<b>Entrada</b>	Franca
<b>Endereço</b>	Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, 143
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 8h às 18h
<b>Dias da Semana</b>	Segunda a Sábado
<b>Telefone</b>	(12) 98134-2834
<b>Descritivo</b>	Ateliê de mosaicos onde são expostas e comercializadas peças feitas por artistas sambentistas.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

Quadro 25: Arte no Quilombo

<b>Arte no Quilombo</b>	
<b>Visitação</b>	O ano todo
<b>Entrada</b>	Franca
<b>Endereço</b>	Rua Projetada – Bairro do Quilombo.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 10h às 18h.
<b>Dias da Semana</b>	Terça a Domingo.
<b>Telefone</b>	(12) 3971-2669
<b>Descritivo</b>	Espaço onde são apresentadas peças artesanais confeccionadas pelos moradores do Bairro do Quilombo. Destaque para as peças em palha de bananeira.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

Quadro 26: Ateliê Ditinho Joana

<b>Ateliê Ditinho Joana</b>	
<b>Visitação</b>	O ano todo
<b>Entrada</b>	Franca
<b>Endereço</b>	Rua Projetada, nº 42 – Bairro do Quilombo
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 8h às 17h
<b>Dias da Semana</b>	Diariamente
<b>Telefone</b>	(12) 3971-2579
<b>Descritivo</b>	Escultor renomado que tem suas peças de madeira retrata a vida na roça.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

Quadro 27: Atelier Fiat Lux

<b>Atelier Fiat Lux – Atelier Terapêutico</b>	
<b>Visitação</b>	O ano todo
<b>Entrada</b>	Franca
<b>Endereço</b>	Praça Cônego Bento de Almeida Nº 442 – Centro.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 9h às 18h.
<b>Dias da Semana</b>	Finais de Semana e feriados.
<b>Telefone</b>	(12) 3971-1497
<b>Descritivo</b>	Os trabalhos do ateliê são frutos de uma procura criativa e inventiva, na ânsia de recriar a vida a cada dia. Esta procura acontece nas dimensões pessoais e comunitárias de crianças especiais e pessoas que sofrem de depressão e, desse modo, permitem que os sentimentos sejam aflorados confeccionando belíssimos trabalhos feitos em vidro.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

Quadro 28: Arte com Arte

<b>Arte com Arte – Velas Artesanais</b>	
<b>Visitação</b>	O ano todo
<b>Entrada</b>	Franca
<b>Endereço</b>	Estrada Municipal Jandira da Silva Costa Nº 549 – Bairro do Quilombo.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 9h às 17h.
<b>Dias da Semana</b>	Todos os dias.
<b>Telefone</b>	(12) 3971-1831
<b>Descritivo</b>	Fabricação artesanal de velas, fontes e abajures em parafinas.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

Quadro 29: Ar da Graça

<b>Ar da Graça</b>	
<b>Visitação</b>	O ano todo
<b>Entrada</b>	Franca
<b>Endereço</b>	Estrada do Paiol Grande – Km 3.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 10h às 19h e domingo das 10h às 16h.
<b>Dias da Semana</b>	De quarta a segunda e feriados.
<b>Telefone</b>	(12) 99608-6565
<b>E-mail</b>	ardagracasbs@gmail.com
<b>Descritivo</b>	Patchwork, sabonete artesanais, artesanato de Juliana Chagas e crochê.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

Quadro 30: Nakawe Tecidos

<b>Nakawe Tecidos Tingidos à Mão</b>	
<b>Visitação</b>	O ano todo
<b>Entrada</b>	Franca
<b>Endereço</b>	Estrada do Paiol Grande km 13,5 sentido Campista.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 10h às 17h
<b>Dias da Semana</b>	Diariamente
<b>Telefone</b>	(12) 99719-8007
<b>Site</b>	<a href="http://www.nakawe.com.br">www.nakawe.com.br</a>
<b>Descritivo</b>	Ateliê onde a arquiteta e artista, Claudia Mattos, trabalha com tecidos tingidos à mão.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

Quadro 31: Feh Prado Ateliê

<b>Feh Prado Ateliê</b>	
<b>Endereço</b>	Estrada Jandira da Silva Costa, 230 – Bairro do Quilombo.
<b>Horário de Funcionamento</b>	Das 10h às 18h
<b>Dias da Semana</b>	Sábado, domingo e feriados (meses de janeiro e julho).
<b>Telefone</b>	(12) 3971-1235 – Fernanda Prado
<b>E-mail</b>	<a href="mailto:fheprado@bol.com.br">fheprado@bol.com.br</a>
<b>Descritivo</b>	Pintura em tela e outros artesanatos feitos com reciclagem.

Adaptado: <https://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/site/roteiro-das-artes/>

ANEXO 2

Figura 65: Mapa ilustrado 2011

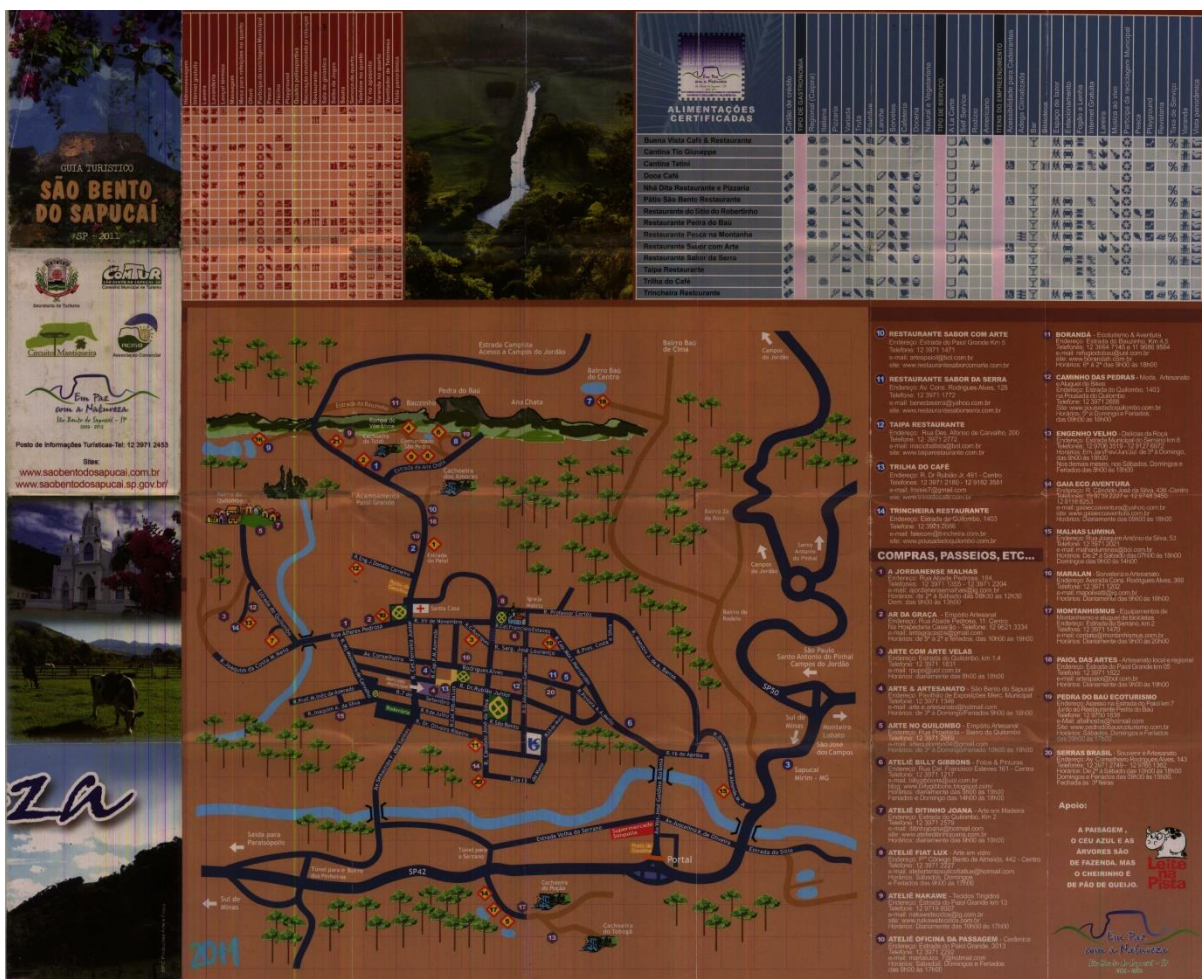


Figura 66: Mapa ilustrado 2013



Figura 67: Mapa ilustrado 2015

